



ENCADERNAÇÃO  
E DOURAÇÃO  
VALLELE  
RUA JULIO CEZAR  
52 E 55-TEL.4039  
RIO DE JANEIRO

Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin



---

TYP. IMPARCIAL DE J. M. N. G. RUA DA CARIOCA N. 34.

---

**A**

# **MORENINHA**

PELO

**Dr. Joaquim Manoel de Macedo.**

Trop occupé pour corriger,  
Je vous livre mes rêveries.  
J'en fais pour me désennuyer.  
(GRESSET.)

**QUARTA EDIÇÃO.**

PUBLICADA

POR

**DOMINGOS JOSÉ GOMES BRANDÃO.**



**RIO DE JANEIRO.**

Vende-se na casa de D. J. G. Brandão, rua da Quitanda n. 70  
— BRANDÃO E IRMÃO, — mesma rua n. 124.

**1860.**



# NOTICIA

DA

# MORENINHA

PELO

*Sr. Antonio Francisco Dutra e Mello.*

*(Extrahida do n. 24 da Minerva brasiliense.)*



O ROMANCE, essa nova fôrma litteraria que se reproduz espantosamente, que mana caudal e soberba da França, da Inglaterra e da Allemanha, tem sido a mais fecunda e caprichosa manifestação de idéas do século actual. He incalculavel o numero de paginas semivivas, pallidas e esboçadas, raramente sublimes; consoladoras ou asceticas, mas com frequencia dotadas de um verniz brilhante, d'hum colorido fogoso, que a improvisação enthusiasmada pela mania d'hum mundo de leitores arranca do berço horaciano onde hum novennio de cuidados as aguardava. Fluctuando aqui e ali hum publico insaciavel as abraça, devora-as com avidéz, deixa-as com indifferença, calca, rola na pocira e esquece para sempre.

Não foi conhecido o romance pela antiguidade; a fôrma épica centralizando n'hum só homem raios de luz dispersos, personificando n'hum figura hum

século e annexando e fazendo entrar no seu vasto molde a gloria e feitos de huma e mais gerações : a tragedia, medindo o alcance de huma situação, extrahindo á força de genio e reflexão tudo o que ella offerece, levantando-se ás grandes idéas religiosas, politicas e philosophicas, não podiam ser coevos do espirituoso e vivo narrador das scenas domesticas, do apreciador das qualidades parciaes, da vida objectiva, dos caractéres isolados meio-comicos. O drama, e tão sómente o drama, podia raiaar no horizonte quasi nos fógos da aurora do romance — Shakespeare e Cervante deviam brilhar no mesmo século.

O Romance he pois nascido em tempos mais recentes; e se o consideramos no pé em que está hoje, elle he genuino filho deste século. Sentio huma necessidade que se pronunciava; votou-se a prehe nchel-a e fez-se huma potencia. Esposando a imprensa jornalistica tornou-se hum colosso; mas com dólo ou sem elle, ambos se enganaram: o jornalismo veio a ser exigente; o romance para satisfazel-o desenvolveu fertilidade espantosa — e o aborto começou. Tendo de satisfazer hum gosto que se depravava elle se depravou tambem; esqueceu-se que devia fazer a educação do povo, ou pelo menos de que podia aproveitar o seu prestigio para isso. Penetrando na cabana humilde, na recamara sumptnosa, no leito da indigencia, no aposento do fausto, perdeu de vista o fanal que devia guial-o; deslembrou-se de levar a toda parte a imagem da virtude, a consolação mitigadora, a esperança e o horror do vicio. Demais, mulliplicando-se e invadindo terminos sagrados elle

apregooou as mais exaggeradas pretensões; subdividiu em classes numerosas, que cada huma abrange populações inteiras; torvou-se Protheo sem lembrar-se que — *La force c'est Jupiter, ce n'est pas Prothée*. He bem de crer que meditando sériamente na sua mocidade, elle se arrependa hum pouco da quadra propicia que terá perdido. Avelhantado pelas suas devassidões, lançando os olhos para essa prole immensa de invalidas, monstruosas e cynicas rhapsodias, achará para alivio de sua dôr, aqui, alli apenas hum filho vigoroso, hum Quentin Durward, hum Werther, hum Cinq-Mars, hum Notre Dame de Paris, e poucos outros; e quando em todos ao demais achar verificado o — *urceus exit* do Venusino, abraçando a pedra do sepulchro, cahirá exanime e tremeudo da hora do juizo final da posteridade. A arte revelando-se pela bocca de huma critica posthuma e severa, vendo surgir das catacumbas columnares de olvidados jornaes esse numero sem fim de Quasimodos dir-lhes-ha voltando a face — *Nescio vos*.

Como qner que seja, o romance tem percorrido huma esphera de gloria na Europa; o seu imperio tornou-se exclusivo. Digamos porém, em abono da verdade que se as loucas pretensões do romance philosophico tem mangrado em geral, e o romance historico nos tem dado primores e muitas pennas se crearam reputações continentaes neste genero, e á frente dellas Walter Scott. Em Portugal tem elle prosperado com vigor: — e naturalmente hum povo que se mergulha com saudade na recordação de suas passadas glorias; hum paiz onde varões que emularam com a fortaleza das grandes personagens

da antiguidade, imprimiram na história quadros sublimes de dedicação e valor; oude a cavallaria, os Mouros e os Arabes deixaram vestígios indeleveis, onde huma turma de litteratos fortes nos sentimentos que dicta o amor da patria empunha agora a penna: este paiz, dizemos, não podia deixar de entrever no romance historico a fórma congenita e adaptada ás idéas que nutre. Elle nos tem dado pois algumas paginas tocantes e grandiosas: elle tem sabido interpretar e revelar essas grandes acções, e temos para nós que ainda nos não deu quanto poderá dar-nos. O Sr. Alexandre Herculano he talvez o que mais se tem distinguido na série desses escriptores, e nós lhe votamos em nossa humilde intelligencia os louvores que por certo mercede, mas outhorgados por outra -bocca. Somos demasiadamente microscopicos para ousarmos tecer-lhe encomios.

Entre nós começa o romance apenas a despontar: temos tido esboços tenues, ensaios ligeiros que já muito promettem; mas ainda ninguem manejou, que o saibamos, o romance historico nem tão pouco o philosophico; quanto a este, porém, leve he a perda a serem tomados por modelo os delirios da escola franceza: hum Louis Lambert, por exemplo. E com tudo o romance historico pôde achar voga entre nós; tem huma actualidade que não deve desprezar. As investigações historicas a que deve proceder quiçá trarão luz sobre alguns pontos obscuros que homens devotados á historia do paiz buscam hoje elucidar; pôde tornar-se de envolta moralizador e poetico e bem calir no preceito — *Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci*. Se a vida prosaica

e positiva que o principio eterno da contradicção entre os gostos e as circumstancias do homem nos obriga a ir vivendo, a deixar-nos alguma vaga para recolhermos e ordenarmos algumas idéas sobre esta materia, esperamos cedo voltar ainda á questão.

Quanto ao mais, authores de merecimento, poetas distinctos se tem occupado do romance sentimental e bellas paginas hão produzido; outros generos vão sendo cultivados, e contamos cedo ver-nos indecisos no preferir em frente de numerosos rivaes igualmente aqui!atados em merito. E pois! realizem-se ao menos estas esperanças! pleitei-se hum pouco, debelle-se a indiferença que nos géla, e as fixas côres de hum clima poetico venham collocar-se na palheta do artista!

Por ventura nossa podemos annunciar ao publico que hum novo romance acaba de sahir dos prélos. No meio da tempestade eleitoral em que o positivismo egoista sacia os olhos inda, huma voz d'harmonia ousa espriaiar-se. Huma vagabunda e feiticeira imaginação desdobra suas azas d'ouro e nacar nessa atmosphera corregada de vapôres. As impressões furibundas que a orgia da politica faz retumbar de toda parte parecem querer suffocar-lhe os sons. Pensar na belleza, meditar na virtude, enthusiasmar-se no casto amor das letras, são crimes para elles. Porém almas ha que inda nesta quadra não se desmentem da humanidade: a chamma sagrada arde em silencio em muitos -corações. e queira Deos breve tornada em raio não desça á exterminal-os.

O Sr. Joaquim Manoel de Macedo he felizmente hum daquelles que repelle o contacto desse germen terri-

vel, desse gorgulho que espedaça o fructo de tantos desvelos; e como para consolar-nos da época triste em que lidamos, elle nos outhorga hum mimo, apresenta-nos a — *Moreninha* —, a viva, a espirituosa filha da sua rica fantasia, iugenua e bella, innocente e jovial. Em huma hora de enfado nos appareceu esta interessante creatura, e ao vêl-a tão risonha transpirando ainda o beijo de adeos final que nas faces lhe imprimira o author, nós a tomamos nos braços, e despiudo as rugas do semblante, lhe ouvimos as palavras de ternura, de amor e sentimento que nos murmurava no ouvido. Resta-nos agora agradecer ao author as horas de gosto que nos facultára, e em nome dos auantes das letras, o novo protesto que acaba de lançar contra a indifferença. Para cumprirmos hum dever daremos ao publico huma noticia da sua engenhosa producção — e seja esta a minima recompenza da adhesão e amor que nutre pelo ideal.

Podesse ou não o author lançando mão de huma grande verdade moral circumdal-a de factos envolvendo-a n'huma acção qualquer e fazel-a sobressahir da luta e successão desses factos; ou inversamente, attentando hum facto e as consequencias etnologicas nelle englobadas, desenvolve-as no correr d'hum plano; podesse ou não tomar huma grande figura historica, huma paixão transcendente, ou na escalla do amor hum gráo de maior vulto, dedicação e nobreza, huma abnegação sublime, e tratat-a com toda a expansibilidade do talento que possui: isso nos não diz respeito, he questão fóra de ultra-critica. Devem aceitar a sua producção tal qual, collocarmo-nos no ponto de vista para que a destinára, e compararmos

a idéa que possuía e a maneira porque nol-o traduziu. Tal he o nosso dever, e gostoso nos he dizer que o author desempenhou completamente o fim que se propoz.

Hum desses amores de infancia que a *sympathia* gera, que hum não-seí-que vigora, e que o tempo consolida; hum amor abençoado pela voz moribunda d'hum ancião, nascido e embalado com a caridade em dous tenros corações; esse amor de hum jovem de treze annos e d'hum anjo de oito, fórma o centro de todo o movimento. Scenas da vida escholastica cujo quadrar exato com a verdade nenhum estudante negará, huma inconstancia inqualificavel, mas fundada, quadros da vida amatoria da juventude inconsiderada, episodios bem combinados, se engrupam, se harmonisam e realçam com belleza o todo.

O romance estreia interessante;— o primeiro capitulo he d'hum acabado inquestionavel: tudo o que se passa nelle he tão natural, tão expressivo que a imaginação nol-o apresenta ainda como se viramos. O dialogo he rapido, insinuante, e cheio de vida; os caractéres bem annunciados e o contraste entre a figura molle graciosa e romantica de Augusto e a índole positiva, secca e egoista dos seus collegas, faz hum bello effeito. Os ataques que soffre e a defeza que lhes oppõe o campeão da volubilidade, tem por vezes muita agudeza e pico. — Para nós, que desejamos no dialogo tanta energia como anciedade no enredo, he este hum dos principaes titulos do nosso author a justos louvores.

A carta de Fabricio, aprendiz sem vocação, que sahindo do seu elemento suffoca-se n'huma atmos-

phera mais subtil, he cheia de pedaços comicos, e d'algumas observações sobre o character das nossas bellas que lhes devem desagradar sobremodo. Os principios cynicos do perfido estudante são detestaveis; e huma vimos nós sériamente agastada contra elle saciar vingança ao vê-los em taes apuros. Em confiança diremos ao author que huma senhora de muita perspicacia o accusa altamente de haver tratado com leveza a paixão predilecta do seu sexo; de ter calumniado o coração feminino, e de ter feito tão aprazivel hum episodio que tanto as offende (pensa ella).

Transportemo-nos agora ao fóco da acção, a essa ilha encantada de cuja descripção dispensou-nos o bom gosto do author: dizemos bom gosto, porque o elemento descriptivo, (pedra de toque aliás do merito poetico) he hoje tão insulsamente empregado que meños interessa do que fatiga. Aquí bem longe de traçar-nos huma topographia exacta do salão, de desenrolar-nos brilhantes hypotypósis ou de espraçar-se em longas observações pathologico-moraes sobre toda a companhia, o autor define as senhoras em duas palavras e chegando aos homens diz: — Quanto aos homens... não vale a pena. — Vamos adiante. Isto nos agrada muito e em verdade parece-nos muito melhor deixar transluzir e manifestar-se pelos factos o character de huma personagem, do que fatigar-se ao principio em discovel-o. A synthese neste caso pertence ao leitor, e nisto se baseia a fórmula dramatica. Do mais os factos bem produzidos poupam longas preparações ao author e fazem nascer no espirito huma série de reflexões.

A Sra. D. Violante he o typo de huma classe numerosa entre nós, que o author sentiu e desenhou com justeza. Tão comico nos pareceu este lanço, tão fulminador o contraste em que o misero Augusto se vê a respeito de seus collegas, a tal impertinencia da bruxa que o persegue e tão bem cabida a escapulla e vingança obtida pelo diagnostico tremendo do estudante que não podemos suster por muito tempo o riso. A nobreza com que Augusto declina de si o papel odioso de que Fabricio o busca incumbir, lhe atrahie hum duello curioso; a mesa he o campo de batalha em que os dois campeões vão pugnar, e a interessante Moreninha que apenas deixou-se entrever deve apparecer em toda a luz.

Travessa como o filho de Erycina, voluvel como o beija-flor, inquieta como a borboleta, innocente como hum anjo, ella he romanticamente bella. Huma viveza graciosa, huma agitação contínua, huma sagacidade e tino talvez sobremaneira em tal idade, mas a par de tudo hum fundo de bondade, de simpleza e ternura, taes são alguns dos attributos dessa linda criação. Porém que terrivel talento na satyra?! Que malicia, que ironia, que promptidão de respostas?! Como desmascára, como fere, como retalha?! Que settas de fogo não crava ella aqui na sonsa D. Quinquina, alli na vaidosa D. Clementina, e mais longe no desastrado Fabricio?! A luta dos estudantes não nos foi tão saborosa como os remosques satyricos da *Moreninha*. Este character tem para nós bastante originalidade e rivalisa com muitas figuras traçadas por grandes pinceis.

A conversação de Augusto com a Sra. D. Anna

vem lançar os primeiros clarões sobre o fio da historia. Mas (pela simplicidade do enredo) assim como facilmente previmos no principio o que veio a realisar-se na scena do jantar, assim bem se antevê quem seja a bella menina que Augusto commemora com tanta saudade e ternura. Entendamo-nos: não fazemos disto motivo de censura se não louvamos o author por nos ter poupado a hum labyrintho de factos. Simples ou não seu plano foi bem executado, o que já he não pouco merito. Com franqueza o dizemos, — o trecho seguinte fez-nos tal impressão que successivamente o lemos por mais de tres vezes.

Quando a formosa menina, que Augusto observava, lança-se á concha porque suspirava, escorrega na arêa, cahe e vendo nova onda correr a ella, volta-se e atira-se nos braços de Augusto, o author exprime-se assim:

« — Ah!... eu hia morrer afogada!

Depois vendo-se com o vestido cheio de arêa começou a rir-se muito sacudindo-o e dizendo ao mesmo tempo:

— Eu cahi! eu cahi!...

E como se não bastasse essa passagem rapida do susto para o prazer, ella olhou de novo para o mar e tornando-se levemente melancolica, balbuciou com voz pesarosa apontando para a concha.

— Mas... a minha concha!...

Que verdade, que harmonia, que graça em tão poucas palovras! A sympathia desses dous meninos he maravilhosa, mas o sentimento que vem reforcal-a, a scena dolorosa de que são testemnhas, essa

mão caritativa que estendem sobre a indigência, essa benção que os cobre tudo he pathetico. Paragraphos ha neste episodio em que o author quasi atinge o sublime. Verdade seja que nos contentariamos só com a benção prophetica do misero ancião; que a idéa do consorcio dessas duas almas puras, por si só, como que inspirada, fazia mais effeito que os dous breves. O enthusiasmo esfria com isso e tudo parece manar d'um delirio: o author o declara; mas viudo a cumprir-se, nós a quizeramos assim.

As lagrimas de amor — são para nós o mais bello episodio do romance. *Ahy*, formosa e joven Tamoya, louca de amores por hum joven caçador que frequenta em suas excursões a ilha em que ella habita, *Ahy*, deixou-nos n'alma impressões suaves. O cruel mancebo vem dar todos os dias huma punhalada nesse coração abrasado. Indifferente á belleza d'hum rosto dourado pelo sol, cheio de fôgo e vida; insensivel ás graças de huma flor desabrochada apenas, ingrato a huma ternura que o segue em toda a parte; paixão, serviços, lagrimas, nada amolda o coração do barbaro. *Ahy* pena e suspira, *Ahy* canta (e como he bello esse canto!) *Ahy* ameiga a rocha em que se collocava para ver o seu amante; vence-a com a sua voz d'harmonia, traspassa-a com as lagrimas de dor. Emfim o ingrato adormece na gruta: duas lagrimas cahem-lhe nos olhos, e depois já vencido elle exclama — Linda moça! — Outras duas lhe tocan os ouvidos — Voz sonora! — clama elle — Finalmente sentindo no coração o baque de outras duas — Sinto amar-te — diz, e são felizes.

Em quanto o joven Augusto se embevece neste

engenhoso conto com a Sra. D. Anna, a travessa Morenhina os escuta e por tres vezes tem sido sentida por Augussto. Ella se escapa sempre; e tres bellos hieroglyphicos se apresentam ao mancebo. Fallando sobre a linda menina e as reciprocas promessas, elle divisa a Moreninha reclinada sobre a estatua da esperanza; trata da sua inconstancia, ella persegue huma borboleta; narra-se a aventura de Ahy, ella galga o rochedo e lá de cima repete a ballada que Ahy contava em sua dôr, e que começa assim:

Eu tenho quinze annos  
 E sou morena e linda  
 Mas amo e não me amam  
 E tenho amor ainda  
 E por tão triste amar  
 Aquí venho chorar.

O riso de meus labios  
 Ha muito que murchou  
 Aquelle que eu adoro  
 Ah! foi quem o matou  
 Ao riso que morreu  
 O pranto succedeu.

O fôgo de meus olhos  
 De todo se acabou  
 Aquelle que eu adoro  
 Ah! foi que o apagou  
 Onde houve fôgo tanto  
 Agora corre o pranto.

Furtamo-nos ao gosto de reproduzir por inteiro esta primorosa pagina de poesia onde brilha hum sentimento e colorido delicioso, para não anteciparmos o gosto que o leitor terá lendo-a em seu lugar.

Porém.... levados pelo prazer de admirar temos abusado hum pouco da permissão que se nos outhor-ga. Longo vai este artigo, e, o que mais he, despidido de interesse. Que diremos ainda ao leitor? — O romance prosegue e vóa ao fim com rapidez, tudo se liga e se esclarece. Na scena do jardim a desapiadada Moreninha vibra ainda a sua arma favorita: Augusto, victima de huma de suas travessuras, vê-se pouco depois em critica posição. A passagem a que nos referimos, (hum pouco romanesca) faz rir por certo, e levada mais longe faria fechar o livro a muita gente; felizmente he coarctada, mas parece hum tanto livre.

Fazem-se notaveis ainda (huma pela graça, outra pelo sentimentalismo) a conferencia dos quatro escolasticos e a scena do pediluvio sentimental. O author dispara algumas settas contra os charlatães e curandeiros que muito nos agradáram. O resto do romance corre a mesma esteira e por toda a parte ha muito que louvar, sobre tudo o carater de D. Gabriella. Entre tanto parece-nos extrema a condescendencia das tres jovens que huma a huma se deixam confundir por Augusto, depois da derrota da sua companheira. A hora deste *rendez-vous* e o tom da sociedade entre nós tornam pouco verosimil tal passagem — Vá feito — *Le vrai peut quelquefois n'être pas vraisemblable.* —

Recapitulemos. — A Moreninha, producção que em

verdade honra a seu author, he huma aurora que nos promette hum bello dia, huma flor que desabrocha radiosa donde vingarão pomos saborosos; huma esperança com todos os laivos de certeza. O desenho he simples e regular; não se vê perplexo o espirito, nem se agita com anciedade pelo exito; as explicações fazem-se pouco esperar. O disforme, o horroroso são alheios ao plano; a ausencia de grandes paixões, de rasgos sublimes parece derivar-se da linha estriccta que o author se traçara, não dando ao seu romance huma côr philosophica. Toques sombrios, posições arriscadas não derramam nelle o terror: reinam em toda a parte jovialidade, abandono e harmonia.

O estilo he fino, ironico e singelo — Ordem, luz, graça e ligação o tornam de huma transparencia crystallina, dão-lhe hum polido, huma lisura nunca desmentidos. Porém do meio desta serenidade, deste *négligé* escapam-se faiscas brilhantes. Respostas energicas, ditos agudos, imagens vivas matizam-lhe a contestura. O colorido he por vezes ardente, e quasi sempre animado, proprio e gracioso. Mas feriu-nos sobretudo, a profundeza de observação que por aqui por ali se nota, a finura de tacto na apreciação dos costumes e o particular e frisante da côr. O author retracta bem o seu paiz no que descreve — sabe ver, sabe exprimir. Tudo se diz de passagem, rapidamente; tudo se pinta n'hum traço; — nada ha de carregado.

*Le style c'est l'homme*, dice Buffon; e na verdade se as idéas constituem o fundo do estylo, se a sua ligação e clareza decidem da essencialidade delle,

e se o moral e o intellectual do homem são o que as idéas o fazem ser, o homem deve retratar-se no estylo. Vê-se que huma facilidade, huma simplicidade, hum não-sei-que de franco, de interessante, de desempedido, são os dotes principaes do estylo em que he manejada a *Moreninha*; e tal julgamos nós ser o character do author. Longe a affectação, os campanudos vocabulos, longe o amaneirado arehaismo e o assustador neologismo. — Linguagem casta e sevêra, acção viva e seguida, rigida moral, côr appropriada — eis o que nos cumpre.

Poderíamos agora lembrar ao author hum ou outro pequeno defeito, algum traço pouco firme, alguma lere antilogia, huma ou outra expressão menos feliz: — mas com que fim? Não será elle com a modestia e bom senso que lhe conhecemos, o primeiro a censural-os? Deixemos *aquelles que tem olhos de prisma que tudo decompõem* o gosto pedantesco de se encarniçarem nessas bagatellas. — Toda a luz tem sombras, todo o character defeitos, toda obra incorrecções — O phísico, o moral e o intellectual resentem-se igualmente da contingencia mundana. Não somos partidarios dessa critica esmiuçadora, que alguém já chamou — maledicencia. A grande critica das bellezas, tal qual diz o author dos Martyres, he essa a que nos importa. Tudo o que he diminuto e acanhado lhe escapa: o silencio, e a indifferença eis o seu juizo em casos taes; e assim pensamos nós. Forma-se muito melhor o gosto dizendo-se — *Faze como isto*, do que — *Não faças como aquillo* — A educação moral levará a misantropia e suicidio, se em vez de apresentar-nos o quadro edificante da virtude nos

mostrasse o pavoroso aspecto do crime. O bello e o bom tem por si sós bastante força para attrahir as almas bem formadas, sem que mister seja o desgosto e horror pelo disforme e pelo máo para determiná-las a isso.

Pedimos agora ao nosso collega e amigo depois de tão bem fadado ensejo algumas paginas em prol da verdade. Lanse ainda o seu pincel novas côres sobre a téla, e venha algum lenitivo a tantas intelligencias magoadas pelo materialismo, torpeza e libertinagem que transudam quasi todos os romances modernos:—venha hum alimento para alguns homens obscuros que vivem de meditação e de esperança, que se nutrem do ideal sentimento, que ainda vem com a fé, que ainda vivem pela humanidade, que ainda marcham para Deus.

Taes são as reflexões que nos tem suggerido a leitura da interessante *Moreninha*, livro que nos ministrou suave passatempo, livro a que o publico tem feito justiça, e de que seu author deve dar-se os parabens.—Conscios da nossa fraqueza, e do melindroso desta tarefa nós nos submettemos com docilidade ao criterio da redacção da MINERVA BRASILIENSE e á imparcialidade do author.



## DUAS PALAVRAS.



Eis ahí vão algumas paginas escriptas, ás quaes me atrevi a dar o nome de — ROMANCE. — Não foi elle movido por nenhuma dessas tres poderosas inspirações, que tantas vezes soem aparar as pennas dos authores: — gloria, amor, e interesse—: d'este ultimo estou eu bem a coberto com meus vinte e tres annos de idade; que não é na juventude que pôde elle dirigir o homem: a gloria, só se andasse ella cahida de suas alturas, rojando as azas quebradas, me lembraria eu, tão pela terra que rastejo, de pretender ir apanhal-a: a respeito do amor não fallemos; pois, se me estivesse o buliçoso a fazer coegas no coração, bem sabia eu que mais proveitoso me seria gastar meia duzia de semanas aprendendo n'uma sala de dança, do que velar trinta noites garatujando o que por ahí vai. Este pequeno romance deve

sua existencia sómente aos dias de desfado e folga, que passei no bello Itaborahi, durante as férias do anno passado. Longe do bolicio da Côrte, e quasi em ocio, a minha imaginação assentou lá com sigo que bom ensejo era esse de fazer travessuras, e em resultado d'ellas sahio — a Moreninha. —

Dir-me-hão que o ser a minha imaginação traquinas não é um motivo plausivel para vir eu maçar a paciencia dos leitores com uma composição balda de merecimento, e cheia de irregularidades e defeitos; mas o que querem? quem escreve olha a sua obra como seu filho, e todo o mundo sabe que o pai acha sempre graças e bondades na querida prole.

Do que vem dito concluir-se-há que a Moreninha é minha filha: exactamente assim penso eu. Póde ser que me accusem por não tel-a conservado debaixo de minhas vistas por mais tempo, para corrigir suas imperfeições: esse era o meu primeiro intento: a Moreninha não é a unica filha que possuo; tem tres irmãos, que pretendo educar com esmero; o mesmo faria a ella; porém esta menina sahio tão travessa, tão impertinente, que não pude mais soffrel-a no seu berço de carteira, e para ver-me livre d'ella venho deposital-a nas mãos

do Publico, de cuja benignidade e paciencia tenho ouvido grandes elogios.

Eu pois conto que, não esquecendo a fama antiga, o Publico a receba, e lhe perdôe seus senões, máos modos, e leviandades. É uma criança, que terá, quando muito, seis mezes de idade; merece a compaixão que por ella imploro: mas, se lhe notarem graves defeitos de educação, que provenhão da ignorancia do pai, rogo que não os deixem passar por alto, accusem-os; que d'ahi tirarei eu muito proveito, criando e educando melhor os irmãos-zinhos, que a Moreninha tem cá.

E tu, filha minha, vai com a benção paterna, e queira o Céu que ditosa sejas: nem por seres traquinas te estimo menos: e como prova vou em despedida dar-te um precioso conselho:— Recebe, filha, com gratidão a critica do homem instruido; não chores, se com a unha marcarem o lugar em que tiveres mais notavel senão; e quando te dicerem que por este erro ou aquella falta não és bôa menina, jamais te arrepies antes agradece, e anima-te sempre com as palavras do velho poeta:

« Deixa-te reprehender de quem bem te ama,  
 « Que ou te aproveita, ou quer aproveitar-te. »



## I.

### Aposta imprudente.

---

— Bravo ! exclamou Fellippe entrando , e despindo a casaca , que pendurou em um cabide velho ; bravo !... interessante scena ! mas certo que deshonrosa fôra para caza de um estudante de medicina, o já do sexto anno, a não valer-lhe o adagio antigo : O habito não faz o monge.

— Temos discurso !... attenção !... ordem !... gritarão a um tempo trez vozes.

— Cousa celebre ! accrescentou Leopoldo, Fellippe sempre se torna orador depois de jantar.

— E dá-lhe para fazer epigrammas, disse Fabricio.

— Naturalmente, acudiu Leopoldo, que, por dono da casa, maior quinhão houvera no cumprimento do recém-chegado ; naturalmente : Bocage, quando tomava carraspanas, descompunha os medicos.

*C'est trop fort!* bocejou Augusto espreguicando-se no canapé em que se achava deitado.

— Como quizerem, continuou Fellippe pondo-se em habitos menores; mas por minha vida que a carraspana de hoje ainda me concede apreciar devidamente aqui o meu amigo Fabricio, que talvez acaba de chegar de alguma visita diplomatica, vestido com esmero e alinho, porém tendo a cabeça encapuzada com a vermelha e velha carapuça de Leopoldo; este alli escondido dentro de seu robe de chambre côm de burro quando foge, e sentado em uma cadeira tão desconjuntada, que para não cahir com ella põe em acção todas as leis de equilibrio, que estudou em Pouillet; acolá enfim, o meu romantico Augusto em ceroulas, com as fraldas á mostra, estirado em um canapé em tão bom uso, que ainda agora mesmo fez com que Leopoldo se lembrasse de Bocage. (\*) Oh!... VV. SS.<sup>as</sup> tomão café?!.. Alli o senhor descança a chicara azul em um pi-

(\*) Allude ao tão conhecido epigramma de Bocage:

« Quando a velha antiguidade  
« Por estas casas entrou,  
« Disse áquelle canapé  
« Sua benção, meu avô.

res de porcelana... aquelle tem uma chá-  
vana com bellos lavôres dourados, mas o  
pires é côr de rosa... aquelle outro nem  
porcelana, nem lavôres, nem côr azul ou  
de roza, nem chicara... nem pires...; aquil-  
lo é uma tigella n'um prato.....

— Carraspana!... carraspana!.... gritarão  
os tres.

— Oh moleque! proseguio Fellippe voltan-  
do-se para o corredor, traze-me café, ainda  
que seja no pucaro em que o côas; pois  
creio que, a não ser a falta de louça já  
teu senhor m'o teria offerecido.

— Carraspana!.... carraspana!.....

— Sim, continuou elle, eu vejo que vocês...

— Carraspana!.... carraspana!.....

— Não sei de nós quem mostra,....

— Carraspana!.... carraspana!....

Seguirão-se alguns momentos de silencio :  
ficarão os quatro estudantes assim a modo  
de moças quando jogão o siso. Fellippe não  
fallava por conhecer o proposito em que  
estavão os tres de lhe não deixar concluir  
uma só proposição; e estes, porque espe-  
ravão vel-o abrir a boca para gritar-lhe :  
carraspana !

Emfim, foi ainda Fellippe o primeiro que fallou, exclamando de repente:

— Paz! paz!....

— Ah! já?... disse Leopoldo, que era o mais influido.

— Fellippe é como o gallego, disse um outro; perderia tudo para não guardar silencio uma hora.

— Está bem, o passado, passado: protesto não fallar mais nunca na carapuça, nem nas cadeiras, nem no canapé, nem na louça de Leopoldo.... Estão no caso.... sim....

— Em?... olha a carraspana.....

— Basta: vamos a negocio mais sério. Onde vão vocês passar o dia de S. Anna?...

— Porque?... temos patuscada?.. acudio Leopoldo.

— Minha avó chama-se Anna.

— Ergo ?....

— Estou habilitado para convidal-os a vir passar a vespera e dia de S. Anna com-nosco na ailha de.....

— Eu vou, disse promptamente Leopoldo,

— E dous, acudio logo Fabricio.

Augusto só guardou silencio.

— E tu, Augusto?... perguntou Fellippe.

— Eu?... eu não conheço tua avó.

— Ora sou seu criado; tambem eu não a conheço, disse Fabricio.

— Nem eu, accrescentou Leopoldo.

— Não conhecem a avó; mas conhecem o neto, disse Fellippe.

— E demais, tornou Fabricio, palavra de honra, que nenhum de nós tomará o trabalho de lá ir por causa da velha.

— Augusto, minha avó é a velha mais patusca do Rio de Janeiro.

— Sim?..... que idade tem?

— Sessenta annos.

— Está fresquinha ainda... Ora...se um de nós a enfeitiça e se faz avó de Fellippe!..

— E ella que possue talvez seus duzentos mil cruzados, não é assim, Fellippe?... Olha, se é assim, e tua avò se lembrasse de querer casar comigo, disse Fabricio, juro que mais depressa daria o meu « Recebo a vós » aos cobres da velha, do que a qualquer das nossas « toma-larguras » da moda.

— Por quem são, deixem minha avó, e tratemos da patuscada. Então tu vás, Augusto ?

— Não.

— É uma bonita ilha.

— Não duvidado.

— Reuniremos uma sociedade pouco numerosa mas bem escolhida.

— Melhor para vocês.

— No domingo á noite teremos um baile.

— Estimo que se divertão.

— Minhas primas vão.

— Não as conheço.

— São bonitas.

— Que me importa?... Deixem-me. Vocês sabem o meu fraco, e cahem-me logo com elle: moças!... moças!... Confesso que dou o caváco por ellas; mas as moças me tem posto velho.

— É porque elle não conhece tuas primas, disse Fabricio.

— Ora..... o que poderão ser senão demoninhas, como são todas as outras moças bonitas?

— Então tuas primas são gentis?.... perguntou Leopoldo a Fellippe.

— A mais velha, respondeu este, tem dezesete annos, chama-se Joanna, tem cabellos negros, bellos olhos da mesma côr, e é pallida.

— Em?... exclamou Augusto, pondo-se de um pulo duas braças longe do canapé onde estava deitado: então ella é pallida?...

— A mais moça tem um anno de menos :  
loura, de olhos azues, faces côr de rosa...  
seio de alabastro... dentes...

— Como se chama ?

— Joaquina.

— Ai meos peccados!.... disse Augusto.

— Veção como o Augusto já está enter-  
necido.....

— Mas, Fellippe, tu já me disseste que  
tinhas uma irmã.

— Sim : é nma moreninha de quatorze  
annos.

— Moreninha ! diabo !... exclamou outra  
vez Augusto, dando novo pulo.

— Está sabido.... Augusto não relaxa a  
patuscada.

— É que este anno já tenho pagodeado  
meo *quantum satis*; e, assim como vocês,  
tambem eu quero andar em dia com alguns  
senhores com quem nos é muito preciso  
estar de contas justas no mez de novembro.

— Mas a pallida?... a loura?... a more-  
ninha?....

— Que interessante terceto ! exclamou com  
tom theatral Augusto ; que collecção de bel-  
los typos !.... uma joven de dezeseite annos,  
pallida.... romantica, e portanto sublime ;

uma outra loura.... de olhos azues. .. faces  
côr de rosa....e...não sei que mais; emfim,  
classica e por isso bella. — Por ultimo,  
uma terceira de quatorze annos.... moreni-  
nha, que, ou seja romantica ou classica,  
prosaica ou poetica, ingenua ou mysteriosa,  
ha-de por força ser interessante, travessa  
e engraçada; e por consequencia qualquer  
das tres, ou todas ao mesmo tempo muito  
capazes de fazer de minha alma petéca, de  
meo coração petorra!... — Está tratado...  
não ha remedio... Fellippe, vou visitar tua  
avó. Sim, é melhor passar os dous dias  
estudando alegremente nesses tres interes-  
santes volumes da grande obra da nature-  
za, do que gastar as horas, por exemplo,  
sobre um celebre Velpeau, que só elle faz  
por sua conta e risco mais citações em cada  
pagina do que todos os meirinhos reunidos  
fizerão, fazem e hão de fazer pelo mundo.

— Bella consequencia! E raciocinio o teu  
que faria inveja a um caloiro, disse Fabricio.

— Bem raciocinado... não tem duvida;  
acudio Fellippe; então conto contigo, Au-  
gusto.

— Dou-te palavra.... e mesmo porque eu  
devo visitar tua avó.

— Sim.... já sei.... isso dirás tu a ella.

— Mas vocês não tem reparado que Fabricio tornou-se amuado e pensativo, desde que se fallou nas primas de Fellippe?....

— Disserão-me que elle anda enrabixado com minha prima Joaninha.

— A pallida?... pois eu já me vou dispondo a fazer meu pé de alféres com a loura.

— E tu, Augusto quererás por ventura requestar minha irmã?..

— É possível.

— E de qual gostarás mais, da pallida, da loura ou da moreninha?....

— Creio que gostarei principalmente de todas.

— Eil-o ahi com sua mania.

— Augusto é incorrigível.

— Não; é romantico.

— Nem uma cousa nem outra; é um grandissimo velhaco.

— Não diz o que sente.

— Não sente o que diz.

— Faz mais do que isso, pois diz o que não sente.

— O que quizerem; serei incorrigível, romantico ou velhaco; não digo o que sinto, não sinto o que digo, ou mesmo digo o que

não sinto; sou emfim máo e perigoso, e voçes innocentes e anjinhos. Todavia, eu a ninguem escondo os sentimentos que ainda ha pouco mostrei: em toda a parte confesso que sou voluvel, inconstante e incapaz de amar tres dias um mesmo objecto; verdade seja que nada ha mais facil do que me ouvirem um « Eu vos amo »; mas tambem a nenhuma pedi ainda que me dêsse fê; pelo contrario, digo a todas o como sou; e se, apezar de tal, sua vaidade é tanta que se supponhão inesqueciveis, a culpa certo que não é minha. Eis o que faço; e vós, meus caros amigos, que blasonais de firmeza de rochedo, vós jurais amor eterno cem vezes por anno a cem diversas bellezas..... vós sois tanto ou ainda mais inconstantes que eu; mas entre nós ha sempre uma grande differença:— vós enganais, e eu desengano; eu digo a verdade; e vós, meus senhores, mentis....—

— Está romantico!.... está romantico!... exclamarão os tres rindo ás gargalhadas.

—A alma que Deos me deu, continuou Augusto, é sensivel de mais para reter por muito tempo uma mesma impressão. Sou inconstante, mas sou feliz na minha incons-

tancia, porque, apaixonando-me tantas vezes, não chego nunca a amar uma vez.

— Oh!.. oh!.. que horror!... que horror!

— Sim! esse sentimento que voto ás vezes a dez jovens n'um só dia, ás vezes n'uma mesma hora, não é amor certamente. Por minha vida, interessantes senhores, meus pensamentos nunca tem dama; porque sempre tem damas; eu nunca amei... eu não amo ainda... eu não amarei jamais.

— Ah!... ah!... ah!... e como elle diz aquillo!!!

— Ou, se querem, precisarei melhor o meo programma sentimental; lá vai: Affirmo, meus senhores, que meu pensamento nunca se occupou, não se occupa, nem se ha-de occupar de uma mesma moça quinze dias.

— E eu affirmo que segunda feira voltará da ilha de... loucamente apaixonado de algumas de minhas primas.

— Póde bem succeder que de ambas.

— E que todo resto do anno lectivo passarás pela rua de... duas e tres vezes por dia, sómente com o fim de vê-la.

— Assevero que não.

— Assevero que sim.

— Quem?... eu?... eu mesmo passar duas e tres vezes por dia por uma só rua por causa de uma moça?... e para que?... para vê-la lançar-me olhos de ternura, ou sorrir-se brandamente quando eu para ella olhar, e depois fazer-me cartêas ao lhe dar as costas?... para que ella chame as visinhas que lhe devem ajudar a chamar-me tolo, pateta, basbaque e namorador?... Não, minhas bellas senhoras da moda!... eu vos conheço: amante apaixonado quando vos vejo, esqueço-me de vós duas horas depois de deixar-vos. Fôra disto, só queimarei o insenso da ironia no altar de vossa vaidade; fingirei obedecer a vossos caprichos, e sómente zombarei delles. Ah!... muitas vezes alguma de vós, quando me ouve dizer « Sois encantadora » está dizendo comsigo « Elle me adora, » emquanto eu digo tambem comigo « Que vaidosa! »

— Que vaidoso!... te digo eu, exclamou Fellippe.

— Ora esta não é má!... Então vocês querem governar o meu coração?.

— Não; porém eu torno a affirmar que tu amarás uma de minhas primas todo o tempo que fôr da vontade della.

—Que mimos de amor que são as primas deste senhor!...

—Eu te mostrarei.

—Juro que não.

—Aposto que sim.

—Aposto que não.

—Papel e tinta: escreva-se a aposta.

—Mas tu me dás muita vantagem, e eu regeitarei a menor: tens apenas duas primas: é um numero de feiticeiras muito limitado. Não sejam só ellas os unicas magas que em teu favor invoques para me encantar: meus sentimentos offendem talvez a vaidade de todas as bellas; todas as bellas pois têm o direito de te fazer ganhar a aposta, meu valente campeão do amor constante!

—Como quizeres; mas escreve.

—E quem perder?...

—Pagará a todos nós um almoço no Pharaux, disse Fabricio.

—Qual almoço! acudio Leopoldo: pagará um camarote no primeiro drama novo que representar o nosso João Caetano.

—Nem almoço, nem camarote, concluiu Fellippe; se perderes escreverás a historia da tua derrota; se ganhares, escreverei o triumpho da tua inconstancia.

— Bem, escrever-se-ha um romance; e um de nós dous, o infeliz, será o author.

Augusto escreveu primeira, segunda e terceira vez o termo da aposta; mas, depois de longa e vigorosa discussão, em que qualquer dos quatro fallou duas vezes sobre a materia, uma para responder, e dez ou doze pela ordem; depois de se offerecerem quinze emendas e vinte artigos additivos, cahio tudo por grande maioria; e, entre bravos, apoiados e applausos, foi approved, salva a redacção, o seguinte termo:

« No dia 20 de julho de 18. . na sala parlamentar da casa n.º da rua de. sendo testemunhas os estudantes Fabricio e Leopoldo, acordarão Fellippe e Augusto, tambem estudantes, que se, até o dia 20 de agosto do corrente anno, o segundo acordante tiver amado a uma só mulher durante quinze dias, ou mais, será obrigado a escrever um romance, em que tal acontecimento confesse; e no caso contrario, igual pena sofrerá o primeiro acordante. Sala parlamentar, 20 de julho de 18. Salva a redacção. »

Como testemunhas— Fabricio e Leopoldo.

Acordantes — Fellippe e Augusto.

E erão oito horas da noite quando se levantou a sessão.

## II.

### Fabricio em apuros.

---

A scena que se passou teve lugar n'uma segunda feira. Já lá se fôrão quatro dias: hoje é sexta-feira; amanhã será sabbado, não um sabbado como outro qualquer, mas um sabbado vespera de S. Anna.

São dez horas da noite; os sinos tocãrão a recolher. Augusto está só, sentado junto de sua mesa, tendo diante de seus olhos seis ou sete livros, papeis, pennas, e toda essa série de cousas que compoem a familia do estudante.

É inutil descrever o quarto de um estudante: ahí nada se encontra de novo. Ao muito acharão uma estante onde elle guarda os seus livros; um cabide onde pendura a casaca; o moringue, o castiçal, a cama; uma até duas canastras de roupa; o chapéo, a bengala, e a bacia; a meza onde escreve, e que só apresenta de recommendavel

a gavêta cheia de papeis, de cartas de família, de flores e fitinhas mysteriosas : é pouco mais ou menos assim o quarto de Augusto.

Agora elle está só: ás sete horas, desse quarto sahirão trez amigos, Fellippe, Leopoldo e Fabricio, Tratarão da viagem para a ilha de... no dia seguinte, e retirárão-se descontentes, porque Augusto não se quiz convencer de que deveria dar um ponto na Clinica para ir com elles ao amanhecer. Augusto tinha respondido: Ora vivão ! bem basta que eu faça gazêta na aula de Partos : não vou senão ás dez horas do dia.

E pois despedirão-se amuados. Fabricio queria ainda demorar-se, e mesmo ficar com Augusto ; mas Leopoldo e Fellippe o levárão comsigo a força, Fabricio fez-se acompanhar do moleque que servia Augusto porque, dizia elle, tinha um papel de importancia a mandar.

Erão dez horas da noite, e nada de moleque. Augusto via-se atormentado pela fome ; e Raphael, o seo querido moleque não apparecia. o bom Raphael, que era ao mesmo tempo o seu cozinheiro, limpa botas, cabelereiro, moço de recados e. e tudo mais, que as urgencias mandavão que elle fosse..

Com justa razão portanto estava cuidadoso Augusto, que de momento a momento exclamava: Vejão isto!. já tocou a recolher, e Raphael está ainda na rua! Se cabe nas unhas de algum belligum, não é de certo o Sr. Fabricio quem ha-de pagar as despesas da Casa de Correccão. Pobre do Raphael! que caváco não dará, quando lhe raparem os cabellos!

Mas neste momento ouvio-se tropel na escada... — Era Raphael, que trazia uma carta de Fabricio, e que foi apromptar o chá enquanto Augusto lia a carta. Eil-ã aqui: « Augusto. Demorei o Raphael, porque era longo o que tenho de escrever-te. Melhor seria que eu te fallasse; porém bem vistes as impertinencias de Fellippe e Leopoldo. Felizmente, acabão de deixar-me. Que masticas!. Principio por dizer-te que te vou pedir um favor do qual dependerá o meu prazer e socego na ilha de... Conto com a tua amizade, tanto mais que fôrão os teus principios que me lavárão aos apuros em que ora me vejo; eis o caso:

« Tu sabes, Augusto, que concordando com algumas de tuas opiniões a respeito de amor, sempre entendi que uma namorada é

traste tão essencial ao estudante como o chapéo com que se cobre, ou o livro em que estuda. Concordei mesmo algumas vezes em dar batalha a dous e tres castellos a um tempo; porém tu não, ignoras que a semelhante respeito estamos discordes no mais: tu es — ultra-romantico — e eu — ultra-clas-sico.

« O meu systema era este :

1.º Não namorar moça de sobrado. D'aqui tirava eu dous proveitos; a saber: não pagava o moleque para me levar recados, e dava socegradamente, e a mercê das trevas, meus beijos por entre os postigos das janellas.

2.º Não requestar moça endinheirada. Assim eu não hia ao theatro para vel-a, nem aos bailes para com ella dançar, e poupara meus cóbres.

3.º Fingir ciumes e ficar mal com a namorada em tempos de festas e barracas no campo. E por tal modo livrava-me de pagar doces, festas, e outras impertinencias.

Estas erão as bases fundamentaes do meu systema.

« Ora tu te lembrarás que bradavas contra o meu proceder, como indigno da mi-

nha cathegoria de estudante; e apesar de me ajudares a comer saborosas empadas, quitutes apimentados e finos doces, com que as bellas pagavão por vezes minha assiduidade amantetica, tu exclamavas :

«—Fabricio ! não convém taes amôres ao joven de letras e de espirito. O estudante deve considerar o amor como un excitante, que desperte e atêe as faculdades de sua alma: póde mesmo amar uma moça feia e estúpida comtanto que sua imaginação lh'a represente bella e espirituosa. Em amor a imaginação é tudo: é ardendo em chammas, é elevado nas azas de seus delirios que o mancebo se faz poeta por amor.

« Eu então te respondia :

«—Mas quando as chammas se apagão, e as azas dos delirios se desfazem, o poeta por amor não tem como eu nem quitutes nem empadas.

« E tu me tornavas :

«—É porque ainda não experimentaste o que nos prepara o que se chama—amor platonico—paixão romantica ! — Ainda não sentiste como é bello derramar-se a alma toda inteira de um joven na carta abrasadora que escreve á sua adorada, e receber

em troco uma alma de moça derramada toda inteira em suas letras, que tantas mil vezes se beijão.

« Ora esses derramamentos de alma bastante me assustavão; porque eu me lembro que em Pathologia se trata mui sériamente dos derramamentos.

« Mas tu proseguias :

« — E depois, como é sublime deitar-se o estudante no solitario leito, e ver-se acompanhado pela imagem da bella que lhe vêla no pensamento, ou despertar ao momento de ver-se em sonhos sorvendo-lhe nos labios voluptuosos beijos.

« Ainda estes argumentos me não convencião sufficientemente, porque eu pensava: 1.º que essa imagem, que vêla no pensamento não será a melhor companhia possivel para um estudante, principalmente quando ella lhe velasse na vespera de alguma sabatina; 2.º porque eu sempre acho muito mais apreciavel sorver os beijos voluptuos por entre postigos de uma janella do que sorvel-os em sonhos, e acordar com agoa na bocca: beijos por beijos antes os reaes que os sonhados.

« Além disto, no teu systema nunca se falla

em empadas, doces, petiscos, etc ; no meu elles apparecem ; e tu, apesar de romantico, nunca viraste as costas, nem fizeste má cara a esses despojos de minhas batalhas.

« Mas emfim, maldita curiosidade de rapaz t eu quiz experimentar—o amor platonico—; e dirigindo-me certa noite ao theatro de S. Pedro de Alcantara, disse entre mim : esta noite hei-de entabolar um namoro romantico.

« Entabolei-o, Sr. Augusto de uma figa ; entabolei-o ; e quer saber como?... Sahi fóra do meu elemento, e espichei-me completamente. Estou em apuros.

« Eis o caso :

« Nessa noite fui para a superior ; eu ia entabolar um namoro romantico ; não podia ser de outro modo. Para ser tudo á romantica, consegui entrar antes de todos ; fui o primeiro a sentar-me ; ainda o lustre monstro não estava acceso ; vi-o descer, e subir depois brilhante de luzes, vi se-irem enchendo os camarotes ; finalmente, eu, que tinha estado no vacuo, achei-me no mundo : o theatro estava cheio. Consultei com meus botões como devia principiar, conclui que, para portar-me romanticamente, deveria namorar alguma moça que estivesse na quarta

ordem. Levantei os olhos, vi uma que olhava para o meu lado, e então pensei comigo mesmo: Seja aquella; não sei se é bonita ou feia; mas que importa? Um romantico não cura dessas futilidades.

« Tirei pois da casaca o meu lenço branco para fingir que enxugava o suor, abanar-mê, e emfim fazer todas essas macaquices, que eu ainda ignorava, que estão condemnadas pelo romantismo. Porém, oh infortunio! quando de novo olhei para o camarote, a moça se tinha voltado completamente para a tribuna: tussi, tomei tabaco, assoei-me, espirrei, e a pequena . . . nem caso; parecia que o negocio com ella não era. Começou o ouvertura nada; levantou-se o panno; ella voltou os olhos para a scena sem olhar para o meu lado.— Representou-se o primeiro acto . . . tempo perdido. Veio o panno finalmente a baixo.

« Agora sim, começará o nosso telegrapho a trabalhar, disse eu comigo mesmo, erguendo-me para tornar-me mais saliente.

« Porém, nova desgraça! Mal me tinha levantado, quando a moça ergueu-se por sua vez, e retirou-se para dentro do camarote sem dizer por que. nem por que não.

«—Isto só pelo diabo!» exclamei eu involuntariamente batendo com o pé com toda a força.

«—O senhor está doudo? —disse-me gemendo e fazendo uma carêta horrivel, o meu companheiro da esquerda.

«—Não tenho que lhe dar satisfações, respondi-lhe amuado.

«—Tem sim senhor retorquiou-me o sujeito empinando-se.

«—Pois que lhe fiz eu então?. acudi eu alterando-me.

«—Acaba de pisar-me com a maior força no melhor cálo do meu pé direito.

«—Oh! senhor; queira perdoar!..

«E dando mil desculpas ao homem, sahi para fóra do theatro pensando no meu amor.

« Confesso que deveria ter notado que a minha paixão começava debaixo de mãos auspicios; mas a minha má fortuna, ou melhor os teus máos conselhos me empurravão para diante com força de gigante.

« Sem pensar no que fazia subi para os camarotes, e fui dar comigo no corredor da quarta ordem; passei junto do camarote de minhas attenções; era o n.º 3 (numero symbolico, cabalístico e fatal! repara que

em tudo seguiu o romantismo). A porta estava cerrada; fui ao fim do corredor, e voltei de novo: um pensamento exquisito e singular acabava de me brilhar na mente; abracei-me com elle.

Eu tinha visto junto á porta n.º 3 um moleque com todas as apparencias de ser bellissimo— cravo da India—. Ora lembrava-me que nesse camarote a minha querida era a unica, que se achava vestida de branco, e pois eu podia muito bem mandar-lhe um recado pelo qual me fizesse conhecido. E pois avancei para o moleque.

« Ah! maldito crioulo; estava-lhe o todo dizendo o para que servia!.. Pinta na tua imaginação, Augusto, um crioulinho de 16 annos, todo vestido de branco, com uma cara mais negra e mais lustrosa do que um botim envernizado, tendo dous olhos bellos, grandes, vivissimos, e cuja esclerotica era branca como o papel em que te escrevo, com labios grossos e de nacar, occultando duas ordens de finos e claros dentes, que farião inveja a uma Bahiana; dá-lhe a ligeireza, a inquietação e rapidez de movimentos de um macáco, e terás feito idéa desse diabo de azeviche, que se chama Tobias.

« Não me foi preciso chamal-o : bastou um movimento de olhos para que o Tobias visse a mim rindo-se desavergonhadamente. Levei-o para um canto.

« — Tu pertences áquellas senhoras que estão no camarote a cuja porta te encostavas?... perguntei.

« — Sim, senhor, me respondeu elle, e ellas morão na rua de... n.º... ao lado esquerdo de quem vai para cima.

« — E quem são ?.

« — São duas filhas de uma senhora viuva, que tambem ahi está e que se chama a Illma. Sra. D. Luiza. O meu defunto senhor era negociante, e o pai de minha senhora é padre.

« — Como se chama a senhora que está vestida de branco ?.

« — A Sra. D. Joanna : tem 17 annos, e morre por casar.

« — Quem te disse isso ?.

» — Pelos olhos se conhece quem tem lombrigas, meu senhor.

« — Como te chamas ?..

« — Tobias, escravo de meu senhor, crioulo de qualidades, fiel como um cão, e vivo como um gato.

O maldito do crioulo era um classico a fallar portuguez ! — Eu continuei.

« — Has de levar um recado á Sra. D. Joanna.

« — Prompto, lesto e agudo. respondeu-me o moleque.

« — Pois toma sentido.

« — Não precisa dizer duas vezes.

« — Ouve. Das duas uma : ou poderás fallar com ella hoje, ou só amanhã.

« — Hoje. agora mesmo. Nestas coisas Tobias não côchila: com licença de meu senhor, eu cá sou doutor nisto : meus parceiros me chamão orêlha de cesto, pé de coelho e bocca de taramêla. Vá dizendo o que quizer, que em menos de dez minutos minha senhora sabe tudo : o recado de meu senhor é uma carambóla que batendo no meu ouvido vai logo bater no da senhora D. Joanninha.

« — Pois dize-lhe que o moço que se sentar na ultima cadeira da 4.<sup>a</sup> columna da superior, que assoar-se com um lenço de seda verde quando ella para elle olhar, se acha loucamente apaixonado de sua belleza, etc. etc. etc.

« — Sim, senhor : eu já sei o que se diz

nessas occasiões: o discurso fica por minha conta.

« — E amanhã ao anoitecer espera-me na porta de tua casa.

« — Prompto, lesto, e agudo; repetio de novo o crioulo.

« — Eu recompensar-te-hei, se fores fiel.

« — Mais prompto, mais lesto e mais agudo.

« — Por agora toma estes cobres.

« — Oh, meu senhor! promptissimo, lestissimo e agudissimo.

« Ignoro de que meios se servio o Tobias para executar o sua commissão; o que sei é que antes de começar o 2.º acto já eu havia feito o signal; e então comecei a pôr em acção toda a mimica amantetica que me lembrou: o namoro estava entabolado; embora a moça não correspondesse aos signaes do meu telegrapho, concedendo-me apenas amiudados e curiosos olhares; isso era já muito para quem a via pela primeira vez.

« Finalmente, Snr. Augusto dos meus peccados, o negocio adiantou-se, e hoje tarde me arrependo, e não sei como me livre de semelhante entaladella: pois o Tobias não me sahe da porta. Já não tenho tempo de

exercer o meu classismo; ha tres mezes que não como empadas, e, a pezar de minhas economias, ando sempre com as algibeiras a tocar matinas. Para maior martyrio, a miuha querida é a Sra. D. Joanna... prima de Fellippe!

« Para comprehenderes bem o quanto soffro, aqui te escrevo algumas das principaes exigências da minha amada romantica.

« 1.º Devo passar por defronte de sua casa duas vezes de manhã e duas de tarde. Aqui, vês bem, principia a minha vergonha; pois não ha pela vizinhança gordurento caixeirinho, que se não ria nas minhas barbas quatro vezes por dia.

« 2.º Devo escrever-lhe, pelo menos, quatro cartas por semana, em papel bordado, de custo de 400 rs. a folha. Ora isto é detestavel, por que eu não sei onde vá buscar mais cruzados para comprar papel, nem mais asneiras para lhe escrever.

« 3.º Devo tratá-la por « minha linda prima » e ella a mim por « querido primo. » D'aqui concluo que a Sra. D. Joanna já leu o Faublas. Bôa recommendação!...

« 4.º Devo ir ao theatro sempre que ella fôr. o que succede quatro vezes no mez; o mes-

mo a respeito de bailes. Esta despeza arraza-me a mezada terrivelmente.

« 5.º Ao theatro e bailes devo levar no pescoço um lenço ou manta da côr da fita que ella porá em seu vestido, ou no cabello; o que com antecedencia me é participado. Isto é um despotismo detestavel! . . .

« Finalmente, ella quer governar os meus cabellos, as minhas barbas, a côr de meus lenços, a minha casaca, a minha bengala, os botins que calço, e, por ultimo, ordenou-me que não fumasse charutos de Havana nem de Manilha, porque era isso falta de patriotismo.

« Para bem rematar o quadro das desgraças que me sobrevierão com a tal paixão romantica que me aconselhaste; D. Joanna, dir-te-hei, mostra amar-me com extremo, e, no meio de seus caprichos de menina, dá-me provas do mais constante e desvelado amor; mas qu'importa isso, se eu não posso pagar-lhe com gratidão? . . . Vocês, com seu romantismo a que me não posso accomodar, a chamarião « pallida. » Eu, que sou classico em corpo e alma, e que por tanto dou ás cousas o seu verdadeiro nome, a chamarei sempre « amarella. »

« Malditos românticos que teem chrisnado tudo, e trocado em seu chrismar os nomes que melhor exprimem as idéas !... O que outr'ora se chamava em bom portuguez — moça feia — os reformadores disem — menina sympatica.— O que n'uma moça era antigamente — desenxavimento — hoje é ao contrario — sublime languidez. — Já não ha mais — meninas importunas e vaidosas. — As que o fôrão chamão-se agora — espirituosas. — A escola dos românticos reformou tudo isso em consideração ao bello sexo.

« E eu, apezar dos tratos que dou à minha imaginação, não posso deixar de convencer-me que a minha — linda prima — é ( aqui para nós ) amarella e feia como uma convalescente de fêbres perniciosas.

« O que porém se torna sobretudo insofriavel, é o despotismo que exerce sobre mim o bregeiro do Tobias !...

« Entende que todos os dias lhe devo dar dinheiro, e persegue-me de maneira tal que, para ver-me livre delle, escorrego-lhe — cum quibus — a despeito da minha má vontade.

« O Tobias está no caso de muitos, que grandes e excellentes parladores, são pessimos financeiros na pratica. Como elles fazem

ao paiz, faz Tobias comigo, que sempre depois de longo discurso me apresenta um—deficit—e pede-me um credito supplementar.

« Eis-aqui, meu Augusto, o lamentavel estado em que me acho. Lembra-te que fôrão os teus conselhos, que me obrigárão a experimentar uma paixão romantica; portanto não só por amizade, como por dever conto que me ajudarás no que te vou propôr,

« Eu preciso de um pretexto mais ou menos razoavel para descartar-me da tal — palida. —

« Ella vai passar comnosco dous dias na ilha de . . . Ahi podemos levar a effeito, e com facilidade, o meu plano: elle é de simples comprehesão e de facil execução.

« Tu deverás requestar, principalmente á minha vista, a tal minha querida. Ainda que ella não te corresponda, persegue-a. Não te custará muito isso, pois que é o teu costume. Nisto se limita o teu trabalho, e começará então o meu, que é mais importante.

« Ver-me-has enfadado; talvez que te trate com rispidez, e que te dirija alguma — graça pesada. — Não farás caso, e continuarás com a requesta para diante.

« Eu então irei ás nuveus. . . Desesperado

...ciumento e delirante aproveitarei o primeiro instante em que estiver a sós com D. Joaninha, farei um discurso forte e eloquente contra a inconstancia e volubildade das mulheres. No meio de meus transportes dou-me por despedido de meus amôres com ella, e pulando fóra da tal paixão romantica, correrêi a apertar-te contra meu peito, como teu amigo e collega do coração. — FABRICIO. »

— E esta !. exclamou Augusto depondo a carta sobre a mesa, e sorvendo uma bôa pitada de rapé de Lisbôa. — E esta !.

Acabando de sorver a pitada, o nosso estudante desatou a rir como um doudo. Rir-se-ia a noite inteira talvez se não fosse interrompido pelo Raphael, que o vinha chamar para tomar chá.



### III.

#### Manhã do Sabbado.

---

Serão pouco mais ou menos onze horas da manhã quando o batelão de Augusto abor-dou á ilha de. Embarcando ás dez horas, elle designou ao seu palinúro o lugar a que se destinava. e deitou-se para ler mais á vontade o *Jornal do Commercio*. Soprava vento fresco, e muito antes do que suppunha, Augusto ergueu-se ouvindo a voz de Leopoldo que o esperava na praia.

— Bem vindo sejas, Augusto. Não sabes o que tens perdido.

— Então... muita gente Leopoldo?...

— Não: pouca; mas escolhida.

No entanto Augusto pagou, despediu o seu bateleiro, que se foi remando e cantando com seus companheiros. Leopoldo deu-lhe o braço; e enquanto por uma bella avenida orlada de coqueiros se dirigião á elegante casa, que lhes ficava a trinta braças do mar, o curioso

estudante, recém-chegado, examinava o lindo quadro que a seus olhos tinha, e de que, para não ser prolixo, daremos idéa em duas palavras.

A ilha de... é tão pittoresca como pequena. A casa da avó de Fellippe occupa exactamente o centro della. A avenida, por onde ião os estudantes, a divide em duas ametades das quaes, a que fica á esquerda de quem desembarca, está symetricamente coberta de bellos arvoredos estimaveis ou pelos fructos de que se carregão, ou pelo aspecto curioso que offerecem; a que fica á mão direita é mais notavel ainda: fexada do lado do mar por uma longa fila de rochedos, e no interior da ilha por negras grades de ferro, está adornada de mil flores sempre brilhantes e viçosas, graças á eterna primavera desta nossa bôa terra de Santa Cruz. De tudo isto se conclue que a avó de Fellippe tem no lado direito de sua casa um pomar e do esquerdo um jardim.

E fizemos muito bem em concluir depressa, porque Fellippe acaba de receber Augusto com todas as demonstrações de sincero prazer, e o faz entrar immediatamente para a sala.

Agora, outras duas palavras sobre a ca-

za : imagine-se uma elegante sala de cincoenta plamos em quadro ; aos lados della dous gabinetes proporcionalmente espaçosos, dos quaes um, o do lado esquerdo, pelos arômas que exhala, espelhos que brilhão, e um não sei que, que insinúa, está dizendo que é gabinete de moças. Imagine-se mais, fazendo frente para o mar, e em toda a extensão da sala e dos gabinetes, uma varanda terminada em arcos ; no interior meia duzia de quartos ; depois uma alegre e longa sala de jantar com janellas e portas para o pomar e jardim, e ter-se-ha feito da casa a idéa que precisamos dar.

Pois bem ; Augusto apresentou-se. A sala estava ornada com bôa duzia de jovens interessantes : pareceu ao estudante um jardim cheio de flores, ou o Céu semeado de estrellas. Verdade seja que, entre esses — orgulhos — da idade presente, havia tambem algumas rugosas representantes do tempo passado : porém isso ainda mais lhe sanciona a propriedade da comparação ; porque ha muitas rosas murchas nos jardins, e estrellas quasi obscuras no firmamento.

Fellippe apresentou o seu amigo a sua digna avó, e a todas as outras pessoas que

ahi se achavão. Não ha remedio senão dizer alguma cousa sobre ellas.

A Sra. D. Anna, este o nome da avó de Fellippe, é uma senhora de espirito e alguma instrucção. Em consideração a seus sessenta annos, ella dispensa tudo quanto se poderia dizer sobre o seu physico. Em summa, cheia de bondade e de agrado, ella recebe a todos com o sorriso nos labios: seu coração se póde talvez dizer o templo da amizade, cujo mais nobre altar é exclusivamente consagrado á querida neta, a irmã de Fellippe; e ainda mais, seu affecto para com essa menina não se limita á doçura da amizade; vai ao ardor da paixão. Perdendo seus pais quando apenas contava oito annos, a innocente criança tinha, assim como Fellippe, achado no seio da melhor das avós toda a ternura de sua extremosa mãe.

Ao lado da Sra. D. Anna estavam duas jovens cujos nomes se adivinharão facilmente: uma é — a pallida — a outra — a loura: — são as primas de Fellippe.

Ambas são bonitinhas; mas, para Augusto, dona Quinquina tem as feições mais regulares: achou-lhe mesmo muita harmonia nos cabellos louros, olhos azues e faces co-

radas, confessando todavia que as negras madeixas e rosto romantico de dona Joanninha fizerão-lhe uma brecha terrivel no coração.

Além destas, algumas outras senhoras ahi estavam, valendo bem a pena de se olhar para ellas meia hora sem pestanejar. Toda a difficuldade porém está em pintar aquella mocinha, que acaba de sentar-se pela sexta vez depois que Augusto entrou na salla: é a irmã de Fellippe. Que beija-flor! Ha cinco minutos que Augusto entrou, e em tão curto espaço já ella sentou-se em differentes cadeiras, desfolhou um lindo pendão de rosas, derramou no chapéo de Leopoldo mais de duas onças d'agoa de colonia de um vidro que estava sobre um dos aparadores, fez chorar uma criança, deu um beliscão em Fellippe, e Augusto a surprehendeu fazendo-lhe caretas: travessa, inconsequente, e às vezes engraçada; viva, curiosa, e em algumas occasiões impertinente. O nosso estudante não pôde dizer com precisão, nem o que ella é, nem o que não é: acha-a estouvada, caprichosa, e mesmo feia, e pretende tratá-la com seriedade e estudo para nem desgostar á dona da casa, nem se sujeitar a soffrer as impertinencias e travessuras que a todo

momento a vê praticar com os outros. Emfim, para acabar de uma vez esta já longa conta das senhoras que se achavão na sala, diremos que ahi se notavão tambem duas velhas amigas da dona da casa. Uma que só se entreteve, se entretem, e se ha-de entreter em admirar e fazer admirar a graça e encantos de duas filhas, que comsigo troucera; e outra que pertence ao genero d'aquellas que nas sociedades agarrão n'um pobre homem, sentão-no ao pé de si, e maçando-o duas e tres horas com enfadonhas, e interminaveis dissertações, finalmente o largão suppondo que lhe tem feito grande honra, e dado o maior prazer.

Quanto aos homens. Não vale a pena; vamos adiante.

Estas observações que aqui vamos offerecendo, fez tambem Augusto comsigo mesmo durante o tempo que gastou em endereçar seus cumprimentos, e dizer todas essas cousas muito banaes, e já muito sedicãs: mas que se dizem sempre de parte a parte com obrigado sorrir nos labios e indiferença no coração. Concluida essa verdadeira maçada, e reparando que todos tratavão de conversar para melhor passar as horas e esperar as

do jantar, elle voltou o rosto com vistas de achar uma cadeira desoccupada junto d'alguma d'aquellas moças; porém, ó mofina do pobre estudante! ó intempestivo castigo dos seus maiores peccados!... a segunda das duas velhas de quem ha pouco se tratou, estendeu a mão, e chamou-o, mostrando com o dedo carregado de aneis um lugar livre junto della.

Não havia remedio; era preciso soffrer com olhos enxutos e o prazer na face, o martyrio que se lhe offerecia. Augusto sentou-se ao pé da Sra. D. Violante.

Ella lançou-lhe um olhar de bondade e protecção. e elle abaixou os olhos, porque os de D. Violante são terrivelmente feios, e os do estudante não se podem demorar por muito tempo sobre espelho de tal qualidade.

— Adivinho, disse ella com certo ar de ironia, que lhe está pesando de mais o sacrificio de perder alguns momentos conversando com uma velha.

— Oh minha senhora! respondeu o moço, as palavras de V. S. fazem grande injustiça a si propria, e a mim tambem: a mim, por que me faz bem cheio de rudeza e máo gosto; e a si, porque se um cégo as ouvisse, certo que não faria idéa do vigor e da.

— Olhem como elle é lisongeiro !.. exclamou a velha, batendo levemente com o leque no ombro do estudante, acompanhando esta acção com uma terrivel olhadura, rindo-se com tão particular estudo, que mostrava dous unicos dentes que lhe restavam.

Augusto olhou fixamente para ella, e conheceu que na verdade se havia adiantado muito. D. Violante era horriavelmente horrenda, e, com sessenta annos de idade, apresentava um carão capaz de desmamar a mais emperrada criança.

A conversação continuou por uma bôa hora; o tédio do estudante chegou a ponto de fazel-o arrepende-se de ter vindo á ilha de... Tres vezes tentou levantar-se; mas D. Violante sempre tinha novas cousas a dizer: fallou-lhe sobre a sua mocidade. seus pais, seus amôres, seu tempo, seu finado marido, sua esterilidade, seus rendimentos, seu papagaio, e até suas gallinhas. Ah! fallou mais que um deputado da opposição quando se discute o voto de graças. Finalmente, parou um instante, talvez para respirar, e começar novo ataque de maçada: Augusto quiz aproveitar-se da intermitencia; estava desesperado, e pela quarta vez ergueu-se.

— Com licença de V. S.

— Nada! disse a velha detendo-o e apertando-lhe a mão; eu ainda tenho muito que dizer-lhe.

— Muito que dizer?. balbuciou o estudante automaticamente, e deixando-se cair sobre a cadeira como fulminado por um raio

— O senhor está incommodado?. perguntou D. Violante com toda a ingenuidade.

— Eu. . eu estou ás ordens de V. S.

— Ah! vê-se que a sua delicadeza iguala a sua bondade, continuou ella com um accento meio assucarado e terno.

— Oh castigo de meus peccados!... pensou Augusto comsigo; querem ver que a velha está namorada de mim?! e recuou sua cadeira meio palmo para longe da della.

— Não fuja... proseguiu D. Violante arrastando por sua vez sua cadeira até encostal-a á do estudante; não fuja... eu quero dizer-lhe cousas que não é preciso que os outros ouçam.

— E então? pensou de novo Augusto, fiz ou não uma galante conquista!... — E suava suores frios.

— O senhor está no quinto anno de medicina?....

— Sim, minha senhora.

— Já cura?...

— Não, minha senhora.

— Pois eu desejava referir-lhe certos incommodos que soffro, para que o senhor me dissesse que molestia padeço, e que tratamento me convem.

— Mas minha senhora, eu ainda não sou medico, e só no caso de urgente necessidade me atreveria. . .

— Eu tenho inteira confiança no senhor: me parece que é o unico capaz de acertar com a minha enfermidade.

— Mas alli está um estudante do sexto anno. . .

— Eu quero o senhor mesmo,

— Pois, minha senhora, eu estou prompto para ouvi-la; porém julgo que o tempo e o lugar são pouco opportunos.

— Nada.. ha-de ser agora mesmo.

Ah! a bôa da velha fallou e tornou a fallar: erão duas horas da tarde, e ella ainda dava conta de todos os seus costumes, de sua vida inteira; emfim foi uma relação de commemorativos, como nunca mais ouvirá o nosso estudante. Às vezes Augusto olhava para seus companheiros, e os via ale-

grememente praticando com as bellas senhoras que abrilhantavão a sala, emquanto elle se via obrigado a ouvir a mais insupportavel de todas as historias. D'aqui, e de certos phenomenos que accusava a macista, nasceu-lhe o desejo de tomar uma vingança-zinha. Firme neste proposito, esperou com paciencia que D. Violante fizesse ponto final, bem determinado a esmagal-a com o peso do seu diagnostico, e ainda mais com o tratamento que tencionava prescrever-lhe.

As duas horas e meia a oradora terminou o seu discurso, dizendo :

— Agora quero que, com toda sinceridade, me diga se conhece a minha enfermidade e o que devo fazer.

— Então V. S. dá-me licença para fallar com toda sinceridade?...

— Eu o exijo.

— Pois minha senhora, attendendo a tudo quanto ouvi, e principalmente a esses ultimos incommodos, que tão a miudo soffre, e de que mais se queixa, como — *tonteiras* — *dôres no ventre* — *calefrios* — *certas difficuldades* — *esse peso dos lombos, etc.*, concluo, e todo mundo medico concluirá comigo, que V. S. padece...

— Diga... não tenha medo.

— Hemorrhoidas.

D. Violante fez-se vermelha como um pimentão: horrível como a mais horrível das furias, encarou o estudante com despeito, e fixando nelle seus tristissimos olhos furtacores, perguntou :

— O que foi que disse, senhor ?.

— Hemorrhoidas, minha senhora.

Ella soltou uma risada sarcastica.

— V. S. quer que lhe prescreva o tratamento conveniente?...

— Menino, respondeu com mão humôr, tome o meu conselho; outro officio: o senhor não nasceu para medico.

— Sinto ter desmerecido o agrado de V. S. por tão insignificante motivo. Rogo-lhe que me desculpe; mas eu julguei dever dizer o que entendia.

Isto dizendo, o estudante ergueu-se; a velha já não fez o menor movimento para o demorar; e vendo-o deixal-a, disse em tom prophetico :

— Este não nasceu para a medicina !

Mas Augusto, afastando-se de D. Violante, dava graças ao poder de seu diagnostico, e augurava muito bem de seu futuro medico,

pela grande victoria que acabava de alcançar.

— Agora sim, disse elle com os seus botões, vou recuperar o tempo perdido ; e procurava uma cadeira cuja vezinhança lhe conviesse.

A digna hospeda comprehendeu perfeitamente os desejos do estudante, pois, mostrando-lhe um lugar junto de sua neta, disse:

— Aquella menina lhe poderá divertir alguns instantes.

— Mas minha avó, exclamou a menina com promptidão, até o dia de hoje ainda não me suppuz boneca.

— Menina !...

— Comtudo eu serei bem feliz se poder fazer com que o senhor. o senhor.

— Augusto, minha senhora.

— O Sr. Augusto passe junto a mim momentos tão agradaveis, como lhe fôrão as horas que gozou ao pé da Sra. D. Violante.

Augusto gostou da ironia ; e já se dispunha a travar conversação com a menina travessa, quando Fabricio se chegou a elles, e disse a Augusto:

— Tu me deves dar uma palavra.

— Creio que não é preciso que seja immediatamente.

— Se a Sra. D. Carolina o permittisse, eu estimaria fallar-te já.

— Por mim não seja. disse a menina erguendo-se.

— Não, minha senhora, eu o ouvirei mais tarde, acudiu Augusto querendo retel-a.

— Nada. não quero que o Sr. Fabricio me olbe com máos olhos... Além de que, eu devo ir apressar o jantar; pois leio no seu rosto que a conversação, que teve com a Sra. D. Violante, quando mais não dêsse, ao menos produziu-lhe muito appetite... mesmo um appetite de... de.

— Acabe.

— De estudante.

E, mal o disse, a travessa moreninha correu para fóra da sala.



## IV

### Falta de condescendencia.

---

Fabricio acaba de commetter um grave erro, que para elle será de más consequencias. Quem pede, e quer ser servido deve medir bem o tempo, o lugar e as circumstancias, e Fabricio não soube conhecer que o tempo, o lugar e as circumstancias lhe erão completamente desfavoraveis. Vai exigir que Augusto o ajude a forjar cruel cilada contra uma joven de dezeseite annos, cujo delicto é ter sabido amar o ingrato com exaggerado extremo. Ora, para conseguir' semelhante torpeza, preciso seria que Fabricio aproveitasse um momento de loucura, um desses instantes de capricho e de delirio, em que Augusto pensasse que ferir a fibra mais sensivel e vibrante do coração da mulher, a fibra do amor, não é um crime, não é pelo menos louca e reprehensivel leviandade, e apenas perdoavel e interessante divertimento de rapa-

zes; e nessa hora não podia Augusto raciocinar tão indignamente. Ainda quando não houvesse nelle muita generosidade, estava para desarmal-o o poder indizível da innocencia, o poderoso magnetismo de vinte olhos bellos como o planeta do dia, a influencia captivadora da formosura em botão, da belleza virgem ainda, de um anjo emfim; porque é symbolo de um anjo a virgindade de uma joven bella.

Mas Fabricio olvido:u tudo, e mal sem duvida terá de sahir de seu empenho com tantas contrariedades; o tempo não lhe é propicio, porque Augusto começa a sentir todos os symptomas de appetite devorador. Ora um rapaz, e principalmente um estudante, com fôme se aborrece de tudo, principalmente do que lhe cheira a maçada. O lugar não menos lhe era desfavoravel, porque diante de um ranchinho de bellas moças, quem poderá tramar contra o socego dellas? . . . então Augusto, dos taes que, por semelhante povo são como formiga por assucar, macáco por banana, criança por campainha . . . e elle tem razão! Por ultimo, as circumstancias tambem contrariavão Fabricio, pois a Sra. D. Violante havia tido o poder de esgotar toda a elastica

paciencia do pobre estudante, que não acharia nem mais uma só dóse homoeopatica desse tão necessario confortativo para despende com o novo macista.

Fabricio tomou pois o braço de Augusto, e ambos sahirão da salla: este com vivos signaes de impaciencia, e o primeiro com ares de quem ia tratar importante negocio.

A innocente D. Joanhinha os acompanhou com os olhos, e riu-se brandamente encontrando os de Fabricio, que teve ainda bastante audacia para fingir um sorriso de gratidão.

Elles se dirigirão ao gabinete do lado direito da salla, o qual fôra destinado para os homens, e entrando fechou Fabricio a porta sobre si, para se achar em toda liberdade. Emfim, estavam sós: voltados um para o outro, guardarão alguns momentos de silencio. Foi Augusto quem teve de rompe-lo.

— Então, ficamos a jogar o siso?...

— Espero a tua resposta, disse Fabricio.

— Ainda me não perguntaste nada, respondeu o outro.

— A minha carta?...

— Eu a li..., sim tive a paciencia de lê-la toda.

—E então?...

—Então o que, homem?...

—A resposta.

—Aquillo não tem resposta.

—Ora deixa-te disso; vamos mangar com a moça.

—Tu estás doudo, Fabricio.

—Por tua culpa, Augusto.

—Pois então? cuidas que o amor de uma senhora deva ser a petéca com que se divirtão dous estudantes?.

—Quem é que te falla em petéca?.... Pelo contrario o que eu quero é desgrudar-me do fatal contrabando.

—Não; apezar teu debes respeitar e cultivar o nobre sentimento que te liga a D. Joanninha. Que se diria do teu procedimento, se depois de trazeres uma moça toda cheia de amor e fé na tua constancia por espaço de tres mezes, a desprezasses sem a menor apparencia de razão, sem a mais pequena desculpa?...

—Então tu, com o teu systema de.

—Eu desengano: previno a tolas que minhas paixões teem apenas horas de vida; e tu, como os outros, juras amor eterno.

—Estou desconhecendo-te, Augusto. Sempre te achei com juizo e bom conceito, e

agora temo muito que estejas com principios de alienação mental! Explica-me, por quem és, que subito accesso de moralidade é esse que tanto te perturba.

—Isto, Fabricio, chama-se inspiração dos bons costumes.

—Bravo! bravo! foi muito bem respondido; mas palavra de honra que tenho dó de ti! Vejo que, em materias da natureza da de que tratamos, estás tão atrazado como eu em fazer sonetos. Apesar de todo o teu romantismo, ou talvez principalmente por causa d'elle, não vês o que se passa a duas pollegadas do nariz. Pois, meu amigo, quero te dizer: a theoria do amor do nosso tempo applaude e aconselha o meu procedimento; tu verás que eu estou na regra porque as moças teem ultimamente tomado por móte de todos os seus apaixonados extremos, ternos affectos, e gratos requiebro, estes tres infinitos de verbos—iscar—pescar—e casar. Ora bem vês que, para contrabalançar tão parlamentares e viciosas disposições nós os rapazes, não podiamos deixar de inscrever por divisa em nossos escudos os infinitos destes tres outros verbos—fingir—rir—e fugir—. Portanto, segue-se que estou encadernado nos axiômas da sciencia.

— Com effeito! não te suppunha tão adiantado!

— Pois que duvida?... Para viver-se vida bôa e livre, é preciso andar com olho aberto e pé ligeiro: então as taes sujeitinhas, que, com a facilidade e industria com que a aranha prende a mosca na têia, são capazes de tecer de repente, com os olhares, sorrisos, palavrinhas doces, suspiros a tempo, me-deixes approximando-se, zelos affectados e arruffos com sal e pimenta, uma armadilha tão emmaranhada, que se o papagaio é tolo e não vôa logo, mette por força o pé no laço e adeus minhas encommendas, fica de gaiola para todo a resto de seus dias... E por tanto. meu Augusto, deixa-te de insipidos escrupulos, e ajuda-me a sahir dos apuros em que m̃e vejo.

— Torno a dizer-te que estás doudo Fabricio, pois que me acreditas capaz de servir de instrumento para um enredo... uma verdadeira traição. Então que pensas?... Eu requestaria D. Joanninha, não é assim?... tu a deixavas fingindo ciumes; e depois, quem me livraria dos apertos em que necessariamente tinha de ficar?...

— Ora isso não te custava cinco minutos de trabalho: tu... inconstante por indole e por systema.

— Fabricio, deixa-te de asneiras; já que te meteste n'isso, avante! além de que, D. Joanninha é um peixão.

— Oh! oh! oh!... uma desenxabida...

— Que blasphemia!

— Além d'isso é impossível.... não posso supportar o peso: escrever quatro cartas por semana.... isto só! o talento que é preciso para inventar asneiras e mentiras dezesseis vezes por mez! e depois o Tobias....

— Puxa-lhe as orêlhas.

— Como... se elle é a cria de D. Joanninha, o alfinim da casa, o S. Benedicto da familia!...

— Não sei, meu amigo; arranja-te como pudéres.

— Lembra-te que foste a causa principal de tudo isso.

— Quem? eu... eu apenas te disse que não sabias o gosto que tinha o amor á moderna.

— Pois bem; sahi do meu elemento; fui experimentar a paixão romantica.... ahi a tem!... a tal paixãozinha me esgotou já paciencia, juizo e dinheiro. Não a quero mais.

— Tu sempre foste um papa-empadas.

— Sim; e ha dous mezes que nem sei o que é cheiro d'ellas. Anda meu Augustozinho; ajuda-me!

- Não posso, e não devo.
- Vê lá o que dizes!
- Tenho dito.
- Augusto!
- Agora digo mais que não quero.
- Olha que te has de arrepender!
- Esta é melhor!... pretendes metter-me medo?..
- Eu sou capaz de vingar-me.
- Desafio-te a isso.
- Desacredito-te na opinião das moças.
- É um meio de tornar-me objecto de suas attenções; peço-te que o faças.
- Descubro e analyso o teu systema de illudir a todas.
- Tornar-me-has interessante a seus olhos.
- Direi que és um bandoleiro.
- Melhor; ellas farão por tornar-me constante.
- Mostrarei que a tua moral a respeito de amor é a peor possível.
- Optimo!... ellas se esforçarão por fazela bôa.
- Hei de n'estes dous dias atrapalhar-te continuamente.
- Bravo! não contava divertir-me tanto.
- Então tu teimas no teu proposito?...

— Pois se é precisamente agora que estou vendo os bons resultados que elle me promette !

— Portanto estes dous dias, guerra !

— Bravissimo, meu Fabricio ; guerra !

— Antecipo-te que meu primeiro ataque terá lugar durante o jantar.

— Oh ! por milhares de razões tomára eu que chegasse a hora d'elle !...

— Augusto, até o jantar !

— Fabricio, até o jantar !

N'este momento Fellippe abriu a porta do gabinete, e dirigindo-se aos dous disse :

— Vamos jantar.



## V.

### Jantar conversado.

---

Ao escutar-se aquelle aviso animador, que, repetido pela boca de Fellippe, tinha chegado até ao gabinete onde conversavão Augusto e Fabricio, raios de alegria brilhavão em todos os semblantes. Cada cavalleiro deu o braço a uma senhora, e par a par se dirigirão para a sala de jantar. Erão, entre senhoras e homens, vinte e seis pessoas.

Coube a Augusto a gloria de ficar entre D. Quinquina que lhe dera a honra de aceitar seu braço direito, e uma joven de quinze annos, cuja cintura se podia abarcar completamente com as mãos: um velho allemão ficava á esquerda d'ella, e sem vaidade podia Augusto affirmar que D. Clementina prestava mais attenção a elle que ao jagodes, que tambem, a fallar a verdade, por seu turno mais se importava com o copo que com a moça.

D. Quinquina (como a chamão suas amigas) conversa soffrivel e sentimentalmente: é meiga, terna, pudibunda, e mostra ser muito modesta: seu moral é bello e langido como seu rosto; um apurado observador por mais que contra ella se dispozesse, não passaria de classifical-a entre — as sonsas. — D. Clementina pertencia decididamente a outro genero: o que ella é lhe estão dizendo dous olhos vivos e perspicazes, e um sorriso que lhe está tão assiduo nos labios como o copo de vinho nos do allemão. D. Clementina é um epigramma interminavel; não poupa a melhor de suas camaradas: sua vivacidade e espirito se empregão sempre em descobrir e patentear nas outras as melhores brechas para abatel-as na opinião dos homens, com quem pratica.

Durante as primeiras cobertas ella dissertou maravilhosamente ácerca de suas companhias: maliciosa e picante, lançou sobre ellas o ridiculo que manejava, e os sorrisos de Augusto, que com dextreza desafiava. As unicas que lhe havião escapado erão D. Quinquina, provavelmente por ficar-lhe muito visinha; e a irmã de Fellippe, que estava de frente, ou como é moda dizer, — *vis-á-vis*. —

Augusto, quiz provocar os tiros de D. Clementina contra aquella menina impertinente, que tão pouco lhe agradava.

—E que pensa V. S. d'esta joven senhora que está defronte de nós? (perguntou elle em voz baixa.)

—Quem?... a Moreninha?... (respondeu ella no mesmo tom.)

—Fallo da irmã de Fellippe minha senhora?

—Sim... todas nós gostamos de chamal-a —a Moreninha : —essa...

—Acabe D. Clementina! (disse a irmã de Fellippe, que, fingindo antes não prestar attenção ao que conversavão os dous, acabava de fixar de repente na terrivel chronista dous olhares penetrantes e irresistiveis.)

Parecia que uma luta interessante ia ter lugar; as duas adversarias mostravão-se ambas fortes e decididas; porém D. Clementina para logo recuou, e como querendo não passar por vencida, sorrio-se maliciosamente, e apontando para a Moreninha, disse, affectando um accento gracejador:

—Ella é travessa como o beija-flor, innocente como uma boneca, faceira como o pavão, e curiosa como... uma mulher.

—Sim! (tornou-lhe D. Carolina) Preciso

é que os ouvidos estejam bem abertos, e a atenção bem apurada, quando se está defronte de uma moça como D. Clementina, que sempre tem cousas tão engraçadas e tão innocentes para dizer !... Oh ! minha camarada, juro-lhe que ninguém lhe iguala na habilitade de compor um mappa.

— Mas... D. Carolina... vossê deu o caváco ?...

— Oh ! não, não !... ( continuou a menina com picante ironia ) porém é facto que nenhuma de nós gosta de ser offuscada com o esplendor de outra. Já basta de brilhar, D. Clementina ; o Sr. Augusto deve estar tão enfeitiçado com o seu espirito e talento, que de certo não poderá toda esta tarde e noite olhar para nós outras sem compaixão ou desgosto ; portanto já basta... senão por si, ao menos por nós.

A chronista fez-se côr de nácar, e a sua adversaria, imitando-a na malicia do sorriso, e no accentto gracejador, proseguio ainda :

— Mas ninguém conclua d'aquí que por offuscada perco o amor que tinha ao astro que me offuscou : — bella rosa do jardim ! teus espinhos ferirão a borboleta : mas nem por isso deixarás de ser beijada por ella.

E assim dizendo, a Moreninha estendeu e apinhou os dedos de sua mão direita, fez estalar um beijo no centro do bello grupo que elles formáráo, e emfim executou com o braço um movimento, como se atirasse o beijo sobre D. Clementina.

—Oh! (disse Augusto consigo mesmo) a tal menina travessa não é tão tola como me pareceu ainda ha pouco.

E desde então começou o nosso estudante a demorar seus olhares n'aquelle rosto, que com tanta injustiça taxára de irregular e feio. Prevenido contra D. Carolina por havel-a sorprendido fazendo-lhe uma carêta, o tal Sr. Augusto, com toda a impafia de um—semi-doutor—decidiu magistralmente que a moça tinha todos os defeitos possiveis; coitadinho!,.. espichon-se tão completamente, que agora mesmo já está pensando com os seus botões—ella não será bonita...; porém feia?... isso é demais.

—Chegou muito tarde á ilha... (balbuci-D. Quinquina, como quem desejava travar conversação com Augusto.)

—Pensa devéras isso, minha senhora?!.. (respondeu este, pregando n'ella um olhar de quem está pedindo um—sim.—)

— Penso... (disse a moça enrubecendo.)

— Pois é precisamente agora que eu reconheço ter chegado muito tarde, ou pelo contrario talvez cedo demais.

— Cedo de mais?...

— Certamente: não se chegará sempre cedo demais onde se corre algum risco?...

— Aqui portanto...

— N'este lugar portanto, (continuou o estudante voltando os olhos por todas as senhoras, e apontando depois para D. Quinquina) e aqui principalmente, floresce e brilha o prazer; mas perde-se tambem a liberdade de um mancebo!

Os dous fôrão interrompidos para corresponder a uma longa e interminavel collecção de brindes que o allemão principiou a desenrolar e com tanta frequencia e tão pouca fertilidade, que só a Sra. D. Anna teve por sua saúde de vel-o beber seis vezes.

Emfim cedeu um pouco a tormenta, e D. Quinquina, que havia gostado do que lhe dissera o estudante, continuou:

— Não quiz vir com seus collegas?

— Eu gosto de andar só minha senhora.

— Sempre, é má e triste a solidão.

— Mas ás vezes tambem a sociedade se tor-

na insuportavel!... por exemplo depois de amanhã...

—Depois de amanhã? (repetiu ella, sorrindo-se) depois de amanhã o que?

—Minha senhora, ouvidos que escutarão accordes sons de harpa sonora, vibrada por ligeira mão de formosa donzella, dóem-se de ouvir o toque inqualificavel da viola desafinada da rude saloia.

—Eu não o comprehendo bem...

—Quem respirou o ar embalsamado dos jardins, o arôma das rosas, os effluvios da angelica, se incommoda, se exaspera ao respirar logo depois a atmospherá grave e carregada de miasmas de um hospital.

—Ainda o não entendi.

—Pois juro, minha senhora que d'esta vez me hade comprehender perfeitamente. Digo que, vendo eu hoje dous olhos que por sua côr e brilho se assemelhão a dous bellos astros de luz, scintilando em céos do mais puro azul; que, escutando uma voz tão doce como serão as melodias dos anjos: que enfim, respirando junto de alguém cujo bafio é um perfume de delicias, depois de amanhã preferirei não ver, não ouvir, e não cheirar cousa alguma, a ver os olhos pardos e encovados

ali do meu amigo Leopoldo, a ouvir a voz de taboca rachada do meu collega Fellippe, e a respirar a fumaça dos charutos de meu companheiro Fabricio.

— Ah !... (exclamou outra vez inesperadamente D. Carolina) eu creio que D. Quinquina terá finalmente comprehendido o que o Sr. Augusto tanto se empenha em lhe explicar.

— Minha prima, (atreveu-se a dizer a ingenua, modesta, medrosa e muito sonsa D. Quinquina) minha prima, vossê o teria comprehendido no primeiro instante; não é assim ?...

— Certamente, respondeu a mocinha, sem perturbar-se; o Sr. Augusto, além de fallar com habilidade e fôgo, poz em accção tres sentidos; o que poderia tambem succeder era que, como algumas costumão fazer, eu fingisse não comprehendel-o logo, para dar lugar a mais vivas finezas, até que elle, de fatigado, dicesse tudo, sem figuras e flôres de eloquencia... Ora isso quasi que aconteceu; porque os olhos, os ouvidos e o nariz do Sr. Augusto hão de estar certamente cansados de tão excessivo trabalho !...

— Minha senhora !...

— Por desdita d'elle não houve occasião de

pôr em campo um outro sentido: o gosto ficou em inacção, bem contra a sua vontade; não é assim Sr. Augusto?...

—Minha prima todos olhão para nós...

—A respeito do tacto, não direi palavra; (continuou o terrível Moreninha) porque, se as mãos do Sr. Augusto conservarão-se em justa posição, quem sabe os transe por que passarião os pés de minha prima?.. Os Srs. estão tão juntinhos que com facilidade e sem risco se pôdem tocar por baixo da mesa.

—Menina! (exclamou a Sra. D. Anna, com accento de reprehensão.)

—Minha senhora, consinta que ella continue a gracejar: (disse Augusto meio-aturdido) além de me dar a honra de tomar-me por objecto de seus gracejos, dá-me tambem o prazer de apreciar e admirar seu espirito e agudeza.

—Agradecida! muito agradecida! (tornou o diabinho da menina, rindo-se com a melhor vontade) eu cá não custo tanto a comprehendel-o como minnha prima: já sei o que querem de mim os seus elogios... estou comprada, não fallo mais.

Uma risada geral applaudio as ultimas palavras de D. Carolina: não ha nada mais na-

tural; ella era a neta da dona da casa, e, além de ser moça, é rica.

Começava então a servir-se a sobremesa.

—E eu apesar de amigo e collega de Augusto, (disse por fim Fabricio, endireitando-se) não posso deixar de lastimar a Sra. D. Joaquina pela triste conquista que acaba de fazer.

Augusto conheceu que lhe era dado o signal do combate: Fabricio queria tomar vingança de sua nenhuma condescendencia; e pois preparou-se para sustentar a luta com todo o esforço; e vendo que todos tinham os olhos fitos n'elle, como que esperando uma resposta, não hesitou.

—Obrigado; (disse) nem eu mesmo posso de mim formar outro conceito; devo todavia declarar que, se me fosse dado conhecer a ditosa mortal que conseguiu ganhar os pensamentos e o coração do meu collega, certo que lhe eu daria meus parabens em prosa e verso: porque Fabricio é sem contradição a mais alegre e apreciavel conquista!

A ironia o feriu: a interessante Moreninha lançou sobre Augusto um olhar de aprovação, e sorriu-se brandamente: gostou de o ver manejar sua arma favorita. Sem se explicar o porque, tambem o nosso estudante

teve em muita conta aquelle sorriso da menina travessa. Fabricio continuou :

— Venha embora o ridiculo ; que nem por isso poder-se-ha negar que para o nosso Augusto não houve, não ha, nem pode haver amor que dure mais de tres dias.

Todas as senhoras olhãrão para o réo d'aquelle horrendo crime de lesa-formosura. Augusto respondeu :

— E o que ha abi de mais engraçado é que Fabricio tem culpa d'isso : porque emfim manda o meu destino que eu sempre tenha andado, ande, e haja de andar em companhia d'elle, que com a maior crueldade do mundo tira-me todos os lances, antes de tres dias de amor.

Novo olhar, novo sorriso de approvação de D. Carolina : novo prazer de Augusto por merecel-os.

Fabricio torceu-se sobre a cadeira e proseguiu :

— Nada de fugir da questão... poder-se-hia julgar fraqueza querer de algum modo occultar que, tanto em pratica como em theoria, o meu collega é e se preza de ser o prototypo da inconstancia.

— Eis o que elle não pôde negar (acudirão Leopoldo e Fellippe, rindo-se.)

—E para que negar, se já o nosso collega affirmou que eu me prezava de ter essa qualidade ?...

— Misericordia !... (exclamou uma das moças).

—É possível?... (perguntou a avó de Felippe, com seriedade.)

—É absolutamente verdade (respondeu o estudante.) Lançou depois um olhar ao derredor da mesa e todas as senhoras lhe voltarão o rosto. D. Quinquina tinha nos labios um triste sorriso : a Moreninha olhou-o com espanto, durante um curto momento ; mas logo depois soltou uma sofrivel risada, e pareceu occupar-se exclusivamente de uma fatia de podim.

Reinou silencio por alguns instantes ; Fabricio parecia victorioso ; Augusto estava como em isolamento ; as senhoras olhavam para elle com receio ; mostravam temer encontrar seus olhos : dir-se-hia que receiavam que de uma troca de olhar nascesse para logo o sentimento que as devesse tornar desgraçadas. Desde as fataes palavras de Fabricio, Augusto era n'aquella mesa o que costumava ser um leproso na idade média : —o homem perigoso, cujo contacto podia fazer a desgraça de outro.

Fabricio comprehendeu em quão triste situação estava o seu adversario, e, inexperiente, se havia deixal-o debatendo-se em sua má posição, quiz ainda mais peioral-a, e foi talvez arrancar-o d'ella. Fabricio pois falla; as senhoras embebem n'elle os olhos, e o applaudem, emquanto Augusto, servindo-se de um prato de grosso melado, affecta prestar pouca attenção ao seu accusador.

— Sim, minhas senhoras, é um joven inconstante, accessivel a todas as bellezas, repudiando-as ao mesmo tempo para correr atraz de outra, que será logo deixada pela vista de uma nova, como se elle fosse a inercia da materia, que conserva uma impressão, mas que não a guarda, senão o tempo que é gasto para um novo agente modificall-a!...

— Muito bem! muito bem!... ( disserão algumas vozes.)

— Seu coração é petrica abobada de theatro, que não entende o dizer de Auber, quando soluça a fruta ternos sons de musico discurso; pois aquella muda superficie reflecte a todos, e a todos esquece com estúpida indifferença!...

— Bravo!... Fabricio está hoje romantico (exclamou Leopoldo, apontando mali-

ciosamente para uma garrafa que se achava defronte do orador, e quasi de todo esgotada.)

— Apoiadissimo!. (murmurou Augusto, apontando tabem para a garrafa.)

— Mas elle viverá viver de lagrimas, suspiros e ancias de condemnado (concluiu Fabricio.)

— Bravo!... muito bem!... bravo!...

— Peço a palavra para responder (exclamou Augusto).

— Tem a palavra; mas nada de maçada!

— Duas palavras, minhas senhoras; só duas palavras.

— Sim, defenda-se, defenda-se.

— Defender-me?... certo que o não farei; poderia ao contrario accusar; mas tambem não quero: julgo apenas opportuno dar algumas explicações. Minhas senhoras, debaixo de certo ponto de vista o meu collega Fabricio disse a verdade; por que eu sou com effeito o mais inconstante dos homens em negocio de amor.

— Ainda repete?!

— Mas tambem quem me conhece bastante. conclue que por fim de contas não ha amante algum mais firme do que eu.

— O Senhor está compondo enigmas.

— Não o interrompão: deixen-o apresentar o seu programma amoroso.

— Sim minhas senhoras; (continuou Augusto) vamos ao desenvolvimento da primeira proposição.

— Oução! oução!

— A minha inconstancia é natural, justa, e sem duvida estimavel. Eu vejo uma senhora bella; amo-a, não porque ella é senhora. mas porque é bella; logo eu amo a belleza: ora este attributo não foi exclusivamente dado a uma só senhora; e quando o encontro em outra, fôra injustiça que eu desprezasse n'esta aquillo mesmo que tanto amei na primeira.

— Bravo! . . . viva o raciocinio!

— Mais ainda. Todo o mundo sabe que não ha quem nasça perfeito: supponhamos que eu estou na agradavel companhia de tres jovens; todas são lindas: mas a primeira vence a segunda na delicadeza do talhe; esta supéra aquella na ternura do olhar, e na graça dos sorrisos; e a terceira emfim ganha as duas na sublime harmonia de umas bastas madeixas negras, coroando um rosto romanticamente pallido: ora bem se vê que

seria commetter a mais detestavel injustiça, se eu, por amar a delicadeza do talhe da primeira, me esquecesse das ternuras dos olhares, e da graça dos sorrisos da segunda; assim como das bastas madeixas negras, e do rosto romanticamente pallido da ultima.

— Muito bem, Augusto; (exclamou Fellippe) estou achando um não sei que tão aproveitavel no teu systema, que me vejo em termos de segui-lo.

— Eis aqui, pois, porque sou inconstante, minhas senhoras; é o respeito que tributo ao merecimento de todas, é talvez o excesso a que levo as considerações que julgo devidas ao sexo amavel, que me faz ser voluvel. — Agora eu entro na segunda parte da minha explicação.

— Attenção!. elle vai provar que é constante!..

— Antes que ninguem, minhas senhoras, eu reprehendi o meu coração pela sua volubidade; mas, vendo que era vão trabalho querer extinguir por tal meio uma disposição que a natureza n'elle plantára, pretendi primeiro achar na mesma natureza um correctivo que õ fizesse; procurei uma joven bem encantadora para me lançar em captiveiro

eterno ; mas debalde o fiz, porque eu sou tão sensível ao poder da formosura, que sempre me succedia esquecer a bella de hontem pela que via hoje, a qual pela mesma razão era esquecida depois : quantas vezes, minhas senhoras, nos meus passeios da tarde eu olvidei o amor da manhã d'esse mesmo dia por outro amor, que se extinguiu no baile d'essa mesma noite !..

— É exageração ! (disse uma senhora.)

— É exactamente assim (acudiu Fabricio.)

— Que folha d'alho !... (exclamou D. Quinquina.)

— Então, minhas senhoras (proseguiu Augusto) eu entendi que devia recorrer a mim proprio para tornar-me constante. Consegui-o ; sou firme amante de um só objecto...mas de um objecto que não tem existencia real, que não vive.

— Como é isto !. então a quem ama ?

— A sua sombra, como Narciso ?.

— A bonéca que se vê na vidraça do Desmarais?...

— Ao Cupido de Praxiteles, como Akidias de Rhodes?..

— Alguma estatua da Academia das Bellas Artes?...

— Nada d'isso.

— Então a quem?

— A todas as senhoras, resumidas n'um só ente ideal.

Á custa dos bellos olhos d'uma, das lindas madeixas d'outra, do collo de alabastro d'esta, do talhe elegante d'aquella, eu formei o meu bello-ideal, a quem tributo o amor mais constante. Reuno o que de melhor está repartido; e faço mais ainda, aperfeiçoão a minha obra tôdos os dias : por exemplo, retirando-me d'esta ilha, eu creio que vestirei o meu bello-ideal de novas frômas !

— Viva o cumprimento !.

— Foi assim, minhas senhoras, que me pude tornar constante, e, graças a meu proveitoso systema, posso amar a todas as senhoras a um tempo, sem ser infiel a nenhuma. Disse.

— Muito bem !. muito bem !...

— Augusto desempenhou-se.

O champagne estourava n'aquelle momento. Leopoldo tomou a palavra pela ordem.

— Eu vou (exclamou) propor um bello meio de terminar esta discussão, convidando a todos os senhores para um brinde, no qual Augusto, por castigo de sua inconstancia,

nos não poderá acompanhar. Não é novo que mancebos bebão, no meio dos prazeres de um festim, um copo de vinho depois de pronunciar o nome d'aquella que é a dama de seus pensamentos: aqui não estamos só mancebos, e pois não faremos tanto: pronunciamos com tudo a inicial do primeiro nome.

— Sim! sim! (disse Fellippe) Augusto não beberá com nosco...

— Não, maninho; (acudiu a interessante Moreninha) elle ha-de beber tambem.

— Ah minha senhora! no beber um copo de champagne não está a duvida; a difficuldade toda é poder entre tantos nomes escolher o mais amado: acode-me tal numero, dos que tem tocado o superlativo do amor ..

— M... (disse Leopoldo, esvasiando seu copo.)

— C... (pronunciou Fellippe, olhando para D. Clementina.

— J. (balbuciu Fabricio exasperado com um accesso de tosse que atacára Augusto.)

Os outros mancebos pronunciãrão suas letras; só o inconstante faltava.

— Eia! animo, Sr. Augusto (disse D. Carolina, )

— Mas que letra, minha senhora?. se elles me dessem licença, eu faria o enorme sacrificio de reduzir as que me lembrão ao diminuto numero de vinte e tres.

— Nada! nada! n'esta saúde não entra o numero plural.

— Pois bem, Senhor Augusto; (continuou a menina) uma collecção não deixa de ser singular; beba o seu copo de champagne—ao alphabeto inteiro — !

— Sim, minha senhora, — ao alphabeto inteiro !.

Meia hora depois levantarão-se da mesa. Leopoldo approximou-se de Augusto.

— Então que dizes, Augusto ?.

— Que passaremos a mais agradavel noite.

— E quem ganhará a aposta ?.

— Eu.

— De quaes d'estas meninas estás mais apaixonado ?.

— Estou na minha regra ; mas hoje tenho-me apaixonado só de tres principalmente.

— E o que pensas da irmã de Fellippe ?

— A melhor resposta que te posso dar, é — não sei — ; porque ao mei dia a julgava travessa, importuna, e feia ; mas era-me completamente indifferente.

- Á uma hora ?.
- Eu a suppuz estouvada e desagradavel.
- Ás duas horas .
- Má ; e desejava vê-la longe de mim.
- Durante o jantar?...
- Fui achando-lhe algum espirito, e accusei-me por havel-a julgado feia.
- E agora ?
- Parece que me sinto muito inclinado a declalar-a engraçada e bonitinha.
- E d'aqui a pouco ?
- Eu te direi.



## VI.

### Augusto com seus amôres.

---

Poucos momentos depois da scena antecedente, a sala de jantar ficou entregue unicamente ao insaciavel Keblerc, que entendeu, não sabemos se mal ou bem, que era muito mais proveitoso ficar fazendo honras a meia duzia de garrafas de bello vinho, do que acompanhar as moças, que se fôrão deslisar pelo jardim. Outro tanto não fizerão os rapazes, que de perto as acompanhárão, assim como pais, maridos, e irmãos, todos animados e cheios de prazer e harmonia, dispostos a acabar o dia e entrar pela noite com gosto.

Mas dicemos que não sabiamos se Keblerc havia feito bem ou mal em não imitar os outros. Sem duvida já fomos condemnados por homem de mão gosto; cumpre-nos dar algumas razões. Entendemos, cá para nós, que por diversos caminhos vão, tanto o Al-

lemão como os rapazes, a um mesmo fim. Em resultado, esgotadas as garrafas, e terminado o passeio, haverá môna, não só na sala do jantar, mas também no jardim: a diferença é que uma será môna de vinho, e a outra de amor: esta ultima costuma sempre ser a mais perigosa. Pela nossa parte confessamos que não ha cachaça que embebede mais depressa, do que uma que se bebe nos olhos travessos de certas pessoas.

Passeava-se: cada cavalheiro dava o braço a uma senhora: e divagando-se assim pelo jardim, o dicionario das flôres era lembrado a todo momento. Menina havia que, apenas algum lhe dizia, apontando para a flor:

— Acacia!

— Sonhei com vossê (respondia logo).

— Amor perfeito!

— Existo para ti só (tornava immediatamente). E o mesmo fazia a respeito de todas as flores que lhe mostravão; era uma doutora de borla e capello em todas as sciencias amatorias; e esta menina era, sem mais nem menos, aquella languida e sonsinha D. Quinquina. — Fiai-vos nas sonsas.

Um moço e uma moça porém andavão, como se costuma dizer, solteiros: bem vezes

d'ella se aproximava o sujeito ; mas a bella, quanto mais perto o via, saltava, corria, voava como um beija-flor, como uma abelha, ou, melhor, como uma doudinha : —erão elles D. Carolina e Augusto.

Augusto passeava só, contra vontade ; D. Carolina por assim o querer.

Augusto viu de repente todos os braços *engajados* : duas senhoras, a quem se dirigiu, fingirão não ouvi-lo, ou se desculparão. O inconstante não lhes fazia conta, ou antes querião, tornando-se defficeis, vel-o requestando-as ; porque, desde o programma de Augusto, cada uma d'ellas entendeu lá com siggo que seria grande gloria para qualquer o prender com inquebraveis cadeias aquelle capoeira de amor, e que o melhor meio de o conseguir era fingir desprezal-o, e mostrar não fazer conta com elle. Exactamente intentavão batel-o por meio d'essa tactica poderosa, com que quasi sempre se triumphava da mulher ; isto é, — pouco a pouco. —

D. Carolina pelo contrario havia rejeitado dez braços ; queria passear só. Um braço era uma prisão, e a engraçada Moreninha gosta sobretudo da liberdade. Ella quer correr, saltar, e entender com as outras ; agora adiante

de todos, e d'aqui a pouco ser a ultima no passeio: viva, com seus olhos sempre brilhantes, agil, com seu pézinho sempre prompto para a carreira, innocente para não se envergonhar de suas travessuras, e criada com mimo demais para prestar attenção aos conselhos de seu irmão, ella está em toda a parte, vê, observa tudo, e de tudo tira partido para rir-se: em continua hostilidade com todas aquellas que passeiavão com moços, de cada vista d'olhos, de cada suspiro, de cada palavra, de cada acção que percebia, tirava motivo para seus epigrammas; e, inimigo invencivel, porque não tinha fraco por onde fosse atacado, era por isso temido e acariciado: deixemol-a pois correr e saltar, apparecer e desaparecer ao mesmo tempo; nem á nossa penna é dado o poder acompanhal-a que ella é tão rapida como o pensamento.

Finalmente o póbre Augusto encontrou uma senhora, que teve piedade d'elle. Estão afastados do resto da companhia; cõversão: vamos ouvil-os.

— Com effeito, ( disse a Sra. D. Anna ) devo confessar que me espantei ouvindo-o sustentar com tão vivo fôgo a inconstancia no amor.

— Mas, minha senhora, não sei porque se quer espantar!. é uma opinião.

—Um erro, senhor !. ou melhor ainda, um systema perigoso, e capaz de produzir grandes males.

— Eis o que tambem me espanta !

— Não, senhor; nada ha aqui que exagerado seja : rogo-lhe que por um instante pense comigo: se o seu systema é bom, deve ser seguido por todos: e se assim acontecesse, onde iriamos assentar o socego das familias, a paz dos esposos, se lhe faltava a sua base, a constancia ?.

Augusto guardou silencio e ella continuou.

— Eu devo crer que o Sr. Augusto pensa de maneira absolutamente diversa d'aquella pela qual se explicou : consinta que lhe diga ; no seu pretendido systema, o que ha é muita velhacaria : finge não se curvar por muito tempo diante de belleza alguma, para plantar no amor-proprio das moças o desejo de triumphar de sua inconstancia.

— Não, minha senhora ; o unico partido que eu procuro, e tenho conseguido tirar, é o socego que ha algum tempo gozo.

— Como ?.

— É uma historia muito longa, mas que eu resumirei em poucas palavras. Com effeito não sou tal qual me pinte durante o jantar.

Não tenho a louca mania de amar um bello-ideal, como pretendi fazer crer; porém o certo é que eu sou e quero ser inconstante com todas, e conservar-me firme no amor de uma só.

— Então o senhor já ama?

— Julgo que sim.

— A uma moça?..

— Pois então a quem?...

— Sem duvida bella!...

— Creio que deve ser, .

— Pois o senhor não sabe?...

— Juro que não.

— O seu semblante?...

— Não me lembro d'elle.

— Mora na Côrte?...

— Ignoro-o.

— Vê-a muitas vezes?...

— Nunca.

— Como se chama?...

— Desejo muito sabel-o.

— Que misterio!...

— Eu 'devo mostrar-me grato à bondade com que tenho sido tratado, satisfazendo a curiosidade que vejo muito avivada no seu rosto; e pois a senhora vai ouvir o que ainda não ouviu nenhum dos meus amigos, o que

eu não lhes diria; porque elles provavelmente rir-se-hião de mim. Se deseja saber o mais interessante episodio de minha vida, entre-mos n'esta gruta, onde praticaremos livres de testemunhas, e mais em liberdade.

Elles entrárão.

Era uma gruta pouco espaçosa, e cavada na base de um rochedo que dominava o mar. Entrava-se por uma abertura alta e larga, como qualquer porta ordinaria. Ao lado direito havia um banco de relva, em que poderião sentar-se a gosto tres pessoas; no fundo via-se uma pequena bacia de pedra, onde cahia gota a gota, limpida e fresca, agua que do alto do rochedo se distillava: preso por uma corrente á bacia de pedra estava um copo de prata, para servir a quem quizesse provar da bõa agua do rochedo.

Foi este lugar escolhido por Augusto para fazer suas revelações á digna hospeda.

O estudante, depois de certificar-se que toda a companhia estava longe, veio sentar-se junto da Sra. D. Anna, no banco de relva, e começou a historia dos seus amôres.



## VIII.

### Os dous breves, branco e verde.

---

— Negociós importantes, minha senhora, tinham obrigado meu pai a deixar sua fazenda e a vir passar alguns mezes na Corte: eu o acompanhei, assim como toda a nossa familia. Isto foi ha sete annos; e n'essa época houve um dia... mas que importa o dia? eu o poderia dizer já; o dia, o lugar, a hora, tudo está presente á minha alma, como se fôra succedido hontem o acontecimento que vou ter a honra de relatar: é uma loucura... a minha mania... embora... Foi pois ha sete annos, e tinha eu então treze de idade, que, brincando em uma das bellas prais do Rio de Janeiro, vi uma menina que não poderia ter ainda oito.

Figure-se a mais bonita criança do mundo, com um vivo, agradavel e alegre semblante; com cabellos negros e annelados, voando ao derredor de seu pescoço; com o fogo do

Céu nos olhos, com o sorrir dos anjos nos labios, com a graça divina em toda ella, e far-se-ha ainda uma idéa incompleta d'essa menina.

Ella estava á borda do mar, e seu rosto voltado para elle; aproximei-me devagarinho: uma criança viva e espirituosa, quando está quieta, é porque imagina novas travessuras, ou combina os meios para executar alguma a que se põe obstaculos: eu sabia isto por experiencia propria: cheguei-me pois, para saber em que pensava a menina: a pequena distancia d'ella parei, porque já tinha adivinhado seu pensamento.

Na praia estava deposta uma concha; mas tão perto do mar, que quem a quizesse tomar, e não fosse ligeiro e experiente, se expunha a ser apanhado pelas ondas, que rebentavão com força então.

Eu vi a travessa menina hesitar longo tempo entre o desejo de possuir a concha, e o receio de ser molhada pelas vagas: depois pareceu haver tomado uma resolução; o capricho de criança tinha vencido. Com suas lindas mãosinhas arregaçou o vestido até os joelhos. quando a onda recuou, ella fez um movimento; mas ficou ainda no mesmo

lugar, inclinada para diante, e na ponta dos pés : segunda.. terceira. quarta.. quinta onda, e sempre a mesma scena de ataque, e receio do inimigo. Finalmente, ao refluxo da sexta, ella precipitou-se sobre a concha; mas a arêa escorregou debaixo de seus pés, e a interessante menina cahio na praia, sem risco e com graça: erguendo-se logo, e espantada ao ver perto de si a nova onda, que d'essa vez vinha mansa e fraca como respeitosa, correu para traz, e sem o pensar atirou-se nos meus braços, exclamando :

— Ah!... eu ia morrer afogada!...

Depois, vendo-se com o vistido cheio de arêa, começou a rir-se muito, sacudindo-o, e dizendo ao mesmo tempo :

— Eu cahi! eu cahi!...

E como se não bastasse esta passagem rapida do susto para o prazer, ella olhou de novo para o mar, e tornando-se levemente melancolica, balbuciou com voz pezarosa apontando para a concha.

— Mas. a minha concha!...

Ouvindo a sua voz harmoniosa e vibrante, eu não quiz saber de fluxos nem refluxos de ondas; corri para ellas com enthusiasmo, e radiante de prazer e felicidade apresentei-

me á linda menina, embora um pouco molhado, mas trazendo a concha desejada.

Este acontecimento fez-nos logo — camaradas —. Corremos a brincar juntos com toda essa confiança infantil, que só póde nascer da innocencia e que ainda em parte se dava em mim, postoque já a esse tempo fosse eu um pouco velhaquete e sonso, como um estudante de latim, que era, e por tal já procurava minhas blasphemias no dictionario.

É sempre digna de observar-se esta tendencia que tem as calças para o vestido! Desde a mais nova idade e no mais innocente brinquedo apparece o tal mutuo pendor dos sexos.... e de mistura umas vergonhas muito engraçadas....

Eu cá sempre fui assim; quando brincava o *tempo será*, por exemplo, sempre preferia esconder-me atrás das portas com a menos bonita de minhas primas, do que com o mais formoso de meus amigos da infancia.

Mas, como ia dizendo, nós brincámos juntos; corriamos e cahiamos na arêa, e depois riamos ambos de nós mesmos. Tinhamos esquecido todo o mundo, pensavamos sómente em nos divertir, como os melhores amigos.

Depois de uma agradável hora, passada

em mil diversas travessuras, que nossa imaginação e inconstancia de meninos modificava e inventava a cada momento, a minha interessante camarada voltou-se de repente para mim, e perguntou :

— Sou bonita, ou feia ?...

Eu quiz responder-lhe mil cousas... corei... e finalmente murmurei tremendo :

— Tão bonita !...

— Pois então, (tornou-me ella) quando formos grandes, havemos de nos casar ; sim ?

— Oh !... pois bem !...

— Havemos, (continuou o lindo anginho de sete annos) eu o quero... Olhe, o meu primo Juca me queria tambem ; mas ainda hontem me quebrou a minha mais bonita bonéca... ora o marido não deve quebrar as bonécas de sua mulher : eu quero pois me casar com o senhor, que ha-de apanhar bonitas conchinhas para mim... Além d'isso elle não tem, como o senhor, os cabellos louros, nem a côr rosada...

— Porém eu gosto mais dos cabellos pretos..

— Melhor ! melhor !... (exclamou a menina, saltando de prazer) olhe os meus são pretos!

E n'isto ella puxou com a sua pequena mão-

zinha um de seus bellos anneis de madeixa, para mostrar-m'o; e largando-o depois, eu o vi cahir outra vez em seu pescoço, de novo torcido como um caracol.

Ainda corremos mais e continuámos a brincar juntos; e sem o pensar; nós nos esquecemos de procurar saber os nossos verdadeiros nomes; porque nos bastavão esses, com que já nos tratavamos, de — meu marido — minha mulher.

A viveza, a graça, e o espirito da encantadora menina tinhão feito desaparecer meu natural acanhamento: nós estavamos como dous antigos camaradas, quando fomos interrompidos em nossas travessuras por um outro menino, que para nós corria chorando.

— O que tem?... (perguntámos ambos)

— É meu pai que morre! (exclamou elle, apontando para uma velha casinha, que avis-támos algumas braças distante de nós.)

Ficámos um momento tristemente sorprendidos; depois, como dominados pelo mesmo pensamento, ella e eu dicemos a um tempo:

— Vamos lá.

E corremos para a pequena casa.

Entrámos. Era um quadro de dôr e luto, que tinhamos ido ver. Uma pobre velha, e

tres meninos mal vestidos e magros, cercavão o leito em que jazia moribundo um ancião de cincoenta annos pouco mais ou menos. Pelo que agora posso concluir, uma syncope havia causado todo o movimento, pranto e desolação, que observámos. Quando chegámos ao pé de seu leito elle tornava a si.

— Ainda não morri ! ( balbuciou, olhando com ternura para seus filhos e deixando cahir dos olhos grossas lagrimas ) depois , deparando comnosco continuou :

— Quem são estes dous meninos ?.

Ninguem lhe respondeu ; porque todos choravão, sem exceptuar a minha bella camarada e eu.

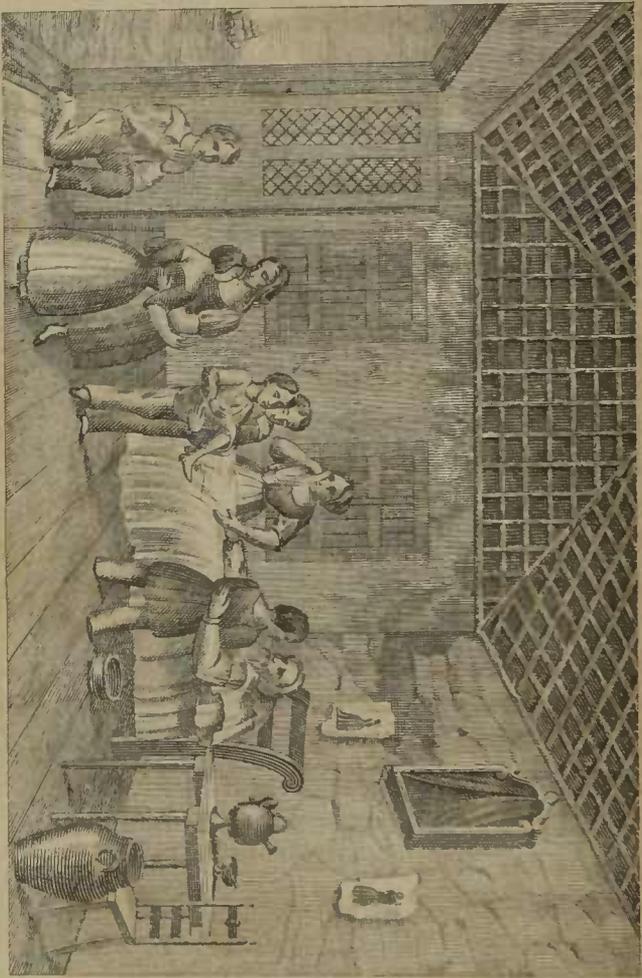
— Não chorem ao pé de mim ! ( exclamou o velho, suffocado em pranto, e escondendo o rosto entre as mãos, enquanto seus tres filhos, e o quarto, que tinhamos ha pouco visto fóra, se atiravão sobre elle, no excesso da maior da mais nobre e mais sublime das dôres. )

A minha camarada dirigiu-se então á velha.

— O que tem então elle ? . . . ( perguntou com viva demonstração de interesse. )

— Oh meus meninos ! ( respondeu a afflicta velha ) elle soffre uma enfermidade cruel, mas





que poderia não ser mortal. ; porém é pobre!. . e morre mais depressa pelo pezar de deixar seus filhos expostos á fome!. morre de miseria!. morre de fome!.

— Fôme (exclamámos com espanto) fome! pois tambem morre-se de fome?...

E instinctivamente a minha interessante companheira tirou do bolso de seu avental uma moéda de ouro, e dando-a a velha disse :

— Foi meu padrinho que m'a deu hoje de manhã. eu não preciso d'ella. . não tenho fome.

E eu tirei de meu bolso uma nota, não me lembro de que valor, e por minha vez a entreguei, dizendo:

— Foi minha mãe que m'a deu, e ella me dá um abraço, sempre que faço esmola aos pobres.

Não é possível descrever o que se passou então n'aquella miseravel choupana. Minha linda mulher e eu tivemos de ser abraçados mil vezes, de ver de joêlhos a nossos pés a velha e os meninos. O ancião forcejava por fallar ha muito tempo... dava com as mãos chamando-nos.. finalmente nós nos aproximámos d'elle, que nos apertou com enthusiasmo contra o coração.

— Quem sois? (pôde enfim dizer) quem sois?

— Duas crianças (foi a menina que respondeu.)

— Dous anjos; (tornou o velho) e quem é este menino?

— É o meu camarada (disse ainda ella.)

— Vosso irmão?...

— Não, senhor; meu. marido.

— Marido? . .

— Sim; eu quero que elle seja meu marido.

— Deus realize vossos desejos!...

Acabando de pronunciar estas palavras, o ancião guardou silencio por alguns instantes.. bebeu com sofreguidão um pucaro cheio d'agua. e olhando de novo para nós, e tendo no rosto um ar de inspiração, e em suas palavras um accento prophetico, exclamou :

— Seja dado ao homem agonizante lançar seus ultimos pensamentos do leito da morte além dos annos que já não serão para elle, e penetrar com seus olhares atravez do véo do futuro!... Meus filhos! amai-vos, e amai-vos muito! a virtude se deve ajuntar, assim como o vicio se procura: sim; amai-vos! eu não vos illudo. vejo lá. bem longe. a promessa realizada! são dous anjos que se unem... vêde!... os meninos que entrã

rão na casa do miseravel, que enxugarão o pranto e matarão a fome da indigencia, são abençoados por Deus, e unidos em nome d'elle!... Meus filhos, eu vos vejo casados lá no futuro! ..

— Oh!... eis-ahi outra vez o delirio!.. (disse a velha, vendo a exaltação e o semblante afogueado do enfermo.)

— Não, minha mãe!. (continuou elle) não! não é delirio!... Pois que!.. não pôde o Eterno abençoar a virtude pela minha boca?... Oh meus meninos! Deus paga sempre a esmola que se dá ao pobre!... ainda uma vez... lá no futuro... vós o sentireis.

Nós estavamos espantados: o rosto do ancião se havia tornado rubro; seus olhos flamejantes... seus labios tremião convulsivamente, e sua mão rugosa tinha tres vezes nos abençoado.

Escutando suas palavras, eu acreditei que estavamos ouvindo uma prophecia infallivelmente realizavel, pronunciada por um inspirado do Senhor.

Não parou ahi nossa admiração. O doente, cujas forças parecião haver reaparecido subitamente, apoiando-se sobre um dos cotovellos, abriu a gavêta de uma mesa, que estava

junto de seu leito, e tirando de uma pequena e antiga caixa dous breves, os deu á velha, dizendo :

— Minha mãe, descosa esses dous breves.

A velha obedecendo pontualmente, os descoseu com promptidão. Os breves erão dous; um verde, e outro branco.

Depois o ancião . voltando-se para mim, disse :

— Menino ! que trazeis com vosco, que possais offerecer a esta menina ?...

Eu corri com os olhos tudo que em mim havia, e só achei para entregar ao admiravel homem, que me fallava, um lindo alfinete de camafeu, que meu pai me tinha dado para trazer ao peito : machinalmente puz-lhe nas mãos o meu camafeu.

O velho quebrou o pé do alfinete, e dando-o a sua mãe, accrescentou :

— Minha mãe, cosa dentro do breve branco este camafeu.

E voltando-se para minha bella camarada, continuou :

— Menina ! que trazeis com vosco que possais offerecer a este menino ?...

A menina, atilada e viva como que já esperando tal pergunta, entregou-lhe um botão

de esmeralda, que trazia em sua camizinha.

O velho o deu a sua mãe, dizendo :

— Minha mãe, cosa esta esmeralda dentro do breve verde.

Quando as ordens do ancião fôrão completamente executadas, elle tomou os dous breves, e dando-me o de côr branca, disse-me :

— Tomai este breve, cuja côr exprime a candura da alma d'aquella menina ; elle contém o vosso camafeu : se tendes bastante força para ser constante, e amar para sempre aquelle bello anjo, dai-lh'o, afim de que ella o guarde com desvelo.

Eu mal comprehendí o que o velho queria : ainda machinalmente entreguei o breve á linda menina, que o prendeu no cordão de ouro que trazia ao pescoço.

Chegou a vez d'ella. O nosso homem deu-lhe o outro breve, dizendo :

— Tomai este breve, cuja côr exprime as esperanças do coração d'aquelle menino ; elle contém a vossa esmeralda ; se tendes bastante força para ser constante, e amar para sempre aquelle bom anjo, dai-lh'o, afim de que elle o guarde com desvelo.

Minha bella mulher executou a insinuação

do velho com promptidão, e eu preendi o breve ao meu pescoço com uma fita que me derão.

Quando tudo isto estava feito, o velho proseguiu ainda :

— Ide, meus meninos ; cresci e sêde felizes ! vós olhastes para mim pobre e miseravel, e Deus olhará para vós... ah ! recebi a benção de um moribundo !... recebi-a e sahi para não vel-o expirar !...

Isto dizendo, apertou nossas mãos com força : eu senti então que o velho ardia ; senti que seu bafo era como vapôr de agua fervendo, que sua mão era uma braza, que queimava... sinto ainda sobre os meus dedos o calor abrazador dos seus, e agora comprehendendo que com effeito elle delirava, quando assim praticou com duas crianças.

Emfim nós deixámos aquella morada afflictos e admirados : sós, nós pensámos no velho, e chorámos juntos ; depois, nas crianças isto não merece repáro, nossa dôr se mitigou para cuidarmos em brincar outra vez.

De repente a menina olhou para mim e disse :

— E quando minha mãi perguntar pela esmeralda ?...

Eu cuidei que lhe respondia, e fiz-lhe igual pergunta !

— E quando meu pai perguntar pelo meu camafeu ?

Ficámos olhando um para o outro : passados alguns instantes, minha linda mulher, que me parecêra estar pensando, disse sorrindo-se :

— Eu vou pregar uma mentira.

— E qual ! . . .

— Eu direi a minha mãe que perdi a minha esmeralda na praia.

— E eu responderei a meu pai que perdi o meu camafeu nas pedras.

— Elles mandarão procurar sem duvida . . .

— E não o achando, esquecer-se-hão d'isso.

— E os breves ? . . .

— Nós os guardaremos ? . . .

— O velho disse que sim.

— Para que será isto ? . . .

— Diz que é para nos casarmos quando formos grandes.

— Pois então nós os guardaremos.

— Oh ! eu o prometto.

— Eu o juro.

N'este momento soou Ave-Maria.

— Tão tarde ! (exclamou o menina) minha mãe ralhará comigo !

E dizendo isto, correu, esquecendo-se até

de despedir-se de mim. Esse fatal descuido acabava do entristecer-me, quando ella já de longe voltou-se para onde eu estava, e mostrando-me o breve branco, gritou :

—Eu o guardarei!

Pela minha parte entendi dever dar-lhe igual resposta; e pois mostrei-lhe o meu breve verde e gritei-lhe tambem:

—Eu o guardarei!...

Aqui parou Augusto para respirar; tão cansado estava com a longa narração: porém ergueu-se logo, ouvindo ruido á entrada da gruta.

—Alguem nos escuta (disse elle)

—Foi talvez uma illusão (respondeu a digna hospeda).

—Não, minha senhora; eu ouvi distinctamente a bulha que faz uma pessoa que corre (tornou Augusto, dirigindo-se á entrada da gruta, e observando em derredor d'ella.)

—Então?... (perguntou a Sra. D. Anna.)

—Enganei-me na verdade.

—Mas vê alguma pessoa?..

—Apenas lá vejo sua bella neta, a Sra. D. Carolina, pensativa e recostada á effigie da Esperança.

## VIII.

### Augusto proseguindo.

---

A avó de Fellippe quiz tomar por sua vez a palavra; porém o estudante lhe fez ver que ainda muito faltava para o fim de suas historias, e voltando de novo ao seu lugar, continuou:

—O acontecimento que acab o de relatar minha senhora, produziu vivissima impressão no meu espirito; ajudado por minha memoria de menino de trese annos, apenas entrei em casa, escrevi, palavra por palavra, quanto me havia acontecido: isto me tirou o trabalho de mentir; porque adormecendo sobre o papel que acabava de escrever, meu pai o leu á sua vontade, e soube o destino do camafeu sem precisar que lhe eu dicesse. Elle ainda estava junto de mim quando despertei, exclamando —o meu breve!.. o velho!.. minha mulher!..

—Anda, doudinho; (disse-me meu pai com bondade) eu te perdôo tuas novas loucuras em

louvor da acção que praticaste socorrendo um velho enfermo ; agora, guarda, eu t'ò peço, e mesmo t'ò mando, guarda melhor esse breve do que guardaste o camafeu.

E isto dizendo deixou-me.

Não se fallou mais n'este acontecimento, soube que o velho morrerá no dia seguinte, e que no momento da agonia abençoára de novo a minha camarada e a mim.

Meu pai fez todas as despezas do enterro do velho, e soccorreu sua desgraçada familia.

Eu nunca mais vi, nem soube noticia alguma de minha interessante camarada ; mas nem por isso a esqueci, minha senhora ; porque, ou seja que meu coração a tivesse amado devéras, ou que esse breve tivesse em si alguma cousa de encantador, o certo é que eu ainda hoje me lembro com saudades d'essa criança tão travessa, porém tão bella. Sem saber seu nome, pois nem lh'ò perguntei, nem ella m'ò disse, quando quero fallar a seu respeito, digo — sempre minha mulher ! — Riem-se... não me importa : eu não posso dizer de outro modo.

Sempre com sua imagem na minh'alma, com seu engraçado sorriso diante de meus olhos, com suas sonoras palavras soando a

meus ouvidos, passei cinco annos pensando nella de dia, e com ella sonhando de noite: era uma loucura; mas que havia eu de fazer?.. Cheguei assim aos meus dezoito annos.

Eu já era pois mancebo: meus pais nada poupavão para me educar convenientemente: aprendia quanto me vinha á cabeça: dizião que minha voz era sonora, e por tal convidavão-me para cantar em elegantes sociedades; julgavão que eu dançava com graça, e lá ia eu para os bailes; finalmente, como cheguei a fazer algumas quadras, pedião-me para recitar sonetos em dias de annos: assim introduzirão-me em mil reuniões, onde as bellezas formigavão, e os amôres erão dardejados por brilhantes olhos de todas as côres.

Além d'isto frequentava as casas de meus companheiros dos estudos, e os ouvia contar proezas de paixões, triumphos e derrotas amorosas. Meu amor proprio se despertou; tive vontade de amar e ser amado.

Julguei esta minha determinação ainda mais justa; pois, tendo ido passar certas férias na roça e fallando mil vezes no meu breve e em minha mulher, ouvi a minha mãi dizer uma vez, em que me julgava longe:

— Temo que esse breve tire o juizo áquelle

menino: talvez que nos seja preciso casal-o cedo.

Portanto, para não ouvir sómente, mas tam-bem para contar alguma victoria de amor; pa-rra não endoudecer por causa do breve, e final-mente para não ser necessario a minha mái casar-me cedo, determinei-me a amar.

—Esqueceu-se por consequencia de sua mu-  
lher e do seu breve! (perguntou a Sra. D. An-  
na, interrompendo Augusto.)

—Ao contrario, minha senhora; (tornou  
este) foi essa minha resolução que me tornou  
mais firme, e mais amante de minha mulher.

—Não sei (continuou Augusto) que teve o  
amor comigo para entender que todas as mo-  
ças devião rir-se de mim, e zombar de meus  
affectos! Pensa que brinco, minha senhora?...  
pois foi isso mesmo o que me succedeu no  
decúrso de minhas paixões: eu resumo algu-  
mas.

A primeira moça que amei era uma bella  
moreninha, de dezesseis annos de idade: fiz-  
lhe a minha declaração na carta mais pathetica  
que um pateta poderia conceber; no fim de  
tres dias recebi uma resposta abrazadora, e  
cheia de protestos de gratidão e ternura: meu  
coração se enthusiasmou com isso... Na pri-

meira reunião de estudantes contei a minha victoria, li a minha carta, e a resposta que havia recebido : fui vivamente applaudido ; porém oito dias depois os mesmos estudantes quasi que me quebrarão a cabeça com cacholetas e gargalhadas ; porque, oito dias bem contadinhos depois d'essa resposta, a minha terna amada casou-se com um velho de sessent'annos. Jurei não amar a moça nenhuma que tivesse a côr morena.

Apaixonei-me logo, e fui desgraçadamente correspondido por uma interessante joven, tão coradinha que parecia mesmo—uma rosa franchezza,— Nós nos encontravamos nas noites dos sabbados em certa casa, onde se dava todas as semanas uma partida : era a mais agradável sabbatina que podia ter um estudante : porém o meu novo amor chegava a ser tocante de mais : a minha querida levava o ciume até um ponto que me atormentava prodigiosamente : se passava algum dia em que a não visse, e lhe não mandasse uma flor, apparecia-me depois chorosa e abatida ; se na tal partida eu me atrevia a dançar com alguma outra moça bonita, era contar com um desmaio certo, e desmaio de que não accordava sem que eu mesmo lhe chegasse ao nariz o seu vidrinho

de essencia de rosas; e tudo mais por este theor e fórma. Este amor já estava um pouco velho certamente, tinha tres mezes de idade. Um sabbado mandei-lhe prevenir que faltaria á partida; mas tendo terminado cedo meus trabalhos, não pude resistir aos desejos de vê-la, e fui á reunião: erão onze horas da noite quando entrei na sala: procurei-a com os olhos, e certo moço, com quem me dava, que me entendeu, apontou para um gabinete visinho: voei para elle.

Ella estava sentada junto de um mancebo, e com as costas voltadas para a porta; tomavão sorvetes. Cheguei-me de manso: conversavão os dous, sem vergonha nenhuma, em seus amôres: fiquei espantado, e tanto mais que, pelo que ouvi, elles já se correspondião ha muito tempo: mas o meu espanto se tornou em furia quando ouvi o machacaz fallar no meu nome, lingindo-se zeloso, e receber em resposta as seguintes palavras: — O Augustozinho?... Lamente-o antes: coitado! é um pobre menino, com quem me divirto nas horas vagas. — Soltei um surdo gemido; a traidora olhou para mim, e voltando-se depois para o seu querido, disse com o maior sangue frio: — Ora ahí tem! perdi por sua cauza este divertimento.

Jurei não amar moça nenhuma de côr rosada.

Sem emendar-me, ainda tornei-me cégo amante de uma joven pállida; e como das outras vezes, fui correspondido com ardor; mas d'esta tive eu provas de affecto mui sérias. Antes de ver-me, ella amava um primo, e até escrevia-lhe a miudo: eu exigi que a minha terceira amada continuasse a receber cartas d'elle, e que as respondesse: consentio n'isso, com a condição de lhe redigir as respostas. —Bello! (disse eu comigo) vou tambem divertir-me por minha vez, á custa de um amante infeliz! —E o negocio ficou assentado.

Infelizmente eu não conhecia o primo da minha amada: mas essa era a infelicidade mais toleravel possível.

Um dia tratámos de encontrar-nos em certa Igreja, onde tinha de haver esplendida festa: cheguei cedo; mas, logo depois da minha chegada rebentou uma tempestãde, e choveu prodigiosamente: pouco durou o mão tempo; porém as ruas deverião ter ficado alagadas, e a bella esperada não podia vir: apesar d'isso, eu olhava a todos os momentos para a porta, e, cousa notavel, sempre encontrava os olhos de um outro moço, que se dirigião tambem para lá: acabada a festa, ambos nos approximámos.

—Nós devemos ser amigos (disse elle).

—Eu penso do mesmo modo (respondi):

E apertámos as mãos.

—Sou capaz de jurar que adivinho a razão porque o senhor olhava tanto para aquella porta (continuou elle.)

—E eu tambem.

—Convenho : esperavamos ambos nossas amadas e a chuva mangou com nosco.

—Exactamente.

—Mas nós vamos sem duvida vingar-nos, indo agora vê-las á janella.

—Eu queria propor a mesma vingança.

—Bravo!... iremos juntos : onde mora a sua ?.

—Na rua de..

—Ainda melhor : a minha é na mesma rua.

Sahimos da Igreja ; embraçámo-nos, e fomos : a minha amada morava perto : eu a avistei debruçada na jánella, talvez me esperando, pois olhava para o lado d'onde eu vinha : abri a boca para dizer ao meu novo amigo—é aquella ! quando elle me pronunciou com indizível prazer—é aquella ! —Julgue, minha senhora, da minha exasperação ! pela terceira vez eu era a boneca de uma menina!...

Não sei porque ainda tive animo de tirar o

meu chapéo á tal pallida, que ao menos d'essa vez se fez côr de rosa, talvez por ver-me de braço com o meu novo amigo.

Passando a maldita casa, Jorge, que assim se chamava o moço, disse-me com fôgo :

— Aquella joven adora-me !

— Está certo d'isso, meu amigo !

— Tenho provas.

— Acredita muito n'ellas ?

— Tenho as mais fortes ; por ultimo recebi ainda a de maior confiança : eu lhe conto. Um estudante a requestou, e escreveu-lhe: ella mandou-me a carta, e eu respondi em seu lugar: a correspondencia tem continuado por minha vontade, e sou eu quem sempre faço a norma das cartas que ella deve escrever : achará isto imprudencia, e eu acho um bello divertimento.

Sim... um bello divertimento...

Mas que é isso ? está tão pallido !

— Não é cousa de cuidado... Eu... ora... o estudante...

— É por certo um famoso pateta...

— Não é bom ir tão longe...

— Não tem duvida... é tolo rematado.

— Falle-me a verdade : eu acho aquella moça com cara de ser sua prima.

— Quem lhe disse?... é com effeito minha prima.

— Pois vamos á minha casa.

— E a sua amada?

— Não me falle mais n'ella.

Apenas chegámos á minha casa, abri a minha gaveta, e tirando d'ella todas as cartas que Jorge havia escripto á sua prima, e que ella me tinha mandado, assim como as normas que eu redigira para as que deverião ser enviadas ao meu amigo, accrescentando :

— Concordemos ambos que, se o estudante, foi um famoso pateta e um tolo rematado, não o foi menos o primo d'aquella senhora a quem cortejámos na rua de...

Jorge devorou todas as cartas e normas que lhe dei; depois desatou a rir, e abraçando-me exclamou :

— Concordemos tambem, caro estudante, que minha prima tem bastante habilidade para se corresponder com meio mundo, sem se incomodar com o trabalho da redacção de suas cartas !....

O bom humôr de Jorge tornou-me alegre: jantámos juntos, rimo-nos todo o dia, e só de noite se retirou.

Tratei de dormir; mas, antes de adormecer,

fallei ainda com'igo mesmo: —Juro que não heide amar a moça nenhuma de côr pallida.

Desde então declarei guerra ao amor, minha senhora; tornei-me ao que era d'antes; isto é, occupei-me sómente em me lembrar de minha mulher, e em bejar o meu breve.

Mas eu andava triste e abatido; e ás vezes pensava assim: — Ora pois; jurei não amar moça nenhuma que fosse morena, corada ou pallida: estas são as côres, estes são os typos da belleza...e portanto minha mulher terá, apesar meu, uma das taes côres; logo não me caso com minha mulher, e em ultima conclusão serei celibatario; vou ser frade.... frade !....

Minha tristeza, meu abatimento deu nos olhos da digna, jovial e espirituosa esposa de um de meus bons amigos: ella me pediu que lhe confiasse minhas penas, e eu não pude deixar de relatar estes tres factos á consorte de um caro amigo.

A unica consolação que tive foi vê-la correr para o piano, e ouvi-la cantar as seguintes e outras quadrinhas musicadas no gosto nacional.

I.

Menina solteira  
Que almeja casar  
Não caia em amar  
A homem algum;  
Nem seja notavel  
Por sua esquivança,  
Não tire a esperança  
De amante nenhum.

IV.

Ciumes e zelos,  
Amor e ternura  
Não será loucura  
Fingida estudar;  
Assim ganhar tudo  
Moças se-tem visto;  
Serve muito isto  
Antes de casar.

II.

Mereção-lhes todos  
Olhares ardentes;  
Suspiros ferventes  
Bem pôde soltar:  
Não negue a nenhum  
Protestos de amor;  
A qualquer que fôr  
O pôde jurar.

V.

Contra os ardilosos  
Opponha seu brio;  
Tenha sangue frio  
P'ra saber fugir;  
Em todos os casos  
Sempre deve estar  
Prompta p'ra chorar.  
Prompta para rir.

III.

Os velhos não devem  
Formar excepção,  
Porquanto elles são  
Um grande partido;  
Que, em falta de moço  
Que fortuna faça,  
Nunca foi desgraça  
Um velho marido.

VI.

Pôde bem a moça,  
Assim praticando,  
Dos homens zombando,  
A vida passar:  
Mas, se apparecer  
Algum toleirão,  
Sem mais reflexão  
É logo casar,

—Então o negocio é assim, minha senhora ? (exclamei eu, ao vê-la levantar-se do piano.)

—Certamente, (me respondeu ella) é este, pouco mais ou menos, o breviario por onde resa a totalidade das moças.

—Fico-lhe extremamente agradecido pelo desengano.

—Estimo que lhe sirva de muito.

—Já serve, minha senhora ; já tirei grande proveito d'elle.

—E como ?.

—Escute : abatido e desesperado com os meus infortunios, eu tinha jurado não amar a mais nenhuma moça que fosse morena, corada ou pallida: estavam pois esgotados os bellos typos... eu deveria morrer celibatario.

—E agora ?...

—Agora ?... graças ao seu lundú, juro que de hoje avante amarei a todas ellas... Morenas, coradas, pallidas, magras e gordas, cortezãs ou roceiras, feias ou bonitas... tudo serve.

—E com effeito, minha senhora; (continuou Augusto, dirigindo-se á Sra. D. Anna) fiz-me absolutamente um sêr novo, graças ao lundú ; guardando e beijando com desvelo o meu querido breve, que sempre comigo trago, eu

conservo a lembrança mais terna e constante de minha mulher : ella é o amor de meu coração, enquanto todas as outras são o divertimento dos meus olhos, e o passa-tempo de minha vida.

Eis finalmente a historia de meus amôres; taes fôrão as razões que me tornárão borboleta de amor.

Terminando assim, Augusto ia respirar um instante, quando pela segunda vez lhe pareceu ouvir ruido na porta da gruta.

— Alguem nos escuta ( disse elle, como da outra vez ).

— É talvez uma nova illusão... ( respondeu a digna hospeda. )

— Não, minha senhora ; eu ouvi distinctamente a bulha de uma pessoa que corre ( tornou Augusto, dirigindo-se á entrada da gruta, e observando ao derredor d'ella. )

— Então?... ( perguntou a Sra. D. Anna.. )

— Enganei-me na verdade.

— Mas vê alguém?...

— Apenas lá vejo sua bella neta, a Sra. D. Carolina, que se precipita com a maior graça do mundo sobre uma borboleta, que lhe foge, e que ella procura prender.

— Uma borboleta...

## IX.

### A Sra. D. Anna com suas historias.

---

Finalmente o bom do estudante, que quando lhe dava para fallar, era mais diffuso que alguns de nossos deputados novos na discussão do artigo 1.º dos orçamentos, julgou dever fazer pausa de suspensão, mas a Sra. D. Anna, que já tinha-o por vezes interrompido fóra de tempo e debalde, não quiz tomar a palavra para responder, sem segurar-se, dirigindo-lhe estas palavras pela ordem :

— Então concluiu, Sr. Augusto ?.

— Sim, minha senhora ; e peço-lhe perdão por me haver tornado incommodo, pois fui sem duvida tão minucioso em minha narração, que eu mesmo tanto me fatiguei que vou beber uma gota d'agua,

E isto disendo, foi ao fundo da gruta, e enchendo o cópo de prata na bacia de pedra, o esgotou até o fim : quando voltou os

olhos, vio que a bôa hospeda estava rindo-se maliciosamente.

— Sabe de que estou rindo?.. ( disse ella. )

— Certamente que não o adivinho.

— Pois estava n'este momento lembrando-me de uma tradição muito antiga, seguramente fabulosa, mas bem apropositada, d'essa fonte, e que tem muita relação com a historia de seus amôres e o còpo d'agua que acaba de beber.

— V. S. põe em tributo a minha curiosidade..

Eu o satisfação com todo prazer.

A Sra. D. Anna principiou.

#### AS LAGRIMAS DE AMOR.

Eu lhe vou contar a historia das lagrimas de amor, tal qual a ouvi á minha avó, que em pequena a aprendeu de um velho gentio que n'esta ilha habitava.

Era no tempo em que ainda os Portuguezes não havião sido por uma tempestade empurrados para a terra de Santa Cruz: esta pequena ilha abundava de bellas aves, e em derredor pescava-se excellente peixe. Uma joven Tamoya, cujo rosto moreno parecia tostado pelo fôgo em que ardia-lhe o coração; uma joven

Tamoya linda e sensível tinha por habitação esta rude gruta, onde ainda então não se via a fonte que hoje vemos : ora, ella, que até aos quinze annos era innocente como a flor, e por isso alegre e folgazona como uma cabritinha nova, começou a fazer-se tímida, e depois triste como o gemido da rôla ; a causa estava no agradável parecer de um mancebo da sua tribu, que diariamente vinha caçar ou pescar na ilha ; e vinte vezes já o havia feito sem que uma só dêsse fê dos olhares ardentes que lhe dardejava a moça : o nome d'elle era Aoitin ; o nome d'ella era Ahy.— A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava as aves que elle matava, ora lhe buscava as flechas disparadas, e nunca um só signal de reconhecimento obtinha : quando no fim de seus trabalhos Aoitin ia adormecer na gruta, ella entrava de manso e com um ramo de palmeira procurava, movendo o ar, refrescar a fronte do guerreiro adormecido : mas tantos extremos erão tão mal pagos, que Ahy, de cansada, procurou fugir do insensível moço, e fazer por esquecel-o ; porém, como era de esperar, nem fugiu-lhe e nem o esqueceu.

Desde então tomou outro partido ; chorou. Ou porque sua dôr era tão grande que lhe po-

dia espremer o amor em lagrimas desde o coração até os olhos, ou porque, selvagem mesma, ella já tinha comprehendido que a grande arma da mulher está no pranto. Ahy chorou.

E porque tambem nas lagrimas de amor ha, como na saudade, uma doce amargura, que é veneno que não mata por vir sempre temperado com o reactivo da esperanza, a moça julgou dever separar da dôr, que a fazia chorar amargôres, a esperanza que no pranto lhe addicionava a doçura; e tendo de exprimir a doçura, Ahy cantou.

Seu canto era triste e selvagem; mas terno canto: dizem que um velho Frade Portuguez, ouvindo-o por tradição ao depois de muitos annos, o traduziu para nossa lingua, e fez d'elle uma balada, a qual minha neta canta.

Todos os dias, ao romper d'aurora, a pobre Ahy subia ao rochedo que serve de tecto a esta gruta, e esperava a piroga de Aoitin: mal a avistava ao longe, chorava e cantava horas inteiras sem descanso, até que se partia o barbaro, que nunca d'ella dava fé nem mesmo quando, dormindo na gruta, o canto lhe soava sobre a cabeça.

Mas Ahy era tão formosa, e sua voz tão sonora e terna, que o mesmo que não pôde ven-

cer do insensível moço, pôde do bruto rochedo : com effeito seu canto havia amolecido a rocha, e suas lagrimas a traspassáráo.

E o mancebo vinha sempre, e sempre ella cantava e chorava, e nunca elle a attendia.

Uma vez, e já então o rochedo estava de todo traspassado pelas lagrimas da virgem selvagem ; uma vez veio Aoitin, e como das outras, não olhou para Ahy, nem lhe escutou as sentidas cantigas ; entregou-se a seus prazeres, e quando se sentio fatigado entrou na gruta, e adormeceu n'um leito de verde relva : mas ao tempo que em mais socego dormia, duas gotas das lagrimas de amor, que tinham passado aavez do rochedo, cahirão-lhe sobre as palpebras que lhe cerravão os olhos : Aoitin despertou, e tomando suas flechas, correu para o mar ; mas saltando dentro de sua piroga, e afastando-se da ilha, elle viu sobre o rochedo a joven Ahy, e disse bem alto :

— Linda moça !

No outro dia elle voltou, e já então olhou para a virgem selvagem ; mas não ouviu ainda o canto d'ella : depois de caçar veio, como sempre, adormecer na gruta ; e d'essa vez a gota de lagrimas lhe veio cahir no ouvido ; e na volta não só admirou a belleza da joven,

como, ouvindo a terna cantiga, disse bem alto:

— Voz sonora !

Terceiro dia amanheceu, e Aoitin viu e ouviu Ahy, caçou e cansou ; veio repousar na gruta, e d'essa vez a gota de lagrimas lhe cahiu no lugar do coração ; e quando voltava, disse bem alto :

— Sinto amar-te !

Ora, parece que nada mais faltava a Ahy, e que a ella cumpria responder a este ultimo grito de Aoitin , confessando tambem o seu amor tão antigo ; mas a natureza da mulher é a mesma, tanto na selvagem, como na civilisada : a mulher deseja ser amada, fingindo não amar ; deseja ser senhora do mesmo de quem é escrava : e pois Ahy nada respondeu ; mas riu-se, e suas lagrimas seccarão : porém já a esse tempo as muitas que havia derramado tinham dado origem a esta fonte, que ainda hoje existe.

No dia seguinte veio Aoitin e viu a sua amada, que já não cantava, nem chorava : mesmo antes de abicar á praia, foi clamando :

— Sinto amar-te !

E Ahy não respondeu, e só sorriu-se.

Nada de caça... nada de pesca... já o insensível era escravo, e não vivia longe do encanto

que o prendia: correu pois para a gruta, deitou-se; mas não dormio. Quem ama não dorme; sentiu que em suas veias corria sangue ardente, que seu coração estava em fôgo: — era a fêbre do amor... Aoitin teve sêde; a dous passos viu a fonte que manava; correu açodado para ao pé d'ella, e ajuntando suas duas mãos foi bebendo as lagrimas de amor. A cada trago que bebia, um raio de esperança lhe brilhava; quando a sêde foi saciada, já estava feliz; a fonte era milagrosa.

As lagrimas de amor, que haviam tido o poder de tornar amante o insensível mancebo, não pudêrão esconder a sua origem, e fizerão com que Aoitin conhecesse que era amado.

Então elle não mais buscou sua piroga; sahindo da gruta, fez um rodeio, e foi de manso trepando pelo rochedo, até chegar junto de Ahy, que, com os olhos na praia do lado opposto, esperava ver partir o seu amante, e ouvir seu bello grito:

— Sinto amar-te!

Mas de repente ella estremeceu, porque uma mão estava sobre seu hombro; e quando olhou, viu Aoitin, que sorrindo-se lhe disse, de um tom seguro e terno:

— Tu me amas.

Ahy não respondeu ; mas tambem não fugiu dos braços de Aoitin, nem ficou devendo o beijo que n'esse instante lhe esta!ou na face.

Desde então fôrão felizes ambos na vida, e foi n'uma mesma hora que morrerão ambos.

A fonte nunca mais deixou de existir, e ha ainda quem acredite que por desconhecido encanto conserva duas grandes virtudes.

Dizem pois que quem bebe d'esta agua não sae da nossa ilha sem amar alguem d'ella, e volta por força em demanda do objecto amado; e em segundo lugar, querem tambem alguns que algumas gotas bastão para fazer a quem bebe adivinhar os segredos de amor.

— Terminei aqui a minha historia ( disse a Sra. D. Anna, respirando ),

— E eu sou capaz de jurar ( disse Augusto ) que pela terceira vez sinto o ruido de alguem que se retira correndo.

— Pois examine depressa.

Augusto correu á porta, e voltou logo depois.

— E então ?... ( perguntou a Sra. D. Anna.)

— Ninguem ( respondeu o estudante ).

— E vê alguem no jardim ?...

— Apenas a Sra. D. Carolina, que vai apressadamente para o rochedo.

— Sempre minha neta!

— E eu, minha senhora, tenho que pedir-lhe uma graça.

— Diga.

— Rogo-lhe que por sua intervenção me facilite o prazer de ouvir sua linda neta cantar a balada de Ahy que tanto me interessou com o seu amor.

— Oh !... não carece pedir : não a ouve cantar sobre o rochedo ?... É a balada.

— Será possível ? !

— Adivinhou o seu pensamento.



## X.

### A balada no rochedo.

---

A hospeda e o estudante deixarão então a gruta, e tomando campo no jardim para vencer a altura do rochedo, virão a bella Moreninha em pé, e voltada para o mar, com seus cabellos negros divididos em duas tranças, que cahiam pelas espaduas, e cantando com terna voz o seguinte :

1.

Eu tenho quinze annos.  
E sou morena e linda !  
Mas amo, e não me amão,  
E tenho amor ainda.  
E por tão triste amar  
Aqui venho chorar.





II.

O riso de meus labios  
Ha muito que murchou ;  
Aquelle que eu adoro,  
Ah ! foi quem o matou :  
Ao riso, que morreu,  
O pranto succedeu.

III.

O fôgo de meus olhos  
De todo se acabou ;  
Aquelle que eu adoro,  
Foi quem o apagou :  
Onde houve fôgo tanto  
Agora corre o pranto.

IV.

A face côr de jambo  
Emfim se descorou ;  
Aquelle que eu adoro,  
Ah ! foi que a desbotou.  
A face tão rosada  
De pranto está lavada !

v.

O coração tão puro  
Já sabe o que é amor ;  
Aque'le que eu adoro  
Ah ! só me dá rigor :  
O coração no entanto  
Desfaz o amor em pranto.

vi.

Diurno aqui se mostra  
Aquelle que eu adoro ;  
E nunca elle me vê,  
E sempre o vejo e choro :  
Por paga a tal paixão  
Só lagrimas me dão !

vii.

Aquelle que eu adoro  
É qual rio que corre,  
Sem ver a flor pendente  
Que á margem murcha e morre.  
Eu sou a pobre flor  
Que vou murchar de amor.

viii.

São horas de raiar  
O sol dos olhos meus;  
Mão sol ! queima a florzinha  
Que adora os raios seus:  
Tempo é do sol raiar,  
E é tempo de chorar.

ix.

Lá vem sua piroga  
Cortando leve os mares:  
Lá vem uma esperança,  
Que sempre dá pezares:  
Lá vem o meu encanto,  
Que sempre causa pranto.

x.

Emfim abica á praia;  
Emfim salta apressado,  
Garboso como o cervo:  
Que salva alto vallado:  
Quando hade elle cá vir  
Só p'ra me ver sorrir?....

xI.

Lá corre em busca de aves  
A selva que lhe é cára,  
Ligeiro como a setta  
Que do arco seu dispára :  
Quando hade elle correr  
Sómente para me vêr ?

xII.

Lá vem do feliz bosque  
Cansado de caçar ;  
Qual beija-flor, que cansa  
De mil flores beijar :  
Quando ha de elle cançado  
Descansar a meu lado ?...

xIII.

Lá entra para a gruta,  
E cae na rude cama,  
Qual flor de bellas côres,  
Que cae do pé na grama :  
Quando ha de n'esse leito  
Dormir junto a meu peito ?

xiv.

Lá subito desperta,  
E na piroga embarca,  
Qual sol que, se occultando,  
O fim do dia marca :  
Quando heide este sol ver  
Não mais desaparecer ?...

xv.

Lá vôa na piroga,  
Que o rasto deixa aos mares,  
Qual sonho que se esvae,  
E deixa após pezares :  
Quando ha de elle cá vir  
P'ra nunca mais fugir ?...

xvi.

Oh barbaro ! tu partes  
E nem se quer me olhaste ?...  
Amor tão delicado  
Em outra já achaste ?...  
Oh barbaro ! responde  
Amor como este, aonde ?

XVII.

Sómente p'ra teus beijos  
Te guardo a boca pura ;  
Em que labios, tu pódes  
Achar maior doçura ?...  
Meus labios, murchareis.  
Seus beijos não tereis.

XVIII.

Meu collo alevantado  
Não va'em teus abraços ?...  
Que col'lo ha mais formoso,  
Mais digno de teus braços ?...  
Ingrato ! morrerei. ..  
E não te abraçarei.

XIX.

Meus seios entonados  
Não pôdem ter valia ?...  
Desprezas as delicias  
Que n'elles te off'recia ?  
Pois hão de os seios puros  
Murcharem prematuros ?

xx.

Não sabes que me chamão  
A bella do deserto?...  
Empurras para longe  
O bem que te está perto?...  
Só pagas com rigor  
As lagrimas de amor?...

xxi.

Ingrato ! ingrato ! fóge...  
E aqui não tornes mais ;  
Que, sempre que tornares,  
Terás de ouvir meus ais ;  
E ouvir queixas de amor,  
E ver pranto de dôr !...

xxii.

E se amanhã vieres,  
Em pé na rocha dura  
Starei contando aos ares  
A mal paga ternura,...  
Cantando me ouvirás,  
Chorando me acharás!....

## XI.

### Travessuras de D. Carolina.

---

Mas ella não pára : o movimento é a sua vida ; esteve no jardim, em toda parte ; cantou sobre o rochedo, e eil-a outra vez no jardim ! infatigavel, apenas suas faces se corárão com o rubor da agitação : travessa menina !... porém ella tempera todas as travessuras com tanta viveza, graça e espirito, que menos valêra, senão fizera o que faz. Não ha um só entre todos, de cuja alma se não tenham esvaído as idéas desfavoraveis que á primeira vista produziu o genio inquieto de D. Carolina. O mesmo Augusto não pôde resistir á vivacidade da menina. Encontrando Leopoldo, disserão duas palavras sobre ella.

— Então como a achas agora ?... ( disse Leopoldo, apontando para a irmã de Fellippe )

— Interessante, espirituosa, e capaz de levar á gloria ao mais destro cassuista. Olha ; Fabricio vê-se doudo com ella.

- Só isto ?...
- Acho-a bonita.
- Nada mais ?...
- Tem voz muito agradável.
- É tudo o que pensas ?...
- Tem a boca mais engraçada que se pôde imaginar.
- Só ?...
- Muito esbelta.
- Que mais ?
- É tão ligeira como um juramento de mulher.
- Dize tudo de uma vez.
- Pois que queres mais que eu diga ?
- Que a amas, que dás o caváco por ella.
- Amal-a?! não faltava mais nada : amo-a como amo as outras.... isso sim.
- Pois, meu amigo, todos nós estamos derrotados; o diabinho da menina nos tem posto o coração em retalhos : se de novo se fizer a saúde que hoje fizemos, todos, à excepção de Fellippe, pronunciarão a letra C...
- Tambem Fabricio ?
- Ora! esse está doente.... perdido.... doudo emfim!
- E ella?
- Zomba de todos nós; cada comprimen-

to que lhe enlhereçamos paga ella com uma resposta que não tem troco, e que nos racha de meio a meio. Tu ainda lhe não diceste nada?

—Cousas vãs... e palavras da tarifa.

—E ella?...

—Palavras da tarifa... e cousas vãs.

—Pois é opinião geral que ella te prefere a todos nós.

—Tanto melhor para mim.

—E peor para ella : mas... adeos ! o meu lindo par se levanta do banco de relva, em que descansava ; vou tomar-lhe o braço : tenho-me singularmente divertido : a bella senhora é philosopha... faze idéa!... já leu Mary de Wollstonecraft ; e como esta defende os direitos das mulheres, agastou-se comigo porque lhe pedi uma commenda, para quando fosse Ministra de Estado, e a patente de Cirurgião de exercito, no caso de chegar a ser General ; mas enfim fez as pazes ; pois lhe prometti que, apenas me formasse, trabalharia para encartar-me na Assembléa Provincial, e lá, em lugar das maçadas de pontes, estradas e canaes, promoveria a discussão de uma mensagem ao Governo Geral em prol dos taes direitos das mulheres ;

além de que... Mas... tu bem vês que ella me está chamando : adeos... adeos...

No entanto D. Carolina continuava a captivar todos os olhares e atenções : tinham notado, é verdade, que ella estivera alguns momentos recostada á effigie da Esperança, triste e pensativa : Fabricio jurava mesmo que a vira enxugar uma lagrima ; mas logo depois desapareceu completamente a menor apparencia de tristura, tornou a brilhar o prazer emebulição.

Todos tinham tido seu quinhão maior ou menor, segundo os merecimentos de cada um, nas graças maliciosas da menina. Ninguem havia escapado : Fabricio era a victima predilecta ; porque tambem foi elle o unico que se atreveu a travar luta com ella.

Finalmente D. Carolina acábava de entrar outra vez no jardim, depois de ter cantado sua balada. De todos os lados soávão-lhe os parabens : mas ella escapou a elles, correndo para junto de uma roseira, toda coroada por suas bellas e rubras flores.

Fabricio, que ainda não estava sufficientemente castigado, e que além d'isso começava a gostar seu *tantum* da Moreninha, se dirigiu com D. Joanninha para o lado em que ella se achava.

— É decididamente o que eu pensava ; ( disse Fabricio, quando se viu ao pé de D. Carolina, e dirigindo-se a D. Joanninha ) sim.... sua bella prima ama as rosas, exclusivamente.

— Conforme as occasiões e circumstancias ( respondeu a menina ).

— Poderia eu merecer a honra de uma explicação? ( perguntou Fabricio ).<sup>‡</sup>

— Com toda a justiça, e ( continuou D. Carolina, rindo-se ) tanto mais que foi a V. S. que me dirigi. Eu queria dizer que entre um beijo de frade, ou um cravo defunto e uma rosa, não hesito em preferir a ultima.

Fabricio fingiu não entender a allusão, e continuou :

— Todavia não é sempre bem pensada semelhante preferencia : a rosa é como a belleza : encanta, mas espinha : V. S. o sabe ; não é assim ?

— Perfeitamente ; mas tambem não ignoro que a rosa só espinha, quando se defende de alguma mão impertinente, que vem perturbar a paz de que goza : V. S. o sabe ; não é assim ?

— Oh ! então a Sra. D. Carolina foi bem imprudente em quebrar o pé dessa rosa com que brinca, expondo assim seus delicados dedos ; e

bem cruel também em fazel-a murchar de inveja, tendo-a defronte de seu formoso semblante.

— Pela minha vida, meu caro senhor ! nunca vi pedir uma rosa com tanta graça : quer servir-se d'ella ?...

— Seria a mais appetecivel gloria...

— Pois aqui a tem... Querida prima, nada de ciumes.

E Fabricio, recebendo o bello presente, em vez de olhar para a mão que o dava, attentava em extase o rosto moreno, e o sorrir malicioso de D. Carolina. Ao momento de se encontrar a mão que dava e a que recebia, Fabricio sentiu que lhe apertavão os dedos : seu primeiro pensamento foi crer que era amado ; mas logo se lhe apagou esse raio de vaidade ; pois que elle retirou vivamente a mão, exclamando involuntariamente :

— Ai ! feri-me !...

Era que a travessa lhe havia apertado os dedos contra os espinhos da rosa. Mas a flor tinha cahido na relva : Fabricio, já menos desconcertado, a levantou com presteza, e encarando a irmã de Fellippe, disse-lhe em tom meio vingativo :

— Foi um combate sanguinolento ; mas ganhei o premio da victoria.

— Pois feriu-se?... (perguntou D. Carolina, chegando-se com fingido cuidado para elle).

— Nada foi, minha senhora : comprei uma rosa por algumas gotas de sangue... valeu a pena,

— Maldita rosa ! ( exclamou a Moreninha theatralmente ) maldita rosa ! eu te amaldiçoô !...

E dando um piparote na innocente flor, a desfolhou completamente : não ficou na mão de Fabricio mais que o verde calix. D. Carolina correu para junto de sua digna avó : o pobre estudante ficou desconcertado.

— E esta ! ( murmurou elle emfim ).

— Foi muito bem feito disse D. Joanninha, cheia de zelos, e dando-lhe um beliscão, que o fez ir ás nuvens ).

— Perdão, minha senhora ; seja pelo amor de Deos ! ( exclamou Fabricio, que se via batido por todos os lados ).

No entanto começava a declinar a tarde : uma voz reuniu todas as senhoras e senhores em um só ponto : servia-se o café n'um bello caramanchão ; mas, como fosse elle pouco espaçoso para conter tão numerosa sociedade, ahí só se abrigarão as senhoras, enquanto os homens se conservarão da parte de fóra.

Escravas decentemente vestidas offerecião chávanas de café fóra do caramanchão, e apesar d'isso D. Carolina se dirigiu com uma para Fabricio, que praticava com Augusto.

— Eu quero fazer as pazes, Sr. Fabricio ; vejo que deve estar muito agastado comigo, e venho trazer-lhe uma chávana de café temperado pela minha mão.

Fabricio recuou um passo, e collocou-se á ilharga de Augusto : elle desconfiava das tenções da menina ; sua primeira idéa foi esta— o café não tem assucar.

Então começou entre os dous um duello de ceremonias, que durou alguns instantes ; finalmente o homem teve de ceder á mulher. Fabricio ia receber a chávana, quando esta estremeceu no pires... D. Carolina, temendo que sobre ella se entornasse o café, recuou um pouco... Fabricio fez outro tanto: a chávana, inda mal tomada, tombou ; o café derramou-se inopinadamente : Fabricio recuou ainda mais com vivacidade; mas encontrando a raiz de um chorão que sombreava o caramanchão, perdeu o equilibrio, e cahiu redondamente na relva.

Uma gargalhada geral applaudiu o successo.

— Fabricio espichou-se completamente !... (exclamou Fellippe).

O pobre estudante ergueu-se com ligeireza, mas na verdade corrido do que acabava de sobrevir-lhe : as risadas continuavão, as terribes consolações o atormentavão ; todas as senhoras tinhão sahido do caramanchão, e rião-se por sua vez desapiedadamente : Fabricio daria muito para se livrar dos apuros em que se achava, quando de repente soltou tambem a sua risada e exclamou :

— Vivão as calças de Augusto !!!

Todos olhárão. Com effeito Fabriciõ tinha encontrado um companheiro na desgraça : Augusto estava de calças brancas, e a maior porção de café entornado havia cahido n'ellas.

Continuárão as risadas ; redobráráo os mo-tejos. Duas erão as victimas



## XII.

### Mela hora em baixo da cama.

---

Não tardou que Fellippe, como bom amigo e hospede, viesse em auxilio de Augusto. Em verdade que era impossivel passar o resto da tarde e a noite inteira com aquella calça manchada pelo café; e portanto os dous estudantes voarão á casa. Augusto entrando no gabinete destinado aos homens, ia tratar de despir-se, quando foi por Fellippe interrompido.

— Augusto, uma idéa feliz! vai vestir-te no gabinete das moças.

— Mas que especie de felicidade achas tu n'isso?

— Ora! pois tu deixas passar uma tão bella occasião de te mirares no mesmo espelho em que se ellas mirão?... de te aproveitares das mil commodidades, e das mil superfluidades que formigão no toucador de uma moça?... Vai... sou eu que t'ò digo: alli acharás banhas e pomadas, naturaes de todos os paizes: oleos

aromaticos, essencias de formosura, e de todas as qualidades ; aguas cheirosas, pós vermelhos para as faces e para os labios, baêta fina para esfregar o rosto e enrubecer as pallidas ; escovas e escovinhas, flores murchas e outras viçosas...

— Basta basta ; eu vou mas lembra-te que és tu quem me fazes ir, e que o meu coração adivinha....

— Anda, que o teu coração sempre foi um pedaço d'asno.

E isto dizendo, Fellippe, empurrou Augusto para o gabinete das moças, e se foi reunir ao rancho d'ellas.

Ai do pobre Augusto !... mal tinha acabado de tirar as calças e a camisa, que tambem se achava manchada, sentiu rumor, que fazião algumas pessoas que entravão na sala.

Augusto conheceu logo que erão moças, por que estes anjinhos, quando se ajuntão, fazem conversando matinada tal que a um quarto de legua se deixão adivinhar : se é sedição e mesmo insolito comparal-os a um bando de lindas maitacas, não ha remedio senão dizer que muito se assemelhão a uma orchestra de peritos instrumentistas, na hora da afinação.

Ora o nosso estudante estava, por sua esdru-

xula figura, incapaz de apparecer á pessoa alguma : em seroulas, e nú da cintura para cima, faria recuar de espanto, horror, vergonha, e não sei que mais, ao bello povinho que acabava de entrar em casa, e que certamente, se assim o encontrasse, teria de cobrir o rosto com as mãos ; e portanto o pobre rapaz seguiu o primeiro pensamento que lhe veio á mente : ajuntou toda a sua roupa, enrolou-a, e com ella em baixo do braço escondeu-se atraz de uma linda cama, que se achava no fundo do gabinete, cuidando que cedo se veria livre de tão intempestiva visita ; mas, ainda outra vez, pobre estudante !... teve logo de agachar-se, e espremer-se para baixo da cama ; pois quatro moças entrárão no quarto. E erão ellas D. Joanninha, D. Quinquina, D. Clementina, e uma outra, por nome Gabriella, muito adocicada, muito espartilhada, muito estufada, e que seria tudo quanto tivesse vontade de ser, menos o que mais acreditava que era, isto é, bonita.

Depois que todas quatro se mirárão, compozerão cabellos, enfeites, e mil outros objectos, que estavam todos muito em ordem, mas que as mãoszinhas d'estas quatro *demoiselles* não poderão resistir ao prazer, muito habitual nas moças, de desarranjar para outra vez arranjar :

fôrao, por mal dos peccados de Augusto, sentar-se da maneira seguinte : — D. Clementina e D. Joanninha na cama, em baixo da qual estava elle ; D. Quinquina de um lado, em uma cadeira ; e D. Gabriella exactamentedefrente do espelho, do qual não tirava os olhos, em outra cadeira, que, apesar de ser de braços e larga, pequena era para lhe caber sem incommodo toda a collecção de sâias, saiótes, vestidos de baixo, e enorme variedade de enchimentos, que lhe fazião de supplemento á natureza, que com D. Gabriella, segundo suas proprias camaradas, tinha sido um pouco mesquinha a certos respeitos.

Depois de respirar um momento, as meninas, julgando-se sós, começarão a conversar livremente, em quanto Augusto, com sua roupa em baixo do braço, coberto de têas de aranha, e suôres frios, comprimia a respiração, e conservava-se mudo e quedo, medroso de que o mais pequeno ruido o pudesse descobrir : para seu mór infortunio, a barra da cama era incompleta, e havia seguramente dous palmos e meio de altura descobertos, por onde se alguma das moças olhasse, seria elle impreterivelmente visto. A posição do estudante era penosa certamente ; por ultimo saltou-lhe uma pulga á ponta

do nariz, e por mais que o infeliz a soprasse, a teimosa continuou a chuchal-o com a mais descarada impunidade.

— Antes mil vezes cinco sabbatinas seguidas em tempo de barracas no Campo !... (dizia elle com sigo).

Mas as moças fallão já ha cinco minutos : façamos por colher algumas bellezas ; o que é na verdade um pouco difficil ; pois, segundo o antigo costume, fallão todas quatro ao mesmo tempo. Todavia alguma cousa se aproveitará.

— Que calôr !... (exclamou D. Gabriella, affectanto, no abanar de seu leque, todo o donaire de uma Hespanhola) oh ! não parece que estamos no mez de julho ; mas ; por minha vida, vale bem o incommodo que soffremos o regalo que tem tido nossos olhos.

— Bravo, D. Gabriella !... então seus olhos...

— Tem visto muita cousa bôa : olhe, não é por fallar ; mas por exemplo, ha objecto mais interessante do que D. Luiza mostrar-se gorda, esbelta, bem feita ?...

— É um sacco !

— E como é feia !...

— É horrenda !...

— É um bicho !...

— E não vimos a filha do Capitão com sua

dentadura postiça?... Agora não faz senão rir!..

— Coitadinha! aperta tanto os olhos!...

— Se ella pudesse arranjar tambem um pos-  
tiço para o queixo!

— Ora, D. Clementina, não me obrigue a rir!..

— D. Joanninha, vossê reparou no vestido  
de chalim de D. Carlota?... Quanto a mim,  
está absolutamente fóra da moda

— Ainda que estivesse na moda, não ha nada  
que n'ella essente bem.

— Ora... é um páo vestido!... tem uma testa  
maior que a rampa do largo do Paço.

— Um nariz com tal cavallete, que parece  
o morro do Corcovado!...

— E a boca? ah! ah! ah!

— Parece que anda sempre pedindo bo-  
quinhas.

— E que lingua ella tem!

— É uma vibora!

— Eu não sei porque as outras não hão-de  
ser como nós, que não dizemos mal de nenhu-  
ma d'ellas.

— É verdade; porque, se eu quizesse fallar...

— Diga sempre, D. Quinquina.

— Não... não quero. Mas passando a outra  
cousa... D. Josefina applaude com razão a  
moda dos vestidos compridos.

— Porque ?...

— Ora... porque tem pernas de caniço de sacristão.

— Pernas finas também é moda presentemente.

— Deos me livre !... (acudiu D. Clementina) pelo menos para mim nunca deve ser ; pois não posso emendar a natureza, que me deu pernas grossas.

— Não lhe fico atrás, juro-lhe eu (exclamou D. Quinquina).

— Nem eu ! ne eu ! (dicerão as outras duas).

— Isso é bom de se dizer ; (tornou a primeira) mas felizmente podemos tirar as duvidas.

— Como ?...

— Facilmente : vamos medir nossas pernas.

Ouvindo tal proposição, o nosso estudante, apesar de se ver em apuros em baixodacama, arregalou os olhos de maneira que lhe parecia querer saltar das orbitas ; porém D. Gabriella, que não parecia contar consigo, e que só por honra da firma dicera o seu — nem eu ! —, veio deixal-o com agua na boca.

— Havia de ser engraçado ! (disse ella) arregaçarmos aqui nossos vestidos.

— Que tinha isso ?... (acudiu D. Quinquina) não somos todas moças ?... dir-se-hia que não temos dormido juntas.

— É verdade ; (acrescentou D. Clementina) e além de que não se veria demais, senão quatro ou cinco saias por baixo do segundo vestido.

— E tal vez algum saióte... vamos a isto !

— Não... não... (disse por sua vez D. Joanninha).

— Pois por mim não era a duvida (tornou D. Clementina, com ar de triumpho, recostando-se molle e voluptuosamente nas almofadas, e deixando escorregar de proposito uma das pernas para fóra do leito, até tocar com o pé no chão, de modo que ficou á mostra até o joelho).

— Quem me dêra já casar !!! (suspirou ella).

Pobre Augusto !... não te chamarei eu feliz!... elle vê a um palmo dos seus olhos a perna mais bem torneada que é possível imaginar !... atravez da finissima meia aprecia uma mistura de côr de leite com a côr de rosa, e rematando este interessante painel um pézinho, que só se poderia medir a pollegadas, apertado em um sapatinho de setim, e que estava mesmo pedindo um... dez... cem..., e mil beijos ; mas, quem opensaria ? não fórao beijos, o que desejou

o estudante outorgar áquelle precioso objecto; veio-lhe ao pensamento o prazer que sentiria dando-lhe uma dentada... Quasi que já se não podia suster..... já estava de boca aberta e para saltar...; porém, lembrando-se da exotica figura em que se via, metteu a roupa, que tinha enrolada, entre os dentes, e apertando-os com força contra ella, procurava illudir sua imaginação.

— Quem me déra já casar ! ( repetiu D. Clementina. )

— Isso é facil, ( disse D. Gabriella ) principalmente se devemos dar credito aos que tanto nos perseguem com finezas. Olhem, eu vejo-me douda ! mais de vinte me atormentão ! Querem saber o que me succedeu ultimamente ? . . Eu confesso que me correspondo com cinco. . . isto é só para ver qual dos cinco quer casar primeiro : pois bem ; hontem uma preta que vende empadas, e que se encarrega das minhas cartas, recebeu da minha mão duas.

— Logo duas ? . . .

— Ora pois; apesar de todas as minhas explicações, a maldita estava de môna ; mesmo dizendo-lhe eu dez vezes — a de laca azul é do Sr. Joãozinho ; e a de verde é do Sr. Júca, — sabem o que fez ? . . . Trocou as cartas.

— E o resultado?..

— Eil-o aqui ; ( respondeu D. Gabriella, tirando um papel do seio ) ao vir embarcar, e quando descia a escada, a tal preta, com a destreza precisa, entregou-me este escripto do Sr. Joãozinho : — Ingrata ! Ainda tremem minhas mãos, pegando no corpo de delicto da tua perfidia ! Escreves a outro ? ! Compareces por tão horrivel crime perante o jury do meu coração ; e bem que tenhas n'esse tribunal a tua belleza por advogada, o meu ciume e justo ressentimento, que são os juizes, te condemnão ás perpetuas galés do desprezo ; e só te poderás livrar d'ellas, se appellares d'essa sentença para o poder moderador de minha cega paixão. —

— Bravo, D. Gabriella ! o Sr. Joãozinho é sem duvida estudante de jurisprudencia !

— Não ; é Doutor.

— Bem mostra pelo bem que escreve.

— Mas eu sou bem tola ! conto tudo o que me succede, e ninguem me confia nada !

— Isso é razoavel : ( disse D. Clementina ) nós devemos pagar com gratidão a confiança de D. Gabriella. Eu começo declarando que estou compromettida com o Sr. Fellippe a deixar esta noite, embaixo da quarta roseira da

rua do jardim que vai direita ao caramanchão, um embrulhozinho com uma trança de meus cabellos.

— Que asneira ! . . . por que não lhe entrega: ou não lh'o manda entregar ? . . .

— Ora ! . . . eu tenho muita vergonha . . . antes quero assim; até parece romantico.

— São caprichos de namorados ! ( fallou D. Quinquina ) havia tanto tempo para isso ! mas emfim, de futilidades é que amor se alimenta. Querem ver uma d'essas ? . . . o meu predilecto está de luto, e por isso exige que eu vá á festa de . . . com uma fita preta no cabello, em signal de sentimento ; exige ainda que eu não valse mais, que eu não tome sorvetes para não constipar, que não dê *dominus tecum* a moço nenhum que espirrar ao pé de mim, e que jamais me ria quando elle estiver sério : e a tudo isso julga elle ter muito direito por ser Tenente da Guarda Nacional ! pois por isso mesmo ando agora de fita branca no cabello, valso, todas as vezes que posso, tomo sorvetes até não poder mais, dou *dominus tecum* aos moços, mesmo quando elles não espirrão, e não posso ver o Sr. Tenente Gusmão sério sem soltar uma gargalhada.

— Olhem lá o diabinho da sonsa ! . . . ( mur-

murou com sigo mesmo Augusto embaixo da cama.)

— E você, mana, não diz nada?... (perguntou ainda ella a D. Joanninha.)

— Eu?... o que hei de dizer?... (respondeu esta) digo que ainda não amo.

— É a unica que ama devéras (pensou o estudante, a quem já doião as cadeiras de tanto agachar-se.)

— E o Sr. Fabricio?... e o Sr, Fabricio?... (exclamárão as tres)

— Pois bem; (tornou D. Joanninha) é o unico de quem gosto.

— Mas que temos nós feito hoje n'esta ilha?... que triumphos havemos conseguido?... vaidade para o lado, moças bonitas, como somos, devemos ter conquistado alguns coraçõest!

— Juro que estou completamente aturdida com os protestos de eterna paixão do Sr. Leopoldo: (disse D. Quinquina) mas é uma verdadeira desgraça ser hoje moda ouvir com paciencia quanta frivolidade vem á cabeça— não direi á cabeça, por que parece que os tolos como que não a tem — porém aos labios de um desemxabido namorado. O tal Sr. Leopoldo... não é graça; eu ainda não vi estudante mais desestudavel.

—Vossê, D. Joanninha, (acudiu D. Clementina) tem-se regalado hõje com o incomparavel Fabricio : não lhe gabo o gosto... só as perninhas que elle tem !..

— Ora, (respondeu aquella) ainda não tive tempo de olhar para as pernas... mas tambem vossê parece que não se arripiá muito com a corcova do nariz de meu primo ; confessemos, minha amiga, todas nós gostamos de ser conquistadoras.

— Pois confessemos... isso é verdade.

— Pela minha parte não digo nada : (assobiou D. Gabriella, mirando-se no espelho) mas emfim... eu não sei se sou bonita ; mas, onde quer que esteja, vejo-me sempre cercada de adoradores : hõje, por exemplo, tenho-me visto douda... perseguirão-me constantemente seis... éra impossivel ter tempo de mangar com todos a preceito.

— Mas, D. Gabriella, onde está o seu talento ?.

— Pois bem, que se ponha outra no meu lugar.

— Alguns homens zombarião de doze de nós outras a um tempo... houve já um, que não teve vergonha de escrever isto em um papel :

N'um dia, n'uma hora,  
No mesmo lugar,  
Eu gosto de amar

Quarenta,  
Cincoenta,  
Sessenta :

Se mil fôrem bellas,  
Amo a todas ellas.

— Que patéta !.

— Que tolo !.

— Que vaidoso !.

— Essa opinião segue tambem o Augusto!

— Oh !... e esse papelão ? !

— Eil-as comigo ( murmurou entre dentes  
o nosso estudante, estendendo o pescoço a  
modo de kágado ).

— Como lhe fica mal aquella cabelleira !...  
assemelha-se muito a uma preguiça.

— Tem as pernas tortas.

— Eu creio que elle é corcunda.

— Não ; aquillo é magreza.

— Forte impertinente ! fallando, é um Lucas..

— Ha de ser interessante dançando !....

— Vamos nós tomal-o a nossa conta ?

— Vamos : pensemos nos meios de zombar  
d'elle cruelmente....

— Pois pensemos....

Mas ellas não tiveram tempo de pensar, porque n'esse momento ouviu-se um grito de dôr, ao qual seguiu-se viva agitação no interior d'aquella casa, onde inda ha pouco só se respirava prazer e delicias. As quatro moças levantarão-se espantadas.

— Pareceu-me a voz da minha prima Carolina ! ( exclamou D. Joanninha ).

— Coitada ! que lhe succederia ?...

Vamos ver.

As quatro moças corrêrão precipitadamente para fóra do quarto. Augusto, que não estava menos assustado, sahiu de seu escondrijo, vestiu-se apressadamente, e ia por sua vez deixar aquelle lugar, em que se vira em tantos apuros, quando deu com os olhos na carta do Sr. Joãozinho, que com a pressa e agitação havia D. Gabriella deixado cahir.

O estudante apanhou e guardou aquelle interessante papel; e com promptidão e cuidado pôde, sem ser visto, escapar-se do gabinete.

Um instante depois foi cuidadoso procurar saber a cauza do rumor que ouvira.

O grito de dôr tinha sido com effeito soltado por D. Carolina.

## XIII.

### Os quatro em conferencia.

---

Ninguem se arreceie pela nossa travessa: o grito de dôr foi na verdade seu; mas, se alguem corre perigo, não é certamente ella: O caso é simples.

Morava com a Sra. D. Anna uma pobre mulher, por nome Paula, muito estimada de todos, porque o era da despotazinha d'aquella ilha, de D. Carolina, a quem tinha servido de ama. Os desvelos e incommodos, que tivera na criação da menina, lhe erão sobejamente pagos pela gratidão e ternura da moça.

Ora, todos se tinham ido para o jardim logo depois do jantar; mas o nosso amigo Keblerc achára justo e prudente deixar-se ficar fazendo honras a meia duzia de lindas garrafas, das ques se achava ternamente enamorado: comtudo elle pensava que seria mais feliz, se deparasse com um companheiro que

o ajudasse a requestar aquellas bellezas; era um amante sem zelos. Por infelicidade de Paula, o Allemão a obrigou ao entrar n'um quarto; chamou-a, obrigou-a a sentar-se junto de si, mostrou por ella o mais vivo interesse, e depois convidou-a a beber á saude de seu pai, e sua mãe e sua familia.

Não havia remedio, senão corresponder a brindes tão obrigativos. Depois não houve ninguem no mundo, a quem Keblerc não julgasse dever com a sua meia lingua dirigir uma saúde; e como já estivesse um pouco impertinente, forçava Paula a virar côpos cheios. Passado algum tempo, e muito naturalmente, Paula se foi tornando alegrezinha, e por sua vez desafiava Keblerc a fazer novos brindes: em resultado as seis garrafas fôrão-se. Paula deixou-se ficar sentada, risinha e immovel, junto á meza, enquanto o Allemão, rubicundo e reluzente, se dirigiu para a sala.

Quando d'ahi a pouco a ama de D. Carolina quiz levantar-se, pareceu-lhe que estava uma nuvem diante de seus olhos; que os côpos dançavão, que havião duas mesas, duas salas, e tudo em dobro: ergueu-se e sentiu que as parêdes andavão-lhe á roda, que o as-

soalho abaixava-se e levantava-se debaixo dos pés: depois... Não pôde dar mais que dous passos; cambaleou, e acreditando sentar-se n'uma cadeira, cahiu com estrondo contra uma porta. Logo confusão e movimento... Ninguém ousou pensar que Paula, sempre sobria e inimiga de espiritos, se tivesse deixado embriagar; e por isso corrêrão alguns escravos para o jardim, gritando que Paula acabava de ter um ataque.

A primeira pessoa que entrou em casa foi D. Carolina, que, vendo a infeliz mulher estirada no assoalho, cahiu sobre ella, exclamando com força: — Oh minha mãe!... — Foi este o seu grito de dôr.

Momentos depois Paula se achava deitada n'uma bôa cama, e rodeada por toda a familia; porém havia algazarra tal, que mal se entendia uma palavra.

— Isto foi o jantar que lhe deu na fraqueza; (gritou uma avelhantada matrona, que se suppunha com muito geito para a medicina) é fraqueza complicada com o tempo frio... não vale nada... venha um cópo de vinho!

E dizendo isto, foi despejando meia garrafa de vinho na boca da pobre Paula, que, por mais que lepida e risonha o fosse en-

gulindo a largos tragos, não pôde livrar-se de que a interessante Esculapia lhe entornasse boa porção pelos vestidos.

— São maleitas! (exclamava D. Violante, com toda a força de seus pulmões) são maleitas! quem lhe olha para o nariz diz logo que são maleitas! Eu já vi curar-se uma mulher, que teve o mesmo mal, com cauda de cobra moída torrada, e depois desfeita n'um côpo d'agua tirada do pôte velho com um côco novo e com a mão esguerda pelo lado da parêde. É fazer isto já.

— São lombrigas! (gritava uma terceira).

— É ataque de estupôr! (bradava a quarta Senhora).

— É espirito maligno! (acudiu outra, que foi mais ouvida que as primeiras) é espirito maligno, que lhe entrou no corpo: venha quanto antes um padre com agua benta, e seu breviario.

— Ora, para que estão com tal azafama?... (disse uma senhora que acabava de entrar no quarto) não se vê logo que isto não passa de uma môna, que a boa da Paula tomou? Olhem; até tem o vestido cheio de vinho.

— Môna, não senhora! (acudiu D. Carolina) a minha Paula nunca teve tão feio cos-

tume; e se está molhada com vinho, a culpa é d'esta senhora, que a pouco lhe despejou meia garrafa por cima. Oh! é bem cruel que, mesmo vendo-se a minha dôr, digão semelhantes cousas! . . .

No meio de toda esta balburdia era de ver-se o zelo e a solícitude da menina travessa! . . observava-se aquella Moreninha de quinze annos, que parecêra sómente capaz de brincar e ser estouvada, correndo de uma para outra parte, prevenindo tudo, e apparecendo sempre onde se precisava apreçar um serviço ou acudir a um reclamo. Só cuidava de si quando devia enxugar as lagrimas.

Junto do leito apparecêrão os quatro estudantes. Curto foi o exame. O rosto e o bafo da doente bastarão para denunciar-lhes com evidencia a natureza da molestia.

— Isto não vale a pena; (disse Fellippe, em tom baixo a seus collegas) é uma môna de primeira ordem.

— Está claro: vamos socegar estas senhoras.

— Não; (tornou Fellippe, sempre em voz baixa) aturdidas pelo caso repentino, e preoccupadas pela sobriedade d'esta mulher, nenhuma d'ellas quer ver o que está diante de seus olhos, nem sentir o cheiro que lhes está en-

trando pelo nariz : minha irmã ficaria inconsolável, brigaria com nosco, e não nos acreditaria se lhe dicessemos que sua ama se embebedou : e portanto podemos aproveitar as circunstancias, zombar de todas ellas, e divertir-nos fazendo uma conferencia.

— Oh diabo !.. isso é do cathecismo dos charlatães!

— Ora não sejas tolo ; não pareces estudante : devemos lançar mão de tudo o que nos possa dar prazer, e não offenda os outros.

— Mas que iremos dizer n'esta conferencia, senão que ella está espirituosa demais ? ( perguntou Augusto ).

— Diremos tudo o que nos vier á cabeça, ficando entendido que as honras pertencerão ao que maior numero de asneiras produzir : o caso é que nos não entendão, ainda que tambem nos não entendamos.

— Ha de ser bonito ( tornou Augusto ) á vista de tanta gente, que por força conhecerá esta patacoada.

— Qual conhecer ! aqui ninguem nos entende ( tornou Fellippe, que voltando-se para os circunstantes, disse com voz theatralmente sollemne: — « Meus senhores, rogamos breves momentos de attenção ; queremos conferenciar. » )

Movimento de curiosidade.

Seguiu-se novo exame da enferma, no qual os quatro estudantes fingirão observar o pulso, a lingua, o rosto, e os olhos da enferma; ascoltárão e percutirão-lhe o peito, e fizerão todas as outras pesquisas do costume.

Depois elles se collocárão em um dos angulos do quarto, Fellippe teve a palavra. — Profundo silencio.

— Acabastes, senhores, de fazer-me observar uma enfermidade que não nos deixa de pedir sérias atenções, e sobre a qual eu vou respeitosa-mente submeter o meu juizo. Poucas palavras bastão. A molestia de que nos vamos occupar, não é nova para nós; creio mesmo, senhores, que qualquer de vós já a tem padecido muitas vezes...

— Está enganado.

— Não respondo aos apartes. Eu diagnostico uma bacchites. Concebe-se perfeitamente que as etesias desenvolvidas pela decomposição dos étheres espasmodicos e engendrados no alambique intestinal, uma vez que a compressão do diaphragma lhes cause vibrações sympathicas, que os fação caminhar pelo canal colledoco até o periosseo dos pulmões...

— *C'est trop fort !...*

— D'ahi passando á gorge, perturbem a chimificação da hematose, que por isso se tornando em lymphá hemostática, vá de um jacto causar um tricocephalo no esphenoide, podendo mesmos produzir uma proctorrhagia nas glandulas de Meyer, até que, penetrando pelas camaras opticas, no sphincter do cerebello, cause um retrocesso prostatico, como pensão os modernos authores, e promovão uma rebellião entre os individuos cerebraes : por consequencia isto é nervoso.

— Muito bem concluido.

— O tratamento que proponho é concludente : algumas gotas de ether sulfurico n'uma taça de liquido fontaneo assucarado ; o cosimento dos fructos do cofea arabica torrados, ou mesmo o thea sinensis : e quando isto não baste, o que julgo impossivel, as nossas lancetas estão bem afiadas, e duas libras de sangue de menos não farão falta á doente : disse.

— Como elle falla bem (murmurou uma das moças).

Fabricio tomou a palavra.

— Sangue ! sempre sangue ! eis a medicina romantica do insignificante Broussaïs ! mas eu detesto tanto a medicina sanguinaria, como a estercoraria, herbaria, sudoraria, e todas as que

acabão em aria. Desde Hippocrates, que foi o maior charlatão do seu tempo, até os nossos dias, tem triumphado a ignorancia : mas já em fim brilhou o sol da sabedoria... Hahnemann !. ah !.. quebrai vossas lancetas, senhores ; para curar o mundo inteiro basta-vos uma botica homeopathica com o Amazonas ao pé !... queimai todos os vossos livros ; porque a verdade está só exclusivamente no alcorão de nosso Mafôma, no Organon do grande homem ! Ah ! se depois do divino systema morre por acaso alguém, é por se não ter ainda descoberto o meio de dividir em um milhão de partes cada simples átomo da materia ! Senhores, eu concordo com o diagnostico do meu collega ; mas devo combater o tratamento por elle offerecido. Uma taça de liquido fontaneo assucarado, e acidulado com algumas gotas de ether sulfurico, é em minha opinião capaz de envenenar a todos os habitantes da China ! O mesmo direi do cosimento do cofea arabica...

— Mas porque não tem morrido envenenados os que por vezes o tem tomado ?...

— Eis ahi a consideração que os leva ao erro ! Senhor meu collega, é porque a acção malefica d'esses medicamentos não se faz sentir logo.... ás vezes só apparece depois de cem, duzentos, e

mais annos : eis a grande verdade !... Mas eu tenho observações de molestias da natureza da que nos occupa, e que vão mostrar a superioridade do meu systema : oução-me. Uma mulher padecia este mesmo mal ; já tinha soffrido trinta sangrias, havião-lhe mandado applicar mais de tresentas bichas, purgantes sem conta, vomitorios ás duzias, e tisanas aos milheiros : quiz o seu bom genio que ella recorresse a um homœopatha, que com tres dôses, das quaes cada uma continha apenas a trimillionesima parte de um quarto de grão de nihilitas nihilitatis, a poz completamente restabelecida ; e quem quizer pôde ir vel-a na rua... É certo que não me lembro agora onde ; mas posso affirmar que ella mora em uma casa, e que hoje está nédia, gorda, com boas côres, e até remoçou, e ficou mais bonita.— Outro factó...

— Basta ! basta !...

— Pois bem, basta ; e propondo a applicação da nihilitas nihilitatis na dôse da trimillionesima parte de um quarto de grão, dou por terminado o meu discurso.

— O Sr. Leopoldo tem a palavra.

— Senhores, eu devo confessar, que restão-me muitas duvidas a respeito do diagnostico, e portanto julgo util recorrermos ao magnetismo

animal, para vermos se a enferma, levada ao somnambulismo, nos aclara sua enfermidade. Além d'isto eu tenho fé, de que não há molestia alguma, que possa resistir á maravilhosa applicação dos passes, que tanto abismarão Paracelso e Kisker. Ainda mais : se o diagnostico do collega, que fallou em primeiro lugar, é exacto, dobrada razão acho para sustentar o meu parecer; porque emfim, se *similia similibus curantur*, necessariamente o magnetismo tem de curar a bacchites. Voto pois para que comecemos já a applicar-lhe os passes.

Seguiu-se o discurso de Augusto, que por longo de mais parece prudente omitir. Em resumo basta dizer que elle comhateu as raras theorias de Fellippe; mas concordou com o tratamento por elle proposto, e fallou com arte tal, que D. Carolina o escolheu para assistente de sua ama.

Augusto determinou as applicações convenientes ao caso; mas, não tendo entrado no numero d'ellas a essencial lembrança de um escaldapés, cahiu a tropa das mezinheiras sobre o desgraçado estudante, que se viu quasi doudo com a balburdia de novo alevantada no quarto.

— Menos ruído, minhas senhoras : ( dizia o rapaz ) isto pôde ser fatal á doente.

— Ora... eu nunca vi negar-se um escaldapés !

— Ainda em cima de não lhe mandar applicar uma ajuda, esquece-se tambem do escaldapés !...

— Se não lhe derem um escaldapés, eu não respondo pelo resultado !...

— Olhem como a doente está risonha, só por ouvir fallar em escaldapés !...

— Aquillo é pressentimento !

— Sr. Doutor, um escaldapés !..

— Pois bem, minhas senhoras ; ( disse Augusto para se ver livre d'ellas ) dem-lhe o preconisado escaldapés !

E fugindo logo do quarto, foi pensando com sigo mesmo que as cousas que mais contrarião o medico são — primeiro, a saúde alheia ; segundo, um máo enfermeiro ; e por ultimo emfim, as senhoras mezinheiras.



## XIV.

### **Pediluvio sentimental.**

---

Ria-se, jogava-se, brincava-se : todos se haviam já esquecido da pobre Paula. Na verdade tambem que, por ter a ama de D. Carolina tomado seu cópo de vinho demais , não era justo que tantas moças e moços em bôa disposição de brincar, e umas poucas de velhas determinadas a maçar meio mundo, ficassem a noite inteira pensando na carraspana da rapariga. E além d'isso quatro semi-doutores já haviam pronunciado favoravel prognostico; como pois se arrojaria Paula a morrer, contra a ordem expressa dos quatro hippocratissimos senhores?.

Era por isso que todos brincavão alegremente, menos o Sr. Keblerc, que diante de meia duzia de garrafas vazias roncava prodigiosamente : grande Allemão para roncar!... era uma escala inteira que elle solfejava, com bemões, bequadros, e sustenidos!... dir-se-hia que entoava um hymno.... ... a Baccho.

Os rapazes estavam nos seus geraes : a principio, como é seu velho costume, havião festejado, cumprimentado, e applaudido as senhoras idosas que se achavão na sala, principalmente aquellas que tinhão trazido comsigo moças ; mas, passada meia hora, adeos etiquetas e ceremonias !.. Estabeleceu-se um cordão sanitario entre a velhice e a mocidade ; a Sra. D. Anna achou occasião opportuna para ir dar ordens ao chá : D. Violante occupou-se em desenvolver a um velho roceiro os meios mais adequados para se preencher o deficit provavel do Brasil para o anno financeiro de 44 a 45, sem augmentar os direitos de importação, nem crear impostos, abolindo-se pelo contrario a decima urbana. Já se vê que D. Violante tinha casas na cidade. Restavão quatro senhoras, que julgárão a proposito jogar o embarque, que na verdade as divertia muito com o episodio do az gallar o sete : havia emfim outra mesa, que alguns senhores, viuvos, casados, e velhos pais perdião ou ganhavão dinheiro no ecarté, jôgo muito bonito e muito variado, que nos vierão ensinar os senhores francezes, — grandes inventores sem duvida !.....

A rapazia empregava melhor o seu tempo : tambem jogava ; mas na sua roda não havia

nem mesa, nem cartas, nem dados. O seu jôgo tinha um director que, excepção de regra entre os mais, não podia ter menos de cincoenta annos : era um homem de estatura muito menos que ordinaria, tinha o rosto muito vermelho, cabellos e barbas ruivas ; gordo ; de pernas arqueadas, ajuntava ao ridiculo de sua figura muito espirito : não estava bem senão entre rapazes ; por felicidade d'elles sempre se encontra d'esses. Tal o director da roda dos moços. O Sr. Baptista (este o seu nome) era fertil em jôgos ; quando um aborrecia, vinha logo outro melhor. Já se havia jogado o do toucador, e o do enfermo. O terceiro agradou tanto, que se repetia pela duodecima vez com applauso geral, principalmente das moças : era, sem mais nem menos o jôgo da palhinha.

Caso celebre !.. já se viu que coincidência !.. ora expliquem, se são capazes... Tem-se jogado a palhinha dose vezes, e em todas as dose tem a sorte feito com que Fellippe abraçe D. Clementina, e Fabricio D. Joanninha ! e sempre no fim de cada jôgo qualquer das duas recúa um passo, como se pouca vontade houvesse n'ellas de dar o abraço ; e fazendo-se coradinha exclama :

— Quântos abraços !... pois outra vez ?...

— Eu já não dei ainda agora !... ora isto !...

Entre os rapazes porém ha um, que não está absolutamente satisfeito : é Augusto. Será por que no tal jôgo da palhinha tem por vezes ficado viuvo ?.. não ; elle esperava isso como castigo da *sua inconstancia*. A causa é outra : a alma da ilha de... não está na sala : Augusto vê o jôgo ir indo seu caminho muito em ordem, não se rasgou ainda nenhum lenço, Fellippe ainda não gritou com a dôr de nenhum beliscão, tudo se faz em regra e muito direito ; a travessa, a inquieta, a buliçosa, a tentaçãozinha não está ahi : D. Carolina está ausente.

Com effeito Augusto, sem amar D. Carolina, (elle assim o pensa) já faz d'ella idéa absolutamente diversa da que fazia ainda a poucas horas: agora, segundo elle, a interessante Moreninha é na verdade travessa ; mas a cada travessura ajunta tanta graça, que tudo se lhe perdôa. D. Carolina é o prazer em ebulição : se é inquieta e buliçosa, está em sel-o a sua maior graça : aquelle rosto moreno, vivo e delicado ; aquelle corpinho, ligeiro como a abelha, perderia metade do que vale, se não estivesse em continua agitação. O beija-flor nunca se mostra tão bello, como quando se pendura na mais tenue flor, e voeja nos ares: D. Carolina é um beija-flor completo.

N'este momento a Sra. D. Anna entrou na sala, e depois, dirigindo-se á grande varanda da frente, sentou-se defronte do jardim. Baptista acabava de dar fim ao jôgo da palhinha, e começava novo : Augusto pediu que o dispensassem, e foi ter com a dona da casa.

— Não joga mais Sr. Augusto ? ( disse ella ).

— Por ora não, minha senhora.

— Parece-me pouco alegre.

— Ao contrario... estou satisfeitissimo.

— Oh ! seu rosto mostra não sentir o que dizem seus labios : se aqui lhe falta alguma cousa..

— Na verdade que aqui não está tudo, minha senhora.

— Então que falta ?... .

— A Sra. D. Carolina.

A bôa senhora riu-se com satisfação ; seu orgulho de avó acabava de ser incensado : era tocar-lhe no fraco.

— Gosta de minha neta, Sr. Augusto ?

— É a delicada borboleta d'este jardim ( respondeu elle, mostrando as flores );

— Vá buscal-a ( disse a Sra. D. Anna apontando para dentro ).

— Minha senhora, tanta honra !.

— O amigo de meu neto deve merecer minha confiança : esta casa é dos meus amigos e

tambem dos d'elle. Carolina está sem duvida no quarto de Paula ; vá vel-a, e consiga arrancal-a de junto da sua ama.

A Srá. D. Anna levou Augusto pela mão até ao corredor, e depois o empurrou brandamente:

— Vá (disse ella) e receba isso como a mais fraca prova de minha estima para com o amigo de meu neto.

Augusto não esperou ouvir nova ordem: endireitou para o quarto de Paula com presteza e alegria. A porta estava cerrada, abriu sem ruido, e parou no limiar.

Tres pessoas havia n'esse quarto : Paula, deitada, e abatida sob o peso de sua soffrivel mônna, era um objecto triste, e talvez ridiculo, senão padecesse ; a seguuda era uma escrava, que acabava de depôr junto do leito a bacia em que Paula deveria tomar o pediluvio recommendado ; objecto indifferente : a terceira era uma menina de quinze annos, que desprezava a sala em que borbullhava o prazer, pelo quarto em que padecia uma pobre mulher: este objecto era nobre !...

D. Carolina e a escrava tinham as costas voltadas para a porta, e por isso não vião Augusto : Paula olhava, mas não via, ou antes não sabia o que via.

— Anda, Thomazia, da-lhe o escaldapés (disse D. Carolina).

Pela sua voz conhecia-se que tinha chorado?

A escrava abaixou-se; puxou os pés da pobre Paula : depois, pondo a mão n'agua, tirou-a de repente, e sacudindo-a.

— Está fervendo !... ( disse. )

— Não está fervendo ; ( respondeu a menina ) deve ser bem quente ; assim dicerão os moços.

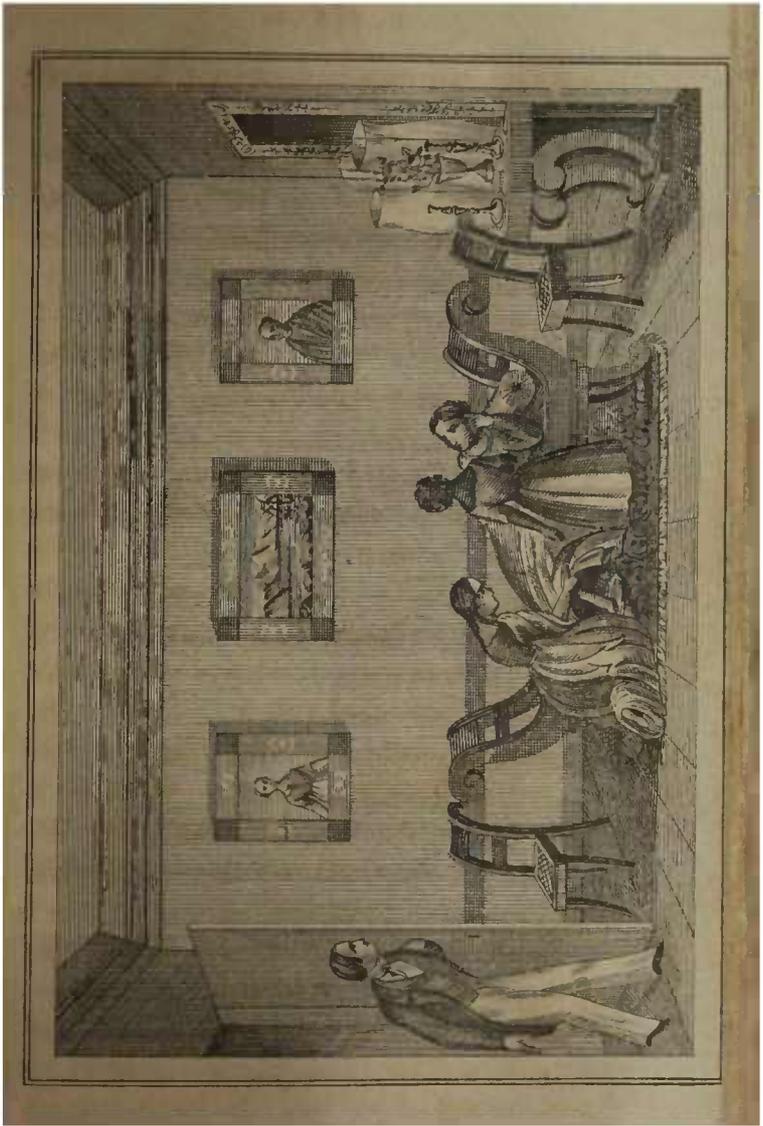
A escrava tornou a pôr a mão, e de novo retirou-a com presteza tal, que bateu com os pés de Paula contra a bacia.

— Estonteada !... sahe... afasta-te (exclamou D. Carolina, arregaçando as mangas do seu lindo vestido ).

A escrava não obedeceu.

— Afasta-te d'ahi ( disse a menina com tom imperioso ) e depois abaixou-se no lugar da escrava, tomou os pés de sua ama, apertou-os contra o peito chorando, e começou a banhal-os.

Bello espectáculo era o ver essa menina delicada curvada aos pés de uma rude mulher, banhando-os com socego, mergulhando suas mãos, tão finas, tão lindas, n'essa mesma agua que fisera lançar um grito de dôr á escrava.





quando ahi tocára de leve com as suãs, tão grosseiras e calejadas !... Os ultimos vislumbres das impressões desagradaveis, que ella causára a Augusto, de todo se esvairão. Acabou-se a criança estouvada... ficou em seu lugar o anjo de candura.

Mas o sensível estudante viu as mãoszinhas tão delicadas da piedosa menina já roxas e adivinhou que ella estava engulindo suas dôres para não gemer ; porisso não pôde suste-se, e adiantando-se disse :

— Perdôe minha senhora.

— Oh !..., o senhor estava ahi ?

— E tenho testemunhado tudo !

A menina abaixou os olhos confusa, e apontando para a doente, disse :

— Ella me deu de mamar.

— Mas nem por isso deve a senhora condemnar suas lindas mãos a serem queimadas, quando algum dos muitos escravos, que a cercão poderia encarregar-se do trabalho, em que a vi tão piedosamente occupada.

— Nenhum o fará com geito.

— Experimente.

— Mas a quem encarregarei ?

— A mim, minha senhora.

— O senhor fallava de meus escravos...

— Pois nem para escravo eu presto ?

— Senhor !....

— Veja se eu sei dar um pediluvio....

E n'isto o estudante abaixou-se e tomou os pés de Paula, enquanto D. Carolina junto d'elle, o olhava com ternura.

Quando Augusto julgou que era tempo de terminar, a juvenzinha recebeu os pés de sua ama, e os envolveu na toalha que tinha nos braços.

— Agora deixemol-a descansar (disse o moço).

— Ella corre algum risco ?... ( perguntou a menina ).

— Affirmo que acordará amanhã perfeitamente bôa.

— Obrigada !

— Quer dar-me a honra de acompanhal-a até à sala ? ( disse Augusto, offerecendo sua mão direita á bella Moreninha ).

Ella não respondeu, mas olhou-o com gratidão : e aceitando o braço do mancebo, deixou o quarto de Paula.



## XV

### Um dia em quatro palavras.

---

Ao romper do dia de Sant'Anna estavam todos na ilha de... descansando nos braços do somno: era isso muito natural, depois de uma noite como a da vespera, em que tanto se havia brincado.

Com effeito os jógos de prendas tinham-se prolongado excessivamente: a chegada de D. Carolina e Augusto lhes deu ainda dobrada viveza e fogo. A bonita Moreninha tornou-se mais travessa do que nunca: mil vezes bulhenta, perturbava a ordem dos jógos, de modo que era preciso começar de novo o que já estava no fim: outras tantas rebelde, não cumpria certos castigos que lhe impunhão: não deu um só beijo, e aquelle que atreveu-se a abraçal-a teve em recompensa um belliscão.

Finalmente ouviu-se a voz de — vamos dormir, — e cada qual tratou de fazer por conseguit-o. O ultimo que se deitou foi Augusto,

e ignora-se o porque sahiu de luz na mão a passear pelo jardim, quando todos se achavão accomodados: de volta de seu passeio nocturno, atirou-se entre Fabricio e Leopoldo, e immediatamente adormeceu. Os estudantes dormirão juntos.

São seis horas da manhã, e todos dormem ainda a somno solto. Um author pôde entrar em toda parte, e pois... Não, não; alto lá! no gabinete das moças, não senhor: no dos rapazes ainda bem. A porta está aberta. Eis os quatro estudantes estirados n'uma larga esteira; e como roncão?! Mas que faz o nosso Augusto? Ri-se murmura phrases imperceptiveis; suspira... Então que é isso lá!... dá um beijo em Fabricio; acorda espantado, e ainda em cima empurra cruelmente o mesmo a quem acaba de beijar....

Oh belleza! oh inexplicavel poder de um rosto bonito, que não contente com as zombarias que faz ao homem, que véla, o illude e ainda zomba d'elle dormindo!

Estava o nosso estudante sonhando que certa pessoa, de quem elle teve até aborrecimento, e que agora começa com os olhos travessos a fazer-lhe cocegas no coração vinha terna e amorosamente despertal-o; que elle

fingira continuar a dormir e ella se sentára à sua cabeceira; que, traquinas como sempre, em vez de chamal-o, queria rir-se acordando-o pouco a pouco; que para isso approximava seu rosto do d'elle, e assoprando-lhe os labios, ria-se ao ver as contracções, que produzia a titillação causada pelo sopro; que elle, ao sentir tão perto dos seus os lindos labios d'ella, estava ardentemente desejoso de furtar-lhe um beijo; mas que temia vel-a fugir ao menor movimento: que finalmente, não podendo mais resistir a seus fervidos desejos, assentára de, quando se approximasse o bello rosto, ir de um salto colher o voluptuoso beijo n'aquella boquinha de botão de rosa; que o rosto chegou a distancia de meio palmo, e... (Aqui parou o sonho, e principiou a realidade) e elle deu um salto, e, em lugar de pregar um terno beijo nos labios de D. Carolina, foi com toda força e estouvamento bater com os beiços e nariz contra a testa de Fabricio; e, como se o pobre collega tivesse culpa de tal infelicidade, deu-lhe dous empurrões, dizendo:

— Sahe-te d'ahi, peste!... ora, quando eu sonhava com um anjo, acordo-me nos braços de satanaz!...

Corra-se porém um véo sobre quanto se

passou até que se levantáram do almoço. A sociedade se dividiu logo depois em grupos; uns conversavam, outros jogavam; dous velhos ferráram-se no gamão; as moças espalháram-se pelo jardim, e os quatro estudantes tiveram a pessima lembrança de formar uma mesa de voltarete.

E apesar do poder todo da cachaça do jôgo, de cada vez que qualquer d'elles dava cartas, ficava na mesa um lugar vazio, e junto do arco da varanda que olhava para o jardim collocava-se uma sentinella. Já se vê que o voltarete não podia seguir marcha muito regular. Augusto, por exemplo, distrahia-se com frequencia tal que ás vezes passava com basto e espadilha, e era codilhado todas as mãos que jogava de feito. A Moreninha já fazia travessuras muito espezias no coração do estudante; e elle, que se accusava de haver sido injusto para com ella, agora a observava com cuidado e prazer, para em compensação render-lhe toda a justiça. D. Carolina brilhava no jardim, e mais que as outras por graças e encantos, que todos sentião, e que ninguem poderia bem descrever: confessava-se que não era bella; mas jurava-se que era encantadora: alguém queria que ella tivesse maiores olhos; porém não havia quem resis-

tisse á viveza de seus olhares ; os que mais apaixonados fossem da doce melancolia de certos semblantes, em que a languidez dos olhos, e brandura de custosos risos estão exprimindo amor ardente e sentimentalismo, concordariam por força que no lindo rosto moreno de D. Carolina nada iria melhor, do que o prazer que n'elle transluz, e o sorriso engraçado e picante, que de ordinario enfeita seus labios : além d'isto, sempre em brincadora guerra com todos, e em interessante contradição com sigo mesma, ella a um tempo solta um ai e uma risada, graceja fazendo-se de grave, falla jurando não dizer palavra, apresenta-se escondendo-se, sempre quer jamais querendo.

Nunca tambem se havia mostrado a Moreninha tão jovial e feiticeira ; mas para isso boas razões havia : esse era o dia dos annos da sua querida avó, e a pobre Paula, sua estimada ama, estava completamente restabelecida,

Eis uma deliciosa invasão!... dez moças entram de repente na varanda, e n'um momento tudo se confunde e amotina : D. Carolina atira no meio da mesa do voltarete uma mão cheia de flores ; enquanto Fellippe faz tenção de dirigir-lhe um discurso admoestador, ella furta-lhe a espadilha, e vôa, para tornar a apparecer logo.

depois. É impossível continuar assim ; dá-se por acabado o jôgo, e a Moreninha, á custa de um unico sorriso, faz as pazes com o irmão.

— Parabens, Sra. D. Joaquina : (disse Augusto) já triumphou de uma de suas rivaes !

— Como ?... ( perguntou ella ).

— Ora, que esta minha prima nunca entende as figuras do Sr. Augusto ! (acudiu D. Carolina) explique-se Sr. Doutor !

— Sua prima, minha senhora, a aurora e a rosa disputão sobre qual primará na viveza da côr ; e eu vejo que ella já tem presa no cabello uma das duas rivaes.

— Eu o encarrego com prazer da guarda fiel d'esta minha competidora... seja o seu carcereiro ! (disse D. Quinquina, querendo tirar uma linda rosa do cabello, para offercel-a a Augusto).

— Oh ! minha senhora ! seria um cruel castigo para ella, que se mostra tão vaidosa !

— Pois rejeita ?...

— Certo que não : aceito : mas rogo um outro obsequio.

— Qual ?...

— Que por ora lhe conceda seus cabellos por homenagem.

Pois bem, será satisfeito ; eu guardarei a sua rosa.

— Mas cuidado não haja quem liberte a bella captiva ( disse Leopoldo ).

— Protesto que a hei de furtar ( accrescentou D. Carolina ).

—Desafio-lhe a isso ( respondeu-lhe a prima ).

Então começou uma lucta de ardis e cuidados entre a Moreninha e D. Quinquina. Aquella já tinha debalde esgotado quantos estratagemas lhe pôde suggerir seu fertil espirito e emfim, fingendo-se fatigada veio socogadamente conversar junto de D. Quinquina, que não menos viva conservava-se na defensiva.

Depois de meia hora de habil affectação, a menina travessa, com um rapido movimento, fez cahir o leque de sua adversaria ; Leopoldo abaixou-se para levantá-lo, e D. Quinquina, um instante desapercibida, curvou-se tambem, e soltou logo um grito sentindo a mão da prima sobre a rosa : com a sua foi acudir a esta; houve um conflicto entre duas finas mãozinhas, que mutuamente se belliscarão; e em resultado desfolhou-se completamente a rosa.

—Morreu a bella captiva !... morreu a pobre captiva !... ( gritarão as moças ).

—D. Carolina está criminosa ! ( disse D. Clementina ).

—Vai ao jury, minha senhora !

— É verdade ; vamos leval-a ao jury !

A idéia foi recebida com applauso geral : só Fellippe se oppoz.

— Não ! não ! ( disse elle ) Carolina é muito rebelde ; se fosse condemnada, não cumpriria a setença.

— Oh maninho ! não diga isso.

— Vossê jura obedecer ?...

— Eu juro por vossê.

— Tanto peor : éra mais um motivo para se tornar perjura.

— Pois bem ; dou a minha palavra : não é sufficiente ?

— Basta ! basta !

Organisou-se o jury : Fabricio foi encarregado da presidencia : um outro moço serviu de escrivão, e cinco moças sahirão por sorte para juradas : D. Clementina terá de ser a relatora da sentença. A Augusto declararão suspeito na causa. Fellippe foi escolhido para advogado da ré, e Leopoldo da authora.

A sessão começou

Longo fôra enumerar tudo o que se passou em duas horas muito agradaveis, e por isso muito breves tambem. Toda a companhia veio tomar parte n'aquelle divertimento improvisado, e até, quem o diria ? os dous velhos dei-

xarão o taboleiro do gamão. Resuma-se alguma cousa.

As testemunhas fôrão D. Gabriella e uma outra, que dêrão provas de bastante espirito: o interrogatorio de D. Carolina fez rir a quantos o ouvirão. O debate dos advogados esteve curioso.

Leopoldo accusou a ré, demonstrando que tinha havido a circumstancia aggravante da premeditação, e que o crime se tornava ainda mais feio por ser causado pelo ciume; procurou provar que D. Carolina, conscia de seus encantos e belleza, queria ser senhora absoluta de todos os corações, e até de todos os seres; que ella se enchêra de zelos suppondo com razão que Augusto dêsse subido valor á rosa, por lhe ser dada por uma moça bella, como a authora; e emfim que o crime da ré era excessivo, que já da tarde antecedente jurára a perda d'aquelle flôr, por desconfiar que o Zephiro brincava mais com ella, do que com seus olhos.

Fellippe não se deixou ficar atraz. Argumentou dizendo que era impossivel decidir que mão tinha dado a morte á bella captiva; que não houvera premeditação; porque a ré não quizera matar, mas sim libertar; que, se

havia crime, só o commettêra a authora por prender uma innocente flor ; e que por ultimo, ainda quando fosse a ré a que desfolhára a rosa, e mesmo dando-se o proposito de o fazer, dever-se-hia attribuir tal acção á piedade ; poisque D. Quinquina a estava matando pouco a pouco com o veneno da inveja, collocando-a tão perto de suas faces, que tanto a vencião em rubor e viço.

As juradas recolherão-se ao *toilette*, e cinco minutos depois voltárão com a sentença, que foi lida por D. Clementina.

O jury declarou D. Carolina criminosa, e a condemnou a indemnisar o dono da rosa com um beijo.

—Para fazer tal, (disse a ré) não carecia eu da sentença do jury ; tome um beijo, minha prima.

—Não é a mim que o deve dar ; (respondeu a authora) o dono da rosa é o Sr. Augusto.

—De rosa se fez o rosto de D. Carolina ;

—O beijo ! beijo ! (gritárão as juradas.)

Vossê deu sua palavra !

—Ella hesitou alguns momentos... depois approximou-se de Augusto, e com seu sorriso feiticeiro e irresistivel nos labios, disse :

—O senhor me perdêa !...

— Não ! não ! não ! ( clamarão de todos os lados. )

Mas a menina parecia contar com o poder de seus labios ; porque, sorrindo-se ainda do mesmo modo, tornou a perguntar com meiguice e ternura :

— Me perdôa ?...

— Não ! não !

— Porém como resistir ao seu sorriso !... como dizer que não a quem pede como ella ? ( exclamou Augusto entusiasmado. )

D. Carolina estava pois perdoada.

— Agradecida ! ( disse ella, com vivo accento de gratidão ) e estendeu sua dextra para Augusto, que, não podendo ceder tudo com tão criminoso desinteresse, tomou entre as suas aquella mãozinha de Cherubim, e fez estalar sobre ella o beijo mais gostoso, que tinham até então dado seus labios.

A manhã d'este dia foi assim passada ; e a tarde votou-se aos preparativos do sarão.



## **XVI.**

### **O sarão.**

---

Um sarão é o bocado mais delicioso que temos, de telhado abaixo. Em um sarão todo o mundo tem que fazer; o diplomata ajusta, com o cópo de champagne na mão, os mais intrincados negocios; todos murmurão, e não ha quem deixe de ser murmurado: o velho lembra-se dos minuets e das cantigas do seu tempo, e o moço goza todos os regalos da sua época: as moças são no sarão como as estrellas no Céu; estão no seu elemento: aqui uma cantando suave cavatina, eleva-se vaidosa nas asas dos applausos, por entre os quaes surge ás vezes um bravissimo inopinado, que solta de lá da sala do jôgo o parceiro que acaba de ganhar sua partida do écarté, mesmo na occasião em que a moça se espicha completamente desafinando um sustenido: d'ahi a pouco vão outras, pelos braços de seus pares, se deslisando pela sala, e marchando

em seu passeio, mais a compasso que qualquer de nossos batalhões da Guarda Nacional, ao mesmo tempo que conversão sempre sobre objectos innocentes, que movem olhaduras e risadinhas apreciáveis. Outras criticão de uma gorducha vovò, que ensaca nos bolsos meia bandeja de dôce que veio para o chá, e que ella leva aos pequenos que, diz, lhe ficarão em casa. Alli vê-se um ataviado *dandy*, que dirige mil finezas a uma senhora idosa, tendo os olhos pregados na sinhá que senta-se ao lado. Finalmente, no sarão não é essencial ter cabeça nem boca ; porque para alguns é regra durante elle, pensar pelos pés e fallar pelos olhos.

E o mais é que nós estamos n'um sarão : innumerous bateis conduzirão da Côte para a ilha de... senhoras e senhores recommendáveis por character e qualidade : alegre, numerosa e escolhida sociedade enche a grande casa, que brilha e mostra em toda a parte borbulhar o prazer e o bom gosto.

Entre todas essas elegantes e agradáveis moças, que com aturado empenho se esforçoem por ver qual d'ellas vence em graças, encantos e donaires, certo que sobrepuja a travessa Moreninha, princeza d'aquella festa.

Habil menina é ella ! nunca seu amor proprio produziu com tanto estudo seu toucador, e comtudo dir-se-hia que o genio da simplicidade a penteára e vestira. Emquanto as outras moças havião esgotado a paciencia de seus cabellereiros, posto em tributo toda a habilidade das modistas da rua do Ouvidor, e coberto seus collos com mais ricas e preciosas joias, D. Carolina dividiu seus cabellos em duas tranças, que deixou cahir pelas costas ; não quiz ornar o pescoço com seu adereço de brilhantes, nem com seu lindo collar de esmeraldas ; vestiu um finissimo, mas simples vestido de garça, que até peccava contra a moda reinante por não ser sobejamente comprido ; e vindo assim apparecer na sala, arrebatou todas as vistas e attensões.

Porém, se um attento observador a estudasse, descobriria que ella adrede se mostrava assim para ostentar as longas e ondeadas madeixas negras, em bello contraste com a alvura de seu vestido branco ; para mostrar todo nú elevado collo de alabastro, que tanto a aformoseia ; e que seu peccado contra a moda reinante não era senão um meio subtil, de que se aproveitára para deixar ver o pézinho mais bem feito e mais pequeno, que se pôde imaginar.

Sobre ella estão conversando agora mesmo Fabricio e Leopoldo; terminão sem duvida a sua pratica; não importa; vamos ouvil-os,

— Está na verdade encantadora!... (repetiu pela quarta vez aquelle.)

— Danças com ella?.. (perguntou Leopoldo).

— Não: já estava engajada para doze quadrilhas.

— Oh! lá vai ter com ella o nosso Augusto. Vamos aprecial-o.

Os dous estudantes approximarão-se de Augusto, que acabava de rogar á linda Moreninha a mercê da terceira quadrilha.

— Leva de taboa; (disse Fabricio ao ouvido de Leopoldo) é a mesma que eu lhe havia pedido.

Mas a juvenzinha pensou um momento, antes de responder ao pretendente: olhou para Fabricio, e com particular mover de labios pareceu mostrar-se descontente; depois riu-se e respondeu a Augusto:

— Com muito prazer.

— Mas, minha senhora, (disse Fabricio, vermelho de despeito, e aturdido com um beliscão que lhe déra Leopoldo) ha cinco minutos já estava engajada até a duodecima.

— É verdade; (tornou D. Carolina) e agora só acabo de ratificar uma promessa: o Sr. Au-

gusto poderá dizer se hontem pediu-me, ou não, a terceira contradança.

— Juro.... ( balbuciou Augusto. )

— Basta ! ( acudiu Fabricio, interrompendo-o ) é inutil qualquer juramento de homem, depois das palavras de uma senhora.

Fabricio e Leopoldo retirarão-se ; D. Carolina, que tinha illudido o primeiro, vendo brilhar o pazer na face de Augusto, e temendo que d'aquella occorrenciã tirasse este alguma explicação lisongeira demais, quiz applicar um correctivo, e erguendo-se tomou o braço de Augusto : aproveitando o passeio, disse :

— Agradeço-lhe a condescendencia com que ia tomar parte na minha mentira..... foi necessario que eu praticasse assim : quero antes dançar com qualquer, do que com aquelle seu amigo.

— Offendeu-lhe minha senhora ?...

— Certo que não ; mas diz-me cousas que não quero saber.

— Então... que diz elle ?...

— Falla tantas vezes em amor...

Meu Deos ! é um crime que eu tenho estado bem perto de commetter !

— Pois bem ; foi esta a unica razão.

— Mas eu temo perder a minha contra-

dança... alguns momentos mais, e serei réo como Fabricio.

— A culpa será de seus labios.

— Antes dos seus olhos, minha senhora.

— Cuidado, Sr. Augusto ! lembre-se da contradança !

— Pois será preciso dizer que a detesto ?...

— Basta não dizer que me ama.

— É não dizer o que sinto : eu não sei mentir.

— Ainda ha pouco ia jurar falso....

— Nas palavras de um anjo, ou de uma....

— Acabe.

— Tentaçãozinha.

— Perdeu a terceira contradança.

— Misericordia ! eu não fallei em amor !..,

N'este momento a orchestra assignalou o começo do sarão. É preciso antecipar que nos não vamos dar ao trabalho de descrever este : é um sarão como todos os outros : basta dizer o seguinte.

Os velhos lembrarão-se do passado ; os moços aproveitarão o presente ; ninguém cuidou do futuro. Os solteiros fizerão por lembrarem-se do casamento ; os casados trabalharão por esquecer-se d'elle. Os homens jogarão, fallarão em politica, e requestarão as moças ; as senhoras, ouvirão finezas, tratarão de modas, e

criticarão desapiedadamente umas das outras. As filhas derão carreirinhas ao som da musica; as mãis já idosas recebêrão cumprimentos por amor d'aquellas; as avós, por não ter que fazer, nem que ouvir, levárão todo o tempo a endireitar as toucas e a comer doce. Tudo esteve debaixo d'estas regras geraes: só resta dar conta das seguintes particularidades.

D. Carolina sempre dançou a terceira contra-dança com Augustó: mas para isso foi preciso que a Sra. D. Anna empenhasse todo o seu valimento: a tyranna princezinha da festa esteve realmente desapiedada; não quiz passear com o estudante.

A interessante D. Violante fez o diabo a quatro; tomou doze sorvetes, comeu pão-de-ló como nenhuma, tocou em todos os doces, obrigou alguns moços a tomal-a por par, e até dançou uma walsa de corruptio.

Augusto apaixonou-se por seis senhoras, com quem dançou: o rapaz é incorrigivel. E assim tudo mais.

Agora são quatro horas da manhã; o sarão está terminado; os convidados vão retirando-se; e nós, entrando no *toilette*. vamos ouvir quatro bellas conhecidas nossas, que conversão com ardor e fogo.

—É possível?... (exclamou D. Quinquina, dirigindo-se a sua mana) pois é verdade que esse Sr. Augusto lhe fez uma declaração de amor?...

—Como quer que lhe diga, maninha!... Asseverou que meus olhos pretos davão á sua alma mais luz, do que a seus olhos todos os candelabros da sala n'esta noite, e mesmo do que o sol nos dias mais brilhantes...  
palavras d'elle.

—Que insolente!... (tornou D. Quinquina) elle mesmo, que me jurou ser a mais bella a seus olhos, e a mais cara a seu coração; porque meus cabellos erão fios d'ouro, e a côr das minhas faces o rubor de um bello amanhecer!...  
palavras d'elle.

—Que atrevido!... (bradou D. Clementina) o proprio que affirmou ser-lhe impossivel viver sem alentar-se com a esperanza de possuir-me; porque eu sabia ferir corações com minhas vistas, e curar profundas magoas com meus sorrisos!... palavras d'elle.

—Oh! que moço abominavel!! disse por sua vez D. Gabriella) e ousou dizer-me que me amava com tão subida paixão que, se fôra por mim amado, e pudesse desejar e pedir algum extremo, não me pediria, como a

outras, para beijar-me a face ; porque das virgens do Céu sómente se beijão os pés, e de joêlhos !... palavras d'elle.

— Mas isto é um insulto feito a todas nós !..

— Como se estará elle rindo !..

— Qual ! se elle está apaixonado....

— Apaixonado ? !... e por quem ?...

— Por nós quatro.... talvez por outras mais: elle pensa assim.

— Que maldito Brasileiro com alma de Mouro !....

— E havemos de ficar assim ?...

— Não : (acudiu D. Joanninha) vamos ter com elle ; desmascaremol-o.....

— Isso é nada para quem não tem vergonha !

— Pois troquemos os papeis : finjamos que estavamos tratadas para desafiar-lhe os requebros.. ridicularisemol-o como fôr possível..

— Sim... obriguemol-o a dizer qual de nós é a mais bonita ; cada uma lhe pedirá um annel de seus cabellos.... uma prenda... uma lembrança.... ponhamol-o doudo....

— Muito bem pensado ! vamos !...

— Deos nos livre ! á vista de tanta gente ?...

— Então quando, e aonde ?...

— Uma idéa !... seja a zombaria completa : escreva-se uma carta anonyma convidando-o

para estar ao romper do dia na gruta.

— Bravo ! então escreva...

— Eu não : escreva vossê...

— Deos me defenda ! escreva D. Gabriella, que tem bôa letra...

— Então nenhuma escreve.

— Pois tiremos por sorte !

A idéa foi recebida com aprovação ; e a sorte destinou para secretaria D. Clementina, que, tirando de seu album um lapis e uma tira de papel, escreveu sem hesitar : « Senhor : Uma joven que vos ama, e que de vós escutou palavras de ternura, tem um segredo a confiar-vos : ao raiar da aurora a encontrareis no banco de relva da gruta : sêde circumspecto, e vereis a quem por meia hõra ainda quer ser apenas — Uma incognita. »

— Bem ; ( disse D. Quinquina ) eu me encarrego de fazer-lhe receber a carta ; saiamos.

As quatro moças ião sahir quando um suspiro as suspendeu ; mais alguém estava no *toilette*. D. Joanninha, medrosa de que uma testemunha tivesse presenciado a scena que se acabava de passar, voltou-se para o fundo do gabinete, e o susto para logo se lhe dissipou.

— Vejão como ella dorme !. ( disse )

Com effeito, recostada em uma cadeira de braços, D. Carolina estava profundamente adormecida,

A Moreninha se mostrava na verdade encantadora no molle descuido de seu dormir: á mercê de um doce resfolegar os desejos se agitavão entre seus seios; seu pézinho bem á mostra, suas tranças dobradas no collo. . . seus labios entre-abertos e como por costume amoldados áquelle sorrir, cheio de malicia e de encanto, que já lhe conhecemos; e finalmente suas palpebras cerradas e coroadas por bastos e negros supercilios, a tornavão mais feiticeira que nunca.

D. Clementina não pôde resistir a tantas graças; correu para ella. . . dous rostos angelicos se approximarão. . . quatro labios côr de rosa se tocárão, e este toque fez acordar D. Carolina.

Um beijo tinha despertado um anjo; se é que o anjo realmente dormia.



## XVII.

### **Fôrão buscar lã, e sahirão toqueadas**

---

Se houve alguém que quizesse servir a D. Quinquina, ou se foi ella mesma quem poz a carta anonyma no bolso da jaqueta de Augusto, é cousa que pouco interesse dá: o certo é que o estudante, indo tirar o lenço para assoar-se, achou o interessante escriptinho: então correu logo para um lugar solitario, e só depois de devorar o convite sem assignatura foi que lembrou-se que ainda não se havia assoado, e que o pingo estava cae não cae na ponta do nariz: emfim, ainda com o lenço acudiu a tempo, e depois entendeu que, para melhor decidir o que lhe cumpria fazer n'aquella conjunctura, deveria avivar o cerebro sorvendo uma bôa pitada de rapé; portanto lançou a mão ao segundo bolso de sua jaqueta, eis que lhe sae com a caixa do bom princeza um outro escriptinho, como o primeiro.

— Bravo ! (exclamou o nosso estudante) temiveis mãoszinhas serião estas, se se dessem ao exercicio, não de encher, mas de vasar as algibeiras da gente;

E sem mais dizer abriu e leu o escripto.

« Senhor. Uma moça, que nem é bonita nem namorada, mas que quer interessar-se por vós, entende dever prevenir-vos que no banco de relva da gruta não achareis ao amanhecer uma incognita; porém sim conhecidas, que pretendem zombar de vós, porque esta mesma noite jurastes amar a cada uma d'ellas em particular. Não procureis adivinhar quem vos escreve, porque, apesar de ser vossa amiga, serei por agora — Uma incognita. »

— Muito bonito ! muito bonito !.. (disse Augusto, beijando o bilhete) estou exactamente representando um papel de romance ! mas quem sabe se ainda acharei mais cartas !..

E n'isto pensando, foi correndo um por um todos os bolsos de seus vestidos, sem esquecer o do relógio ; e até passou os dedos por sua basta cabelleira, presumindo que talvez introduzissem algum escripto no enorme canudo de cabellos que lhe escondia as orêlhas.

Porém nada mais havia : tambem duas cartas

tão curiosas já erão de sobra em uma só noite. O estudante pensou no conteudo de ambas, e ainda reflexionava se lhe cumpria fugir ou aceitar um certame com quatro moças, que elle adivinhava quaes erão, quando a primeira rosa da aurora se desabriu no horisonte. Augusto correu para a gruta encantada.

Chegando ao pé foi de mansinho se aproximando : sentiu rumor, e ouviu que alguém dizia em tom baixo.

— Oh ! si elle vier ! . . .

—Eil-o aqui, minhas bellas senhoras ; ( exclamou o estudante, que entendeu não lhes dever nunca dar tempo a tomar a offensiva ) eis-me aqui ! . . .

As moças, que estavam todas sentadinhas no banco de relva, como quatro pombas rôlas enfiladas no mesmo galho, erguêrão-se sobresaltadas ao ver entrar inopinadamente o estudante : era isso mesmo o que elle queria ; pois continuou ;

As senhoras veem que acudi de prompto ao honroso convite, e que me enthusiasmo vendo quatro auroras em lugar de uma só ! Bello amanhecer é este, sem duvida... mas exposto ao fogo abrazador de oito olhos brilhantes... eu me sinto arder... juro que tenho sêde... eis

alli uma fonte... Mas, meu Deos, é a fonte encantada, que descobre os segredos de quem está com nosco !... Bem ! bem ! melhor ! uma gota d'esta lympha de fadas !... .

— O que é que elle está disendo, mana ? (exclamou D. Quinquina apontando para Augusto, que tinha entre os labios o côpo de prata).

— É preciso decidir-nos a começar (disse D. Gabriella).

— Principie vossê ( disse D. Joanninha ).

— Eu não : comece vossê.

— Eu não, que sou a mais moça.

Então o estudante, que tinha acabado de esgotar o seu côpo d'agua, voltou-se para ellas, e dando a seu rosto uma expressão animada, e a suas palavras estudado accento :

— Começo eu minhas senhoras : ( disse ) e começo por dizer-vos que aquella fonte é realmente encantada : sim : eu tenho á mercê de sua agua, adivinhado bellos segredos : escutai, vós... Perdoai e consenti que vos trate assim, enquanto vos fallar inspirado por um poder sobrenatural : vós viestes aqui para maltratar-me e zombar de mim por haver amado a todas vós n'uma só noite : que ingratição !... eu vos poderia perguntar como o poeta :

« Assim se paga um coração amante!! »

mas desgraçadamente a fada que preside áquelle fonte quer mais alguma cousa ainda, e me dá uma cruel missão ! ordena-me que eu diga a cada uma de vós em particular algum segredo do fundo de vossos corações, para melhor provar os seus encantamentos. Pois bem ; é preciso obedecer : qual de vós quer ser a primeira ?... Eu não ousou fallar alto, por que pelo jardim talvez estejam passeiando alguns profanos. Qual de vós quer ser a primeira ?.

Nenhuma se moveu.

— Será preciso que eu escolha ?... ( continuou o tagarella ) escolherei... Illuminai-me, bôa fada ! Quem será ? . . será ... a Sra. D. Gabriella

— Eu ? ! ( respondeu a menina, recuando ).

— A senhora mesma ; ( disse Augusto, trazendo-a pela mão para junto da fonte ) vinde, senhora, para bem perto do lugar encantado : agora silencio... ouvi.

— Elle está mangando com nosco ( murmurou D. Clementina ).

Augusto já estava fallando em vós baixa a D. Gabriella.

— Vós, senhora, ainda não amastes a pessôa

alguma : para vós amor não existe, é um sonho apenas ; só olhais como real a galanteria : vós querieis zombar de mim, porque vos protestei os mesmos sentimentos que havia protestado a mais tres companheiras vossas : e todavia estaes incursa em igual delicto, pois só por cartas vos correspondeis com cinco mancebos.

— Senhor ! . . . .

— Oh ! não vos impacienteis : quereis provas ?... Ha quatro dias, uma vendedeira de empadas, que se encarrega de vossas cartas, enganou-se na entrega de duas ; trocou-as e deu-se bem me lembra a fada, a de lacar azul ao Sr. Juca, e a de lacar verde ao Sr. Joãozinho.

— Ora... ora, senhor ! quem lhe contou essas invenções ?

— A fada ; e fez mais ainda. Vós não achareis em vosso album o escripto desesperado do Sr. Joãozinho, que vos foi entregue no momento de vossa partida para esta ilha ; sou eu que o tenho, a fada m'o deu ha pouco com sua mão invisivel.

— Impossivel ! ( balbuciou D. Gabriella, recorrendo ao seu album ).

Ella não podia encontrar o escripto.

— Sr. Augusto, (disse então, toda vergonha e acanhamento ) eu lhe rogo que me dê esse papel.

— Pois não quereis ouvir mais nada ?.

— Basta o que tenho ouvido, e que não posso bem comprehender ; mas dê-me o que lhe pedi.

— D'aqui a pouco, senhora ; na hora de minha partida para a Côrte : porém com uma condição.

— Pôde dizel-a.

— Sois sobremaneira delicada, senhora ; este excesso vos deve ser nocivo ; quereis fazer-me o obsequio de ir descançar, e dar-me a honra de aceitar a minha mão até a porta da gruta ?..

— Com muito prazer.

Então os dous se dirigirão para fóra ; passando junto das tres companheiras, D. Gabriella pôde apenas dizer-lhes :

— Até logo.

Chegando á porta, Augusto fallou já em outro tom :

— Minha senhora, espero que me faça a justiça de crer que fico extremamente penalizado por não poder dilatar por mais tempo a gloria de acompanhal-a ; mas sabe o que ainda tenho de fazer.

— Obrigada ; ( respondeu D. Gabriella ) não poupe as outras,

Não é possível bem descrever a admiração das tres.

Augusto chegou-se a D. Quinquina, e tomando-lhe a mão, disse.

— Minha senhora, é chegada a vossa vez.

D. Quinquina deixou-se levar para junto da fonte : as moças tinham perdido toda a força ; o que diante d'ellas se passava pedia uma explicação que não estava ao seu alcance dar. Augusto começou :

— Senhora, eu poderia dizer-vos, pelo que me conta a bôa fada, que vós sois como as outras de vossa idade, tão voluveis como eu ; mas para tal saber não precisava eu beber da agua encantada ; podia tambem gastar meia hora em fallar-vos do vosso galanteio com um Tenente da Guarda Nacional, por nome Gusmão...

— Senhor !...

— Por nome Gusmão, que leva o seu despotismo amoroso ao ponto de exigir que não valseis, que não tomeis sorvetes, que não deis *dominus tecum* quando ao pé de vós espirrar algum moço, e que não vos riáis quando elle estiver sério.

— Quem lhe disse isto, senhor ?...

— A fada, senhora : e ainda me disse mais : por exemplo, contou-me que no baile d'esta noite, passeando com um velho militar, vós

recebestes da mão d'elle um lindo cravo, e a seus olhos o escondestes, com gesto apaixonado, no palpitante seio; mas d'ahi a um quarto de hora essa mesma flor, tão ternamente aceita, deveria ir parar ao bolso de um bello joven, chamado Lucio, se acaso não fosse roubada pela fada que preside esta fonte.

— Eu não entendo nada do que o senhor está dizendo: isso não é comigo.

— Eu me explico: o Sr. Lucio viu ser dado e recebido o presente, e fingindo-se zeloso, vos pediu esse cravo, muito notavel, porque, alem da flor aberta, havia sete flores em botão: ora dizei, não é verdade? Pois o Sr. Lucio queria esse cravo; mas vós lh'o não podieis dar, porque o velho militar não tirava os olhos de vós: ora conversando com o Sr. Lucio, accordastes ambos que elle iria esperar um instante no jardim, e que um pequeno escravo, por nome Tobias, lhe levaria a flôr; e como o tal Tobias ainda não conhecia o Sr. Lucio, este lhe daria por senha as seguintes palavras — sete botões; — não foi assim?...

D. Quinquina guardou silencio: tudo era verdade; ella estava côr de nacar: Augusto proseguiu:

— Isto se passou estando vós na grande

varanda, sentados em um banco, e com as costas voltadas para uma janella da sala do jôgo : ora, a fada esteve recostada a essa janella, ouviu quanto dissestes, e como lhe é dado tomar todas as figuras, tomou a de moço, foi ao jardim, e quando viu o Tobias, disse — sete botões — ; e o cravo foi logo da fada, e é agora meu ; eil-o aqui.

— Isto é uma invenção ; eu não conheço essa flor.

— Bem : então consentireis que eu a traga esta manhã no meu peito ?... Se não confessais, eu a mostrarei.... O senhor Coronel ainda se não retirou, e...

— Perdõe-me, ( balbuciou emfim D. Quinquina ; deixando cahir uma lagrima na mão de Augusto ) dê-me esse maldito cravo.

— Eu vol-o darei na hora de minha partida, senhora ; porèm ouvi mais.

— Basta.

— Pois bem, basta ; mas eu vejo que vossa face está humedecida ; seria uma lagrima, se o relento da noite não molhasse tambem a rosa : quereis descansar sem duvida ; poderei gozar o prazer de conduzir-vos até a porta da gruta ?..

— Sim, senhor.

Duas guerreiras tinham sido batidas ; só a

curiosidade retinha as outras : Augusto se chegou para ellas, e fallou a D. Clementina.

— Agora nós, senhora.

Ella deixou-se levar pela mão até junto da fonte ; o estudante começou :

— Quereis factos de ante-hontem, ou da noite passada, senhora ?

— Eu não entendo o que o senhor quer dizer.

— Pergunto, senhora, se vos dá gosto que eu vos repita o que com vosco se passou, quando tomaveis um sorvete ao lado de um joven de cabellos negros... o que com vosco conver-sou o meu collega Fellippe, quando tomaveis chá.

— Eu não preciso saber nada d'isso.

— Então dir-vos-hei o que mais vos interessa : socegarei mesmo os vossos cuidados e os do Sr. Fellippe, a respeito da perda de certo objecto...

— Sr. Augusto !...

— Senhora, foi a fada d'esta mysteriosa fonte quem vos roubou um precioso embrulho, que continha uma trança de vossos cabellos, e que deveria ser achado em baixo da quarta roseira da rua que vai ter ao caramachão ; e essa trança pára hoje em minhas mãos ; eil-a aqui.

— Oh ! dê-m'a

— Não, preferis antes que eu a entregue ao feliz para quem a destinaveis ?

— Não ; eu lhe peço que m'a dê.

— Eu estou prompto a obedecer-vos, senhora ; mas só na hora de minha partida. Vós quatro querieis zombar de mim ; não concebo até onde iria vossa vingança : preciso de refens que segurem a paz entre nós ; estes são os meus : quereis saber mais alguma cousa ?

— Eu já sei que o senhor sabe demais !

— Então...

— Quer, como as duas primeiras, offerecer-me a mão e obrigar-me a desamparar o campo? Venceu, senhor, e sou eu que lhe peço que me acompanhe até a porta da gruta.

— Eu estou prompto, senhora, para servir-vos em tudo.

Só restava D. Joanninha : era a vez d'ella.

— Eu vos deixei para o fim, ( disse Augusto ) porque a vós é que eu mais admiro ; porque vós sois exactamente a unica d'entre ellas que tem amado melhor, e que mais infeliz tem sido : eu vos explicarei isto. Sois todavia um pouco excessiva em exigencias...

— Que quer dizer, Sr. Augusto ?

— Que quereis muito, quando ordenais a um estudante que vos escreva quatro vezes por

semana, pelo menos ; que passe por defronte de vossa casa quatro vezes por dia ; que vá a miudo ao theatro e aos bailes que frequentais ; e até que não fume charutos de Havana, nem de Manilha, por ser falta de patriotismo ?

— Quem lhe disse isso, senhor ?

— A fada, senhora, que sabe que amais a um moço, a quem dais a honra de chamar querido primo.

— É uma vil traição !

— Exactamente diz o mesmo a nossa bôa fada ; e ainda mais, senhora : quer que eu vos aconselhe que desprezeis esse joven infiel, que não sabe pagar o vosso amor : eu poderia dar-vos provas...

— Não as tenho eu bastantes, ( exclamou D. Joanninha com sentimento ) quando lhe ouço repetir o que deveria ser sabido d'elle e de mim sómente ?

Augusto ia fallar ; ella o interrompeu.

— Senhor, eu agradeço o beneficio que recebi : o senhor quiz zombar de mim, como das outras ; mas não o fez : ao contrario atalhou em principio uma grande enfermidade, que talvez fosse d'aqui a pouco tempo incuravel ! Eu galanteio tambem ás vezes ; porém sei amar até o extremo. Adeos, senhor ! eu posso

apenas agradecer-lhe dizendo que tenho tanta confiança na sua discripção e no seu character, que nem mesmo lhe recommendo o cuidado do meu segredo.

D. Joanninha ia deixar a gruta ; Augusto lhe offereceu o braço.

— Agradecida ; ( disse ella ) permitta que eu entre só em casa.

Augusto ficou só ; esteve alguns momentos lembrando-se da scena que acabava de ter lugar ; finalmente disse, soltando uma risada.

— Vierão buscar lá, e sahirão tosquiadas !

E já estava para pôr o pé fóra da gruta, quando uma vóz branda e sonora o suspendeu, dizendo :

— Agora, Sr. Augusto, é chegada a sua vez.



## XVIII.

### Achou quem o tosqueasse.

---

Escutando aquellas inesperadas palavras, que o chamavão para a mesma posição em que elle tinha collocado as quatro moças, Augusto voltou-se de repente, e viu no fundo da gruta a interessante Moreninha, que enchia o côpo de prata.

— Minha senhora !... ( balbuciou o estudante confuso ).

D. Carolina respondeu-lhe primeiro com o seu costumado sorriso, e depois assim :

— Não se dirá que um homem zombou impunemente de quatro senhoras ; uma outra toma o cuidado de vingal-as. Sr. estudante, eu tambem sou adepta ao culto d'esta fada, e vou invocal-a em meu auxilio.

A mēnina travessa bebeu em seguida a estas palavras o seu côpo d'agua, e depois, imitando o estylo de Augusto, que se achava junto d'ella, disse :

— Quereis que vos falle do passado, do presente, ou do futuro ?

— De todas essas épocas... ao menos para ouvir por mais tempo os vaticínios e palavras de tão amavel Sibylla.

— Pois então principiemos pelo passado. Oh ! que bellas revelações me fez a fada ! sim eu estou lendo no livro da vossa vida, estou vendo tudo ! estou dentro do vosso espirito e de vosso coração !

Oh ! sim eu juro que isso é verdade (atalhou o estudante.

A menina fingiu não entender a allusão, e continuou :

— Senhor, vós amaste muito cedo... creio... sim, foi de idade de treze annos.

Augusto recuou um passo ; ella proseguiu :

— Amastes, sim, a uma menina de sete annos, com quem brincastes á borda do mar.

— E quem era ella ? como se chamava ? (perguntou Augusto com fogo, talvez pensando que D. Carolina estava com effeito adivinhando, e podia dizer-lhe o que elle mesmo ignorava).

— Posso eu saber-o ? (respondeu a Moreninha) a fada só me diz o que se passou em vosso coração, e vós por certo que tambem

não sabeis quem era essa menina, e só a conheceis pelo nome de minha mulher.

— Prosiga, minha senhora.

— Poderia eu contar-vos uma longa historia de velho moribundo, esmeralda, camafeu; mas basta de vossa mulher : permittí que vos diga que mostrava ser uma criança doudinha, que cedo começava a fazer loucuras.

— Que cruel juizo !

— Oh ! não vos agasteis : eu a respeito tambem em attenção a vós ; porém vamos acabar com o vosso passado. Houve um tempo em que quizestes figurar entre os amigos como galanteador de damas ; por justo e bem merecido castigo fostes desgraçado ! todas ellas zombárão de vós !

E a menina interrompeu-se, para rir-se da cara que fazia Augusto.

— Ora por esta não esperava eu !... (disse o estudante).

— A primeira joven que requestastes foi uma Moreninha de dezeseis annos, que jurou-vos gratidão e ternura, e casou-se oito dias depois com um velho de sessenta annos : não foi assim ?

E a menina de novo desatou a rir.

— Minha senhora, de que gosta tanto ?

— Ora ! é que a fada está me dizendo que ainda em cima vossos amigos, quando souberão de tal, derão-vos uma roda de cacholetas!

— Então a Sra. D. Anna lhe contou tudo isso?

— Juro-vos, senhor, que minha avò não me falça em semelhantes objectos. Consentí que eu continúe. A segunda foi uma joven coradinha, a quem em uma noite ouvistes dizer n'um baile que ereis um pobre menino, com quem ella se divertia nas horas vagas : não foi assim ?

— Prosiga, minha senhora.

— A terceira foi uma moça pallida, que zombou solemnemente, tanto de um primo que tinha, como de vós. Eis alguns de vossos principaes galanteios. Exasperado com o infeliz resultado d'elles, e vivamente tocado das letras e da musica de certo lundú que se vos cantou, tomastes outro partido, e desde então vós pretendeis fazer-vos passar por borboleta de amor,

— Borboleta ? !... Sim... sim... lembro-me agora que a senhora passeava pelo jardim. Já sei de quem fôrão certas carreirinhas, e portanto comprehendo que sabeis tudo a custa..

— A custa da fada, senhor ; e escuso estender-me mais, porque vós estais bem certo de que eu devo saber ainda muito,

— Sim ; mas diga sempre.

— Não ; antes quero fallar-vos do vosso presente.

— Pelo amor de seus bellos olhos, minha senhora, vamos antes ao que eu não sei, vamos ao meu futuro.

— Sois sobrejamente sofrego ! não vêdes como isso vai contra a bôa ordem da narração?

— Mas a desordem é hoje a moda ! o bello está no desconcerto ; o sublime no que se não entende ; o feio é só o que podemos comprehender : isto é romantico ; queira ser romantica ; vamos ao meu futuro.

— Pois bem ; vamos ao vosso futuro : principiarei, como pretendia fazer, se fallasse do presente de vossa vida, dizendo-vos que vós não sois inconstante como affectais.

— Misericordia !

— Mas que estais a ponto de o ser : digo-vos que perdereis uma certa aposta que fizestes com tres estudantes.

— Como é isso ? Então a senhora sabe....

— A fada, que me revelou isso, leu o termo na carteira de quem o guardou.

— A fada ? sim ; a feiticeira o leu....  
Comprehendo.

— Vós não sois inconstante, porque tendes

até hoje cultivado com religioso empenho o amor de vossa mulher ; mas vós o ides ser, porque não longe está o dia em que a esqueceréis por outra.

— A culpa será dos olhos d'essa outra ; porém quem sabe ?...

— Desejo que não ; comtudo, eu já vos vejo em principio, e temo que vades ao fim : sereis perjuro, tereis de escrever um romance, e, perdoai-me se vos desejo este mal, eu quizera que ao pé de meu irmão, que vos apresentará o termo da aposta, apparecesse a vossos olhos a mulher trahida. Do vosso futuro eis quanto me disse a fada.

— E disse bastante para me confundir.

— Quereis que vos falle agora de vosso presente ?

— Oh ! se quero ! No presente está a minha gloria.

— Hontem no baile dissestes palavras de ternura, pelo menos a seis senhoras.

— Esta agora é melhor ! e quem o pôde notar ?

— Provavelmente a fada vos observava.

— Então a fada, a feiticeira fazia isso ?

— Depois do baile puzerão-vos duas cartas no bolso.

— Que mãos delicadas....

— Não m'ò sabe dizer a fada; porém vòs viestes para esta gruta acudindo a um convite, e fingistes adivinhar segredos de corações : não era verdade ; a fada nada vos revelou : o que dissestes sabieis antes, e a fada me disse como.

— Explique-me pois, minha senhora.

— Quando involuntariamente fui causa de vos entornarem caffè nas calças, vòs fostes mudar de roupa, e entrastes para o gabinete das senhoras ; lá ouvistes tudo o que affectastes adivinhar a pouco.

— E quem me viu entrar ?

— A fada, sem-duvida. O crávo de D. Quinquina, fostes vòs que recebestes no jardim ; na noite dos jògos de prendas, fostes vòs ainda quem com uma luz na mão procurou e achou a trança de cabellos de D. Clementina embaixo da quarta roseira da rua que vai para o caramanchão.

— Mas quem observou o que eu fiz às escondidas, e com tanto cuidado ?

— A fada, que, segundo penso, vos tem sempre seguido com os olhos.

— A fada ?!.. a feiticeira me segue sempre com os olhos ? !.. Oh ! como sou feliz !... a feiticeira é a senhora !

— Senhor ! sois pouco modesto : que me importarião vossos passos e vossas acções ?..

— Perdão ! perdão !... eu sou um tresloucado... um incivil.... um doudo.... não sei o que faço, nem o quê digo : mas continue...

— Basta ! vós duvidastes da fada , e por isso eu termino aqui.

— Não ! não , minha senhora ! é preciso dizer-me mais alguma cousa ainda !... por força a fada lhe deveria ter revelado ! ella, que adivinha tudo o que está dentro do meu coração, diga o que ainda se passa n'elle.

— Nada mais me disse.

— Beba outro cópo d'agua....

— Não julgo necessario.

— Pois então.....

— Cumpre retirar-me.

— Não, por certo ! perdôe-me, minha senhora ; mas eu devo descobrir todos os meus segredos-a quem conhece tão boa parte d'elles.

— Eu me contento com o pouco que sei.

— Ouça uma só palavra.

— Não sou curiosa.

— Pois a senhora. . .

— Sei que sou senhora ; mas sou excepção de regra ; não quero saber.

—Embóra; eu lhe direi ainda contra avontade..

- E para isso toma-me a sahida ?.
- É só para lhe dizer que eu amo...
- Já sei; a sua mulher.
- Não é isso; a uma bella moça.
- Ella o deve ser agora.
- Muito espirituosa....
- Já ella o era em criança.
- E que se chama...
- Ah!.. espreitão-nos da entrada da gruta!

Augusto correu a examinar quem era a indiscreta testemunha; não apparecia pessoa alguma: comprehendeu então que fôra ainda um meio de que se lembrára D. Carolina para não deixal-o concluir sua declaração, e, disposto a lançar-se aos pés da menina, voltou-se já com o nome da bella nos labios, e...

D. Carolina tinha desaparecido da gruta.



## XIX.

### Entremos nos corações.

---

O que é bom dura pouco : as festas estão acabadas ; nossas bellas conhecidas bordão ; nossos alegres estudantes estão de livro na mão. Mas, pelo que toca a estes, qual é, digão-me, qual é, o estudante que, depois de uma patuscada de tom, não fica por oito dias incapaz de comprehender a mais insignificante lição? Isto succede assim : essa pobre gente vê por toda a parte, e misturando-se com todos os pensamentos, — no livro em que estuda, nas estampas que observa, na dissertação que escreve — . o baile, as moças, e os prazeres que apreciou. O nosso Augusto, por exemplo, está agora bronco para as lições, e impertinente com tudo. Raphael é quem paga o pato : se o innocente moleque lhe apronta o chá muito cedo, apanha meia duzia de bolos, porque quer ir vadiar pelas ruas; se no dia seguinte se demora só dez minutos, leva dous pescocões para

andar mais ligeiro; não ha emfim cousa alguma que possa contentar o Sr. Augusto; está aborrecido da medicina, tem feito duas gazetas na aula; de ministerial que era, passou-se para a opposição; não quer mais ser assignante de periodicos, não ha para seus olhos lugar nenhum bonito no mundo: aborrece a côrte, detesta a roça, e só gosta das ilhas.

Deveremos fazer-lhe uma visita: elle está em seu gabinete, e um pouco menos carrancudo; porque Leopoldo, o seu amigo do coração, o acompanha e tem a paciencia de lhe estar ouvindo pela duodecima vez a narração do que com elle se passou na ilha de...

Segundo parece, Augusto acaba de relatar o que occorreu na gruta entre elle e a bella Moreninha; porque Leopoldo lhe perguntou:

— E por onde fugiria ella?...

— Por uma difficil sahida, que eu não havia observado, (respondeu Augusto) e que exactamente se praticava no fundo da gruta.

— Que diabinho de menina!

— Quanto mais se tu notasses a graça e malicia com que ella, quando eu entrei na sala, me perguntou socegradamente: « Esteve dormindo na gruta, Sr. Augusto? »

— Então, ella gostou da tua semi-declaração?!

— Não... não... se ella tivesse gostado, não me fugiria.

— Ora é bôa ! não devia fazer outra cousa.

— Se ella gostasse de mim !... mas porque me não deu um só signal de ternura?... Também eu, ás vezes tão adiantado, fui d'esta um tolo, um basbaque ! tremi diante de uma criança que não tem quize annos, e não soube dizer duas palavras.

— Estás doudo, Augusto, e doudo varrido ; acredita que D. Carolina foi mais sensivel aos teus cumprimentos que aos de nenhum outro ; e senão, dize porque se não deixou ella dormir, como as outras senhoras, e foi á hora de tua partida passear pela praia, e ver-te embarcar ?.. porque ficou alli passeando até desaparecer o teu batelão ?

— Isso não significa nada.

— Ora ature-se um namorado !... mas venha cá, Sr. Augusto ; então como é isto ?... estamos realmente apaixonado ?...

— Quem te disse semelhante asneira ?

— Ha tres dias que não fallas senão na irmã de Fellippe, e...

— Ora viva ! quero divertir-me... digo-te que a acho feia ; não é lá essas cousas ; parece ter máo genio. Realmente notei-lhe muitos

defeitos... sim... mas às vezes... Olha, Leopoldo, quando ella falla, ou mesmo quando está calada, ainda melhor; quando ella dança, ou mesmo quando está sentada... ah! ella rindo-se... e até mesmo séria..., quando ella canta ou toca, ou brinca ou corre, com os cabellos à *négligé*, ou divididos em bellas tranças; quando... Para que dizer mais?... Sempre, Leopoldo, sempre ella é bella, formosa, encantadora, angelica! !

—Então que historia é essa?... Acabas divinizando a mesma pessoa que, principiando, chamastes feia?...

— Pois eu disse que ella era feia? É verdade que eu... no principio... mas depois... Ora! estou com dôres de cabeça: este maldito Velpeau!.. Que lição temos amanhã?

— Tratar-se-ha das apresentações de...

— Temos massada? Quem te perguntou por isso agora? Fallemos de D. Carolina, do baile, do...

— Eis ahi outra! Não acabastes de perguntar-me qual era a lição de amanhã?...

— Eu?... Póde ser... Esta minha cabeça!...

— Não é a tua cabeça, Augusto; é o teu coração.

Houve então um momento de silencio: Au-

gusto abriu um livro, e fechou-o logo depois tomou rapé, passeou pelo quarto duas ou três vezes, e finalmente veio de novo sentar-se junto de Leopoldo.

— É verdade, ( disse ) não é a minha cabeça; a causa está no coração. Leopoldo, tenho tido pejo de te confessar; porém não posso mais esconder estes sentimentos, que eu penso que são segredos, e que todo o mundo m'os lê nos olhos! Leopoldo, aquella menina que aborreci no primeiro instante, que julguei insupportavel, e logo depois espirituosa, que d'ahi a algumas horas comecei a achar bonita, no curto tracto de um dia, ou melhor ainda em alguns minutos de uma scena de amor e piedade, em que a vi de joelhos banhando os pés de sua ama, plantou no meu coração um dominio forte, um sentimento filho da admiração talvez; mas sentimento que é novo para mim, que não sei como o chame; porque o amor é um nome muito frio, para que o pudesse exprimir!... Eu já me não conheço... não sei onde irá isto parar... Eu amo! ardo! morro!

— Modera-te. Augusto; acalma-te; não é graça; olha que estás vermelho como um pimentão.

— Oh! tudo n'aquella ilha fatal se assanhou para enfeitiçar-me! tudo! até a propria mentira!

— E tu acreditastes muito n'essa senhora?...

— Escuta, Leopoldo: uma vez que com a avó de Fellippe conversava na gruta, eu fatigado e sequioso, bebi um cópo d'agua da fonte do rochedo: então a nossa bôa hospeda contou-me uma fabulosa e singular tradição d'aquella fonte. A agua dizia-se milagrosa, e quem bebesse d'ella não sahiria da ilha sem amar algum de seus habitantes: eis aqui pois uma mentira! mas uma mentira que excitou minha imaginação; uma mentira que me perseguiu lá dous dias, e que me persegue ainda hoje; uma mentira enfim que se transformou em verdade; porque eu bebi d'aquella agua e não pude deixar a ilha sem amar, e muito, um de seus habitantes?...

— Devéras que isso não deixa de ser interessante! Mas que effeito esperas tu que prove-nha de toda essa moxinifada?...

— Que effeito?... O... amor.

— Amor?!... Amor não é effeito nem causa, nem principio nem fim, e é tudo isso ao mesmo tempo! é uma cousa que... sim... finalmente, para encurtar razões, amor é o diabo. Dize-me pois, sinceramente fallando, qual o resultado que pensas tirar de tudo isto que me contaste.

— Que resultado?... O... amor.

— E elle a dar-me com o maldito amor ! Augusto, fallemos sério ; essa tua exaltação estava muito em ordem n'um moço que quizesse desposar D. Carolina ; porém tu nem cuidas em casamento, nem, se em tal pensasses, te lembrarias, roceiro como és, de escolher para mulher uma menina que foi criada, educada, e pôde-se dizer que mora na côrte.

— Esta agora não é má !... Devéras que ainda me não passou pela mente a idéa do casamento, nem chegará a tal ponto minha loucura ; mas supponhamos o contrario d'isso, que mal tu achas em que um roceiro se case com uma moça da cidade ?...

— Que mal ?... Ora escuta : devendo ir morrer na roça, a moça tem necessariamente de mudar de costumes e de vida ; comprehende pois quanto atormentará o coração do pobre marido a vista dos dissabores e contrariedades que soffrerá na solidão e monotonia campestre a senhora amamentada no seio dos prazeres e festins da côrte ; quanto devem entristecer os suspiros e saudades de que será testemunha quando a amada companheira recordar-se de sua familia, de suas amigas, do theatro, do passeio, d'essa cadeia de delicias emfim que, apesar d'ella, a ligará ainda a seu passado.

— Oh ! não, não Leopoldo, se o marido fór amado por ella ! Quando se ama devéras, e se está com o objecto do amor, não se recorda, não se deseja, não se quer mais nada !...

— Tu fallas em amor, Augusto ?... Ainda bem que somos ambos estudantes da roça, e posso dizer-te agora o que entendo, sem mêdo de offender a susceptibilidade de cortezão algum. Pois ainda não observaste que o verdadeiro amor não se dá muito com os ares da cidade ?... que, por natureza e habito, as nossas roceiras são mais constantes que as cidadôas ?... Olha, aqui encontramos nas moças mais espirito, mais jovialidade, graça e prendas; porém n'ellas não acharemos nem mais belleza nem tanta constancia. Estudemos as duas vidas. A moça da côrte cresce e vive commovida sempre por sensações novas e brilhantes, por objectos que se multiplicão e se renovão a tódo momento por prazeres e distrações que se precipitão : ainda contra vontade, tudo a obriga a ser voluvel : se chega à janella em um instante só, que variedade de sensações ! seus olhos tem de saltar da carruagem para o cavalleiro, da senhora que passa para o menino que brinca ; do sequito do casamento para o acompanhamento do enterro !

Sua alma tem de sentir ao mesmo tempo o grito de dôr, e a risada de prazer; os lamentos os brados de alegria, e o ruido do povo: depois tem o baile com sua atmosphaera de lisonjas e mentiras, onde ella se acostuma a fingir o que não sente, a ouvir phrases de amor a todas as horas, a mudar de galanteador em cada contradança: depois tem o theatro, onde cem oculos fitos em seu rosto parecem estar dizendo — és bella! — e assim enchendo-a de orgulho, e muitas vezes de vaidade, finalmente, ella se faz por força e por costume tão inconstante como a sociedade em que vive, tão mudavel como a moda dos vestidos. Quereis agora ver o que se passa com a moça da roça?...

Alli está ella na solidão de seus campos talvez menos alegre, porém certamente mais livre: sua alma é todos os dias tocada dos mesmos objectos; ao romper d'alva, é sempre e só a aurora que bruxolêa no horisonte; durante o dia, são sempre os mesmos prados, os mesmos bosques e arvores: de tarde, sempre o mesmo gado que se vem recolhendo ao curral; á noite, sempre a mesma lua que pratêa seus raios na lisa superficie do lago! Assim ella se acostuma a ver e amar um unico objecto; seu espirito quando concebe uma idéa, não a deixa

mais, abraça-a, anima-a, vive eterno com ella ; sua alma, quando chega a amar, é para nunca mais esquecer é para viver e morrer por aquelle que ama, Isto é assim Augusto ; considera que é lá em nossos campos que mais brilhão esses sentimentos, que são a mesma vida, e que não pôdem acabar senão com ella !.

— Como estás exagerado Leopoldo ! juraria que desejas casar com alguma moça da roça !

— Oh !... se esse desejo me dominar, certamente que o satisfarei com uma das muitas cachopinhas da minha terra.

— Eu logo vi que nos teus raciocinios e observações andava o genio da prevenção ; escuso-me porém de responder-te, poisque falaste em geral, e d'esse modo concedes....

— Que ha muitas excepções, sem duvida.

— Bom ! quando não, tu me forçarias a tomar a palavra para defender a linda Moreninha que tanto me captiva.

— Então, Augusto, teremos por ventura um romance ?

— Que romance ?

— Perderás a aposta e ao completar-se o mez..

— D'aqui até lá.... se eu pudesse esquece-la !.. mas aquella menina não é como as outras ; é uma tentação... um diabinho...

— Quando pois começas a escrever ?

— Estás tolo ? ( respondeu Augusto, tomando por um momento seu antigo bom humor ) eu ainda pretendo n'estes quinze dias mudar de amor tres vezes.

Basta porém de estudantes : já temos ouvido bastante o nosso Augusto, e demorar-nos mais tempo em seu gabinete fôra querer escutar ainda as mesmas cousas ; porque o tal mocinho, que quer campar de beijaflor, parece que cahiu no visco dos olhos e graças da joven belleza da ilha de..., e está sinceramente enamorado d'ella : ora todos sabem que os amantes têm um prazer indisivel em matraquear os ouvidos dos que os attendem com uma historia muito comprida e mil vezes repetida, que, reduzindo-se á expressão mais simples, ficaria em zero, ou, quando muito nos seguintes termos : « eu olhei e ella olhou ; eu lhe disse, ella me disse — pôde ser, não pôde ser » : deixemos portanto o senhor Augusto entregue a seus cuidados de moço : e tanto mais que já conhecemos o estado em que se acha. Vamos agora entrar no coraçãozinho de um ente bem amavel, que não tem, como aquelle, uma pessoa a quem confie suas penas, e por isso soffre talvez mais. Faremos uma visita á nossa linda Moreninha.

Tambem suas modificações tem apparecido no character de D. Carolina, depois dos festejos de Sant'Anna. Antes d'elles, era essa interessante juvenzinha o prazer da ilha de... irreconciliavel inimiga da tristeza, ella ignorava o que era estar melancolica dez minutos, e praticava o despotismo de não consentir que alguém o estivesse : junto d'ella, por força ou vontade, tudo tinha de respirar alegria ; sabia tirar partido de todas as circumstancias para fazer rir ; e bóa, affavel e carinhosa para com todos, amoldava os corações á sua vontade : o idolo, o delirio de quantos a praticávão, era ella a vida d'aquelle lugar, e empunhava com suas graças o sceptro do prazer. Hoje suas maneiras são outras : e emquanto suas musicas se empoeirão, seu piano passa dias inteiros fechado, suas bonécas não mudão de vestido : ella vaga solitaria pela praia, perdendo seus bellos olhares na vastidão do mar, ou, sentada no banco de relva da gruta, descansa a cabeça em sua mão, e pensa... em que ?... quaes serão os solitarios pensamentos de uma menina de menos de quinze annos?... E ás vezes suspira... um suspiro?... Eis o que é já um pouco explicativo.

Assim como o grito tem o êcho, a flôr o arôma e a dôr o gemido, tem o amor o suspiro :

ah! o amor é um demoninho, que não pede para entrar no coração da gente, e, hospede quasi sempre importuno, por peor tracto que se lhe dê, não desconfia, não se despede, vai-se collocando e deixando ficar, sem vergonha nenhuma, faz-se dono da casa alheia, toma conta de todas as acções, leva seu dominio muito cedo aos olhos, e ás vezes dá taes saltos no coração, que chega a ir encarapitar-se no juizo; e então, adeos minhas encommendas!

Pois muito bem; parece que a tal tentação anda fazendo peloticas no peito da nossa cara menina: tambem não ha molestia de mais facil diagnostico. Uma mocinha que não tem cuidados, com quem a mamãi não é impertinente, que não sabe dizer onde lhe dóe, que não quer que se chame medico, que suspira sem ter flatos, que não vê o que olha, que acha todo o guisado mal temperado, é porque já ama; portanto D. Carolina amá: mas a quem?!...

Ah! Sr. Augusto! Sr. Augusto! a culpa é toda sua, sem duvida. Esta bella menina, acostumada desde as faxas a exercer um poder absoluto sobre todos os que a cercão, não pôde ouvir o estudante vangloriar-se de não ter encontrado ainda uma mulher que o captivas-se devéras, sem sentir o mais vivo desejo de

reduzil-o a obediente escravo de seus caprichos: ella poz então em acção todo o poder de suas graças; ideou mesmo um plano de ataque; estudou a natureza e os fracos do inimigo; observou; bateu-se: o combate foi fatal a ambos talvez; e no fim d'elle a orgulhosa guerreira apalpou o seu coração, e sentiu que n'elle havia pêntrado um dardo; consultou a sua consciencia, e ouviu que ella respondia — se venceste, tambem estás vencida.

Com effeito D. Carolina ama o feliz estudante; e uma mistura de saudades e de temôr da inconstancia do seu amado é provavelmente a causa de sua tristeza: ajunte-se a isto a novidade e os cuidados de um amor nascente e primeiro, o incommodo de um sentimento novo, inexplicavel, que lhe enchia o innocente coração, e ver-se-ha que ella tem suas razões para andar melancolica.

E portanto toda a familia está assaltada do mesmo mal: ha na ilha uma epidemia de mão humôr, que tem chegado a todos, desde a Sra. D. Anna até a ultima escrava. Além de quanto se acaba de expôr, accresce que Fellippe se deixou ficar na cidade a semana inteira, sem querer dispensar uma só tarde para vir visitar sua querida avó, e a tão bonita maninha.

Eis porém o que se chama accusação injusta! diz o ditado que — fallai no máo, apromptai o páo — : Fellippe estava esperando pelo dia de sabbado para aproveitar o domingo todo no seio de sua familia : eil-o ahi, que recebe a benção de sua avó, e beija a fronte de sua irmã.

— Pensei ( disse aquella ) que não querias mais vêr-nos !

— E quasi que deixei a viagem para amanhã, minha bôa avó.

— O ingrato ainda o diz ; ouves, Carolina ?.. Então porque ?...

— Para vir na companhia de Augusto, que deve passar o dia com nosco.

Estas palavras tivêrão poder electrico : D. Carolina, para occultar a perturbação que a agitava, correu a esconder-se em seu quarto.

Lá.... bem às escondidas.... ella derramou uma lagrima : doce lagrima... era de prazer.



## XX.

### Primeiro domingo : elle marca.

---

Augusto madrugou, e muito : quando a auro-  
ra começou a apparecer, já elle havia vencido  
meia viagem, e seu desejo era ir acordar na  
ilha de... uma pessoa que tinha o máo costume  
de dormir até alto dia ; porisso instava com os  
remeiros para que forcejassem, e em quanto  
seu batelão se deslisava pelas aguas, rapido  
como uma flecha pelos ares, elle o accusava de  
pesado e vagaroso : tinha ha muito descoberto  
a ilha de... ; os objectos fôrão pouco a pouco  
se tornando mais e mais distinctos : viu a casa,  
viu o rochedo em que outr'ora a Tamoya deve-  
ria ter cantado seus amôres, e de sobre o qual  
cantára a oito dias D. Carolina a sua balada ;  
depois distinguui sobre esse rochedo negro um  
ponto, um objecto branco, que foi crescendo,  
sempre crescendo, que emfim lhe pareceu uma  
figura de mulher, que ostentava a alvura de  
seus vestidos : depois, elle tinha desviado um

pouco os olhos; quando os voltou de novo para o rochedo, a figura branca havia desaparecido como um sonho.

Emfim o batelão abordou a ilha de...; Augusto correu à casa, de que tantas saudades soffrêra: todos já se tinham levantado; ninguém dormia ainda, D. Carolina estava vestida de branco.

— Eu lhe agradeço bem, Sr. Augusto (disse a Sra. D. Anna, depois dos primeiros cumprimentos) eu lhe agradeço sua bôa visita: nós temos passado oito dias de nôjo; e foi preciso que Fellippe nos troucesse a noticia de sua vinda para reviver nossa antiga alegria: Carolina, por exemplo, desde hontem à noite já tem estado soffrivelmente travêssa.

— Eu minha avó, sempre tive fama de desinquieta e prazenteira; e se hontem me adiantei, foi porque chegou-me um companheiro para traquinar comigo.

— Não o negues menina: tens estado melancolica e abatida toda esta semana: erão saudades da agradavel companhia que tivemos. Que erão saudades conheci eu pelos suspiros que soltavas: e tambem não vai mal nenhum em confessional-o.

D. Carolina voltou o rosto: Augusto arregala-

lou os olhos, e sentiu que a ventura lhe inundava o coração.

—O mesmo por lá nos succedeu; ( disse Fellippe, tomando a palavra ) estivemos todos carrancudos; e, seja dito em amor da verdade, Augusto, mais do que nenhum outro gostou de nosso trato e nossa companhia; realmente foi elle o que mostrou soffrer maiores saudades.

— É verdade, Sr. Augusto ? ( perguntou a bôa hospeda. )

— Minha senhora, a visita que vim ter o gosto de fazer é a melhor resposta que lhe posso dar.

D. Carolina tinha os olhos em um livro de musica; mas seus ouvidos e sua attenção pendião dos labios de Augusto: ouvindo as ultimas palavras do estudante, ella se sorriu brandamente.

— De que estás rindo, Carolina ? ( perguntou Fellippe ).

— De um engraçado pedacinho da cavatina do Figaro no Barbeiro de Sevilha.

Então ella examinou o livro e viu que havia mentido, porque o que tinha diante de seus olhos era uma colleccão de modinhas do Laforge.

Duas horas depois serviu-se o almoço. Mas durante essas duas horas, que se passarão muito depressa, Augusto teve de agradecer as obsequiosas atenções da avó de Fellippe, que dizia ter por elle notavel predilecção; e tambem de reparar com esmero e minuciosidade no objecto de seus recentes cultos. Em resultado de suas observações, concluiu que D. Carolina estava bonita como d'antes, porém mais languida; que ás vezes reparava suas indiscrições, e que outras, quando mais parecia occupar-se com seus alegres trabalhos, olhava-o a furto, com uma certa expressão de receio, pejo e ardor, que a embellecia ainda mais.

Durante o almoço, a conversação divagou sobre innumerous objectos: finalmente teve de ir bulir com um pobre lencinho que estava na mão de D. Carolina, e que, se ahi não estivesse passaria desapercibido.

— Eu julgo que elle está trabalhosa e perfeitamente marcado ( disse Augusto. )

— É ir muito longe: ( respondeu a menina ) ahi o tem, observe-o de perto: repare que barafunda vai por aqui.

— Ora eu acho tudo o melhor possivel: ao muito, poder-se-hia dizer que este X foi marcado por mão de moça travêssa.

— Quer dizer que foi pela minha; adivinhou.

— Tem uma bella prenda, minha senhora,

— Que é muito commum.

— E nem por isso merece menos.

— Eu não entendo assim ; aprecio bem pouco o que todo o mundo pôde ter. Quem não sabe marcar ?

— Eu, minha senhora.

— É porque não quer.

— É porque não posso : eu não me poderia haver com uma agulha na mão.

— Um dia de paciencia lhe seria sufficiente.

— Querem ver ( acudiu Fellippe, que minha maninha reduz Augusto a aprender a marcar !

— Então seria isso alguma asneira ?

— Não, por certo ; maninha pôde mesmo dar-te algumas lições.

— Nada, ( respondeu a menina ) sou muito raivosa, e a primeira linha que elle rebentasse, eu o chamaria a bôlos.

— Se é uma condição que offerece, eu a acceito, minha senhora ; ensine-me com palmatoria.

— Veja o que diz !

— Repito-o.

— Pois bem ; palmatoria não, porque emfim podia doer-lhe muito ; mas, de cada vez que

eu julgar necessario, dar-lhe-hei um puxão de orêlha.

— Menina! ( disse a Sra. D. Anna. )

— Mas minha avó, eu não estou pedindo a elle que venha aprender comigo.

— Porém pôdes ensinar-lhe com bons modos.

— É o que pretendo fazer.

— Elle ha de aproveitar muito.

— Terá os meus elogios.

— E se por acaso errar alguma vez...

— Levará um puxão de orêlha.

— Se me é permittido, ( disse Augusto ) acceito as condições.

— Pois bem ; ( respondeu D. Carolina ) está o senhor matriculado na minha aula de marcar, e d'aqui a uma hora principiaremos a nossa lição.

— E então elle não passeia comigo? ( perguntou Fellippe. )

— Depois da lição ; ( respondeu a mestra, fazendo-se de grave ) antes não lhe dou licença.

Levantarão-se da mesa : algum tempo foi destinado a descansar ; Fellippe desafiou Augusto para uma partida de gamão, e em continente fôrão travar combate na varanda : Fellippe derrotou seu competidor em tres jôgos consecutivos ; estavam no começo do quarto, e tocou

na sala uma campainha : os dous estudantes não dêrão attenção a isso, e continuarão : o jôgo tornou-se duvidoso ; qualquer dos dous podia dar ou levar gamão ; Augusto acabava de lançar uns dous e az, que desconcertarão seu antagonista, quando D. Carolina appareceu, e dirigindo-se ao seu discipulo, disse com engraçada seriedade :

— O senhor não ouviu tocar a campainha ?

— Então isso era comigo ?

— Sim, senhor ; são horas de lição e espero que para outra vez não me seja preciso chamal-o.

— Aceito a admoestação, minha bella mestra ; mas rogo-lhe o obsequio de consentir que termine esta partida.

— Não, senhor.

— É uma mão de honra !

— Peor está essa !

— Ora é bôa ! (acudiu Fellippe ) então quer vossê.

— Não tenho a dizer-lhes o que quero, nem o que não quero ; são horas da lição, vamos.

— É preciso obedecer (concluiu Augusto, levantando-se ).

D'ahi a pouco estava tudo em via de regra :

Augusto, sentado em uma banquinha aos pés de sua bella mestra, escutava, com os olhos fitos no rosto d'ella, as explicações necessarias: às vezes D. Carolina não podia conservar imperturbavel sua affectada gravidade, e então os sorrisos da bella mestra e do aprendiz graciosamente se trocavão : ella se mostrava mais pacifica, e elle menos attento do que havião promettido ; porque era já pela quarta vez que a bella mestra recommençava suas explicações, e o aprendiz cada vez a entendia menos.

Fellippe appareceu na sala prompto para ir caçar, e convidou o seu amigo para com elle partilhar do mesmo prazer : todo o mundo adivinha que Augusto disse que não : elle poderia responder que não queria caçar, porque estava pescando ; mas contentou-se com dizer :

— Minha bella mestra não dá licença.

— Tome cuidado no modo de pegar n'essa agulha !... ( gritou ella com máo modo, e sem se importar com Fellippe. )

— Está bem ; ( disse este, sahindo ) eu não os posso aturar.

E depois acrescentou, sorrindo-se :

— Fique-se ahi, Sr Alcides, aos pés de sua bella Omphale !

—Ouvii o que elle disse? (perguntou Augusto.)

— Já lhe tenho repetido tres vezes que não é assim que se pega na agulha.

— Ora, minha senhora.

— Ora, minha senhora ! ora, minha senhora ! eu não sou sua senhora ; sou sua mestra.

— Minha bella mestra !

— Digo-lhe que já me vai faltando a paciencia : o senhor não attenta no que faz ; já tem quatro vezes rebentado a linha, e é a decima segunda que lhe cahe o dedal.

— Não se exaspere, minha bella mestra ; eu o vou apanhar, e não calirá mais nunca.

Augusto curvou-se, e ficou quasi de joelhos diante de D. Carolina : ora o dedal estava bem junto dos pés d'ella, e o aprendiz, ao apanhal-o, tocou, ninguem sabe se de proposito, com seus dedos em um d'aquelles delicados pészinhos : esse contacto fez mal ; a menina estremeceu toda, Augusto olhou-a admirado : os olhos de ambos se encontrarão, e os olhos de ambos tinham fôgo. Um momento se passou: o socego se restabeleceu.

— Já não posso mais ! (exclamou a bella mestra ) rebentou o senhor pela quinta vez a

linha ; não dá um ponto que preste ; não ha outro remedio . . . .

E dizendo isto, lançou uma das mãos á orêlha do aprendiz, que de subito deu um grito, e acudiu com as suas : ora, essas mãos se encontrarão, debaterão-se, e n'esse ensejo os dedos da bella mestra fôrão docemente apertados pela mão do aprendiz : novo fogo de olhares ! Que aproveitavel lição ! . .

— Menina, tenha modo : o Sr. Augusto não é criança ( exclamou a Sra. D. Anna, que a dez passos cosia, e que só podia ver a exterioridade do que se passava entre a bella mestra e o aprendiz ).

A lição se prolongou até o meio dia, e mais de mil vezes se repetiu a mesma scena do encontro das mãos : D. Carolina não conseguiu puxar uma só vez a orêlha do estudante, e o aprendiz não perdeu uma só occasião de apertar os dedos da bella mestra. Augusto se comprometteu a apresentar na primeira lição um nome marcado pela sua mão. Tudo foi ás mil maravilhas.

O resto do dia se passou como se havia passado o seu principio para Augusto e D. Carolina.

Elles não se chamarão mais por seus nomes





propios ; amor, lhes tinha ensinado outros :  
erão : « meu aprendiz, e minha bella mestra. »

A madrugada seguinte foi triste, porque  
presidiu ás despedidas do aprendiz e sua bella  
mestra ; mas, ainda assim, foi bem doce, por-  
que ambos meigamente se dicerão :

Até domingo !



## **XXI.**

### **Segundo domingo : brincando com bonéas.**

---

Raiou o bello dia, que seguiu a sete outros, passados entre sonhos, saudades, e esperanças. Augusto está viajando: já não é mais aquelle mancebo cheio de duvidas e temôres da semana passada; é um amante que acredita ser amado e que vai, radiante de esperanças, levar á sua bella mestra a lição de marca que lhe foi passada. O prognostico de D. Carolina na gruta encantada se vai verificando; Augusto está completamente esquecido da aposta que fez, e do camafeu que outr'ora deu á sua mulher: um bonito rosto moreninho fez olvidar todos esses episodios da vida do estudante: D. Carolina triumpho, e seu orgulho de despota-zinha de quantos corações conhece deveria estar altaneiro, se ella não amasse tambem.

Como da primeira vez, Augusto vê o dia amanhecer-lhe no mar; e, como na passada viagem, avista sobre o rochedo o objecto bran-

co, que vai crescendo mais e mais, á medida que seu batelão se aproxima, até que distinctamente conhece n'elle a elegante figura de uma mulher, bella por força: mas d'esta vez, não como da outra, essa figura se demora sobre o rochedo, não desaparece como um sonho, é uma bonita realidade, é D. Carolina, que só desce d'elle para ir receber o feliz estudante, que acaba de desembarcar.

— Minha bella mestra !...

— Meu aprendiz ! já sei que traz o nome bem marcado.

— Oh ! sempre precisarei que me queira puxar as orêlhas.

— Não, eu não farei tal na lição de hoje.

— E se eu merecer ?

— Talvez.

— Então errarei toda a lição.

Elles se sorrirão ; mas Fellippe acaba de chegar, e todos tres vão pela avenida se dirigindo á casa.

Ter a ventura de receber o braço de uma moça bonita e a quem se ana ; apreciar sobre si o doce contacto de uma bem torneada mão, que tantas noites se tem sonhado beijar ; roçar ás vezes com o cotovêlo um lugar sagrado, voluptuoso, e palpitante ; sentir sobre sua face

o perfumado bafo que se esvaiu d'entre os labios virginaes e nacarados, cujo sorrir se considera um favôr do Céu : o apanhar o leque que escapa da mão que estremeceu: tudo isso... mas para que divagações? que mancebo ha ahi, de dezeseis annos por diante, que não tenha experimentado esses doces enleios, tão leves para a reflexão, e tão graves e apreciaveis para a imaginação de quem ama! Pois bem: Augusto os está gozando n este momento : mas, porque só a elle é isto de grande entidade, e convêm dizer apenas o que absolutamente se faz preciso, pôde-se sem inconveniente abreviar toda a historia de duas boas horas dizendo-se — : Almoçárão. E chegou a hora da lição.

— Vamos ( disse D. Carolina a Augusto, que estava já assentado a seus pès e em sua banquinha ) vamos, meu aprendiz ; o senhor comprometteu-se á trazer-me um nome marcado pela sua mão : que nome marcou ?

— Entendi que devia ser o nome da minha bella mestra.

Ella não esperava outra resposta.

— Vamos pois ver a sua obra, ( continuou ) e creia que estou pouco disposta a perdoar-lhe, como fiz na lição passada. Venha a marca.

Augusto apresentou então um finissimo lenço

aos olhos da sua bella mestra, que teve de lér em cada angulo d'elle o nome « Carolina », e no centro o distico « minha bella mestra » : tudo estava primorosamente trabalhado; preciso é confessar, o aprendiz havia marcado melhor do que nunca o tivéra feito D. Carolina.

Augusto esperava com anciedade ver brilhar nos olhos de sua bonita querida o prazer da gratidão ; fruia já de antemão o terno agradecimento com que contava, quando viu com espanto que sua bella mestra ia gradualmente corando, e por fim se fez vermelha de colera e de despeito.

— Nunca a mão grosseira de um homem poderia marcar assim ! (disse ella a custo).

— Mas, minha bella mestra...

— Eu quero saber quem foi ! (exclamou com força).

— Eu não entendo...

— Foi uma mulher ! isso não carece que me diga ; uma moça que lhe marcou este lenço para o senhor vir zombar, e rir-se de mim, de minha credulidade, de tudo !

— Minha senhora...

— Vejão : já nem me quer chamar sua mestra !... agora só sabe dizer « minha senhora !... »

A interessante joven acabava de ser inespe-

radamente assaltada de um accesso de ciume : Augusto estava espantado ; e a Sra. D. Anna levantando os olhos ao escutar a ultima exclamação de sua neta, viu-a correndo para ella.

— Que é isto, menina ? (perguntou).

— Veja, minha querida avó ; aqui está a marca que elle me traz ! Eu queria um nome muito mal feito, uma barafunda que se não entendesse, o panno suado e feio, tudo máo, tudo pessimo : eu me riria com elle ; sabe porém o que fez ? foi para a côrte tomar outra mestra, que não ha de ter a minha paciencia, nem o meu prazer ; mas que marca melhor que eu, que é mais bonita !... veja, minha querida avó ; elle tem outra mestra, outra bella mestra !

E dizendo isto, occultou o rosto no seio da extremosa senhora, e começou a soluçar.

— Que loucura é essa, menina ? que tem que elle tomasse outra mestra ? pois por isso choras assim ?

Mas nem me quer dizer o nome d'ella !... Que me importa que seja moça ou bonita ? nada tenho com isso ; porém quero saber-lhe o nome, só o nome !

Então ella ergueu-se, e com os olhos ainda molhados, com a voz entrecortada, mas com

toda a belleza da dôr e delirio do ciume, voltou-se para Augusto e perguntou :

— Como se chama ella ?

— Juro que não sei.

— Não sabe ?

— Quiz trazer um lenço bem marcado para ostentar meus progressos, e motivar alguns gracejos, e mandei-o encomendar a uma senhora muito idosa que vive d'estes trabalhos.

— Muito idosa ?.

— É verdade.

— Não lhe derão este lenço ?

— Paguei-o.

— Pois eu rasgo.

— Póde-o fazer.

— Eil-o em tiras.

— Que fazes, Carolina ? ( exclamou a senhora D. Anna, querendo, já tarde, impedir que sua neta rasgasse o lenço ).

— Fez o que cumpria, minha senhora, ( acudiu Augusto ) exterminou o máo genio que acabava de fazer-lhe chorar.

— E que importa que eu rasgasse um lenço ?.....Minha querida avó, peço-lhe licença para dar um dos meus ao Sr. Augusto.

A Sra. D. Anna, que começava a desconfiar da natureza dos sentimentos da mestra e do

aprendiz, julgou a proposito não dar resposta alguma ; mas nem isso desnor-teou a viva mo-cinha, que, tirando de sua cesta de costura um lenço recentemente por ella marcado, o offereceu a Augusto, dizendo :

—Eu não admitto uma só desculpa, não desejo ver a menor hesitação, quero que aceite este lenço.

Augusto olhou para a Sra. D. Anna, como para ler-lhe n'alma o que ella pensava d'aquillo.

— Pois rejeita um presente de minha neta ?  
( perguntou a amante avó. )

A resposta de Augusto foi um beijo na prenda de amor.

—Agora, que já estamos bem, ( disse elle ) vamos á minha lição.

—Não, não : ( respondeu a bella mestra ) basta de marcar ; não me sahi bem do magisterio : chorei diante do meu aprendiz : não fallemos mais n'isto.

—Então fui julgado incapaz de adiantamento ?

— Ao contrario, pelo trabalho que me trouxe, vi que o senhor estava adiantado de mais : porém sou eu quem tem outros cuidados.

— Já tem cuidados ?.

— Quem é que d'elles não carece ?... O pai

de familia tem os filhos, o senhor os seus livros, e eu, que sou criança, tenho as minhas bonécas : quer vê-las ?

— Com o maior prazer.

Um momento depois a sala estava invalidada por uma enorme quantidade de bonécas, cada uma das quaes tinha seus parentes, seus vestidos, joias, e um numero extraordinario de bugiarias, como qualquer moça da moda as tem no seu toucador.

Ora, o tal bichinho chamado amor é capaz de amoldar seus escolhidos a todas as circumstancias, e de obrigar-os a fazer quanta parvoice ha n'este mundo. O amor faz o velho criança, o sabio doudo, o rei humilde captivo ; faz mesmo ás vezes com que o feio pareça bonito, e o grão de arêia um gigante : o amor seria capaz de obrigar a um côxo a brincar o *tempo será*, a um surdo o *companheiro companhão*, e a um cêgo o *procura quem te deu* ; o amor foi o inventor das cabelleiras, dos dentes postiços que... Mas, alto lá, que isto é bolir com muita gente : emfim, o amor está fazendo um estudante do quinto anno de medicina passar um dia inteiro brincando com bonécas.

Com effeito, Augusto já sabe de cór e salteados todos os nomes dos membros d'aquella

familia; conhece os diversos grãos de parentesco que existem entre elles; acalenta as bonéas pequenas, despe umas e veste outras, conversa com todas, examina o guarda-roupa, baptisa, casa; em uma palavra, dobra-se aos prazeres de sua bella mestra, como uma varinha ao vento.

No entanto a Sra. D. Anna os observa cuidadosa; tem sympathizado muito com Augusto, mas nem por isso quer entregar todo o futuro do objecto que mais ama no mundo ao só abrigo do nobre character e sérias qualidades que tem reconhecido no mancebo.

Como de costume, a tarde teve de ser empregada em passeios à borda do mar e pelo jardim. O maior inimigo de amor é a civilidade; Augusto o sentio tendo de offerecer seu braço à Sra. D. Anna: mas esta lhe fez cahir a sôpa no mel, rogando-lhe que o reservasse para sua neta.

Fellippe acompanhava sua mãe, e na viva conversação que entretinhão, o nome de Augusto foi mil vezes pronunciado.

Uma vez Augusto e Carolina, que ião adiante, ficarão muito distantes do par que os seguia.

A mão da bella Moreninha tremia convulsamente no braço de Augusto, e este apertava às vezes contra seu peito, e como involuntariamen-

te, essa delicada mão ; alguns suspiros vinhão também perturbal-os mais, e a dez minutos elles se não tinham dito uma palavra.

Em uma das ruas do jardim, duas rolinhas mariscavão ; mas, ao sentir passos voárão, e, assentando-se não longe em um arbusto, começaram a beijar-se com ternura ; e esta scena se passava aos olhos de Augusto e Carolina.

Igual pensamento talvez brilhou em ambas aquellas almas ; porque os olhares da menina e do moço se encontrárão ao mesmo tempo, e os olhos da virgem modestamente se abaixárão, e em suas faces se accendeu um fogo, que era o do pejo. E o mancebo apontando para as pombas, disse :

— Ellas se amão !

E a menina murmurou apenas :

— São felizes !

— Pois acredita que em amor possa haver felicidade ?

— Às vezes.

— Acaso já tem a senhora amado ?

— Eu ? !... e o senhor ?...

— Comecei a amar ha poucos dias.

A virgem guardou silencio ; e o mancebo, depois de alguns instantes perguntou tremendo :

— E a senhora já ama também ?

Novo silencio : ella pareceu não ouvir, mas suspirou : elle fallou menos baixo :

— Já ama também ?...

Ella abaixou ainda mais os olhos, e com voz quasi extincta, disse :

— Não sei... talvez.

— E a quem ?

— Eu não perguntei a quem o senhor amava.

— Quer que lh'ò diga ?...

— Eu não pergunto.

— Posso eu fazel-o ?

— Não... não lh'ò impeço.

— É a senhora.

D. Carolina fez-se còr de rosa, e só depois de alguns instantes pôde perguntar, forcejando um sorriso :

— Por quantos dias ?

— Oh !... para sempre !! (respondeu Augusto, apertando-lhe vivamente o braço, ) Depois ainda continuou :

— E a senhora... não me revela o nome feliz ?

— Eu não... não posso.

— Mas porque não pôde ?

— Porque não devo.

— E nunca o dirá ? !...

— Talvez um dia.

— E quando ?...

— Quando estiver certa que elle me não illude.

— Então... elle é voluvel ?...

— Ostenta sêl-o..

— Oh !... pelo Céu !... acabe de matar-me !.. basta o nome pronunciado bem em segredo, bem no meu ouvido, para que ninguem o possa ouvir, nem a brisa o leve... pelo Céu !..

— Senhor !.

— Um só nome que peço !.

— É impossível !... eu não posso !.

— Se eu perguntasse.

— Oh !... não !.

— Serei eu ?.

A virgem tremeu toda, e não pôde responder; Augusto lhe perguntou ainda com fogo e ternura :

— Serei eu ?.

A interessante Moreninha quiz fallar... não pôde; mas, sem o pensar, levou o braço do mancebo até o peito, e lhe fez sentir como o seu coração palpitava.

— Serei eu ?.... ( perguntou uma terceira vez Augusto com requintada ternura. )

A jovenzinha murmurou uma palavra, que

pareceu mais um gemido que uma resposta ;  
porém que fez trasbordar a gloria e enthusi-  
asmo na alma do seu amante : ella tinha dito  
sómente :

— Talvez,



## XXII.

### Mão tempo.

---

Tristes dias tem-se arrastado. Augusto está desesperado. Voltando da ilha de..., depois d'aquelle bello dia da declaração de amor, achou na côrte seu pai, e em poucos momentos teve de concluir, da severidade com que era tratado, que já alguém o havia prevenido das suas loucuras, e dos muitos pontos que ultimamente tinha dado nas aulas. A mais bem merecida reprehensão, e um discurso cheio de conselhos e admoestações veio por fim dar-lhe a certeza de que o seu bom velho estava sciente de tudo.

Para coroar a obra, contra o costume do maior numero dos nossos agricultores, que, quando vem á cidade, estão no caso do — fogo viste linguaça ? — e, ainda bem não pozerão os pés no Largo do Paço, já tem os olhos na Praia Grande, ( que por estes bons cincoenta annos ha de continuar a ser Praia Grande,

apezar de a terem chrisnado Nictheroy ) o pai de Augusto não fallava em voltar para a roça; e, a julgar-se pelo socego e vagar com que tratava os menos importantes negocios, parecia haver esquecido a moagem e a safra.

Chegou o sabbado. O nosso Augusto, depois de muitos rodeios e ceremonias, pediu finalmente licença para ir passar o dia de domingo na ilha de..., e obteve em respoota um — não — redondo : jurou que tinha dado sua palavra de honra de lá se achar n'esse dia; e o pai, para que o filho não cumprisse a palavra, nem faltasse á honra, julgou muito conveniente tranca-lo no seu quarto.

Mania antiga é essa de querer triumphar das paixões com fortes meios; erro palmar. principalmente no caso em que se acha o nosso estudante : amor é um menino doudinho e mal criado, que, quando alguém intenta refreal-o, chora, escarapela, esperneia, escabuja, morde, belisea, e incommoda mais que solto e livre; prudente é facilitar-lhe o que deseje, para que elle d'isso se desgoste; soltal-o no prado, para que não corra; limpar-lhe o caminho, para que não passe : acabar com as difficuldades e opposições, para que elle durma, e muitas vezes morra : amor é um anzol, que,

quando se engole, agadonha-se logo no coração da gente, d'onde, se não é com geito destravado, por mais força que se faça mais o maldito rasga, esburaca, e se profunda. Portanto muita industria deve ter quem o quer pôr na rua; e para conseguil-o convem ir despedindo-o com bons modos, parlamentares offercimentos, e nunca bater-lhe com a porta na câra; porém os homens, mal passão de certa idade, só se lembrão do seu tempo para gritar contra o actual, e esquecem completamente os ardores da mocidade. O resultado d'isto é o mesmo que tirará o pai de Augusto da energia e violencia com que procura apagar a paixão do filho.

Já era tarde. Augusto amava devéras e pela primeira vez em sua vida; e o amor, mais forte que seu espirito, exercia n'elle um poder absoluto e invencível. Ora não ha idéas mais livres que as do preso; e pois o nosso encarcerado estudante soltou as vélas da barquinha de sua alma, que voou atrevida por esse mar immenso da imaginação: então começou a crear mil sublimes quadros, e em todos elles lá apparecia a encantadora Moreninha, toda cheia de encantos e graças; viu-a com seu vestido branco esperando-o de cima do rochedo; viu-a

chorar por ver que elle não chegava, e suas lagrimas queimavão-lhe o coração : ouviu-a accusal-o de inconstante e ingrato : d'ahi a pouco pareceu-lhe que ella soluçava; escutou um grito de dôr semelhante a esse que soltára no primeiro dia que elle tinha passado na ilha ! Aqui foi o nosso estudante às nuvens, saltou exasperado fóra do leito em que se achava deitado, passeou a largos passos por seu quarto, accusou a crueldade dos pais, experimentou se podia arrombar a porta, fez mil planos de fuga, exbraveou, escabellou-se, e como nada d'isto lhe valesse atirou com todos os seus livros para baixo da cama, e deitou-se de novo jurando que não havia de estudar dous mezes. Carrancudo e teimoso, mandou voltar o almoço o jantar e a cêa, que lhe troucerão, sem tocar n'um só prato; e sentindo que seu pai abria a porta do quarto, sem duvida para vir consolal-o, e dar-lhe salutarees conselhos, voltou o rosto para a parêde, e principiou a roncar como um endemoninhado.

— Já dormes, Augusto ? ( perguntou o bom pai, abrindo as cortinas do leito. )

A unica resposta que obteve foi um ronco, que mais assemelhou-se a um trovão.

O experimentado velho fingiu ter-se deixado

enganar, e retirando-se trancou a porta ao pobre estudante.

Uma noite de amargor foi então a que se passou para este ; na solidão e silencio das trevas, a alma do homem que padece é, mais que nunca, toda de sua dôr ; concentra-se, mergulha-se inteira em seu soffrimento; não concebe, não pensa, não vêla, e não se exalta senão por elle. Isto aconteceu a Augusto; de modo que, ao abrir-se na manhã seguinte a porta do quarto, o pai veio encontral-o ainda acordado, com os olhos em fogo, e o rosto mais enrubiado que de ordinario.

Augusto quiz dar dous passos, e foi preciso que os braços paternaes o sustivessem para livral-o de cahir.

—Que fizeste, louco ? ( perguntou o pai cuidadoso. )

—Nada, meu pai ; passei uma noite em claro : mas, .. eu não soffro nada.

Oh ! elle queria dizer que soffria muito !

Immediatamente foi-se chamar um medico, que, contra o costume da classe, fez-se esperar pouco.

Augusto sugeitou-se com brandura ao exame necessario, e quando o medico lhe perguntou :

— O que sente ?

Elle respondeu, com toda fria segurança do homem determinado :

— Eu amo.

— E mais nada ?...

— Oh Sr. Doutor, julga isso pouco ?...

E além d'essas palavras, não quiz pronunciar mais uma unica sobre o seu estado. E comtudo elle estava em violenta exacerbação. O medico deu por terminada a sua visita : algumas applicações se fizerão, e um dos collegas de Augusto que o tinha vindo procurar, fez-lhe o que chamou uma bella sangria de braço,

A enfermidade de Augusto não cedeu porém com tanta facilidade, como a principio suppoz o medico : tres dias se passarão sem conseguir-se a mais insignificante melhora ; uma mudança apenas se operou : a exacerbação foi seguida de um abatimento e prostração de forças notavel ; sua paixão, que tambem se desenhava no ardor dos olhares, na viveza das expressões, e na audacia dos pensamentos tomou outro typo : Augusto tornou-se pallido, sombrio e melancolico : horas inteiras se passavão sem que uma só palavra fosse apenas murmurada por seus labios ; prolongadas insomnias erão marcadas minuto á minuto por

dolorosos gemidos, e seus olhos amortecidos como que obsequiavam a luz quando por acaso se entreabrião. Na visita do quarto dia o medico disse ao pai de Augusto :

— Não vamos bem.

Uma idéa terrivel appareceu então no pensamento do sensivel velho : — a possibilidade de morrer seu filho, a flôr de suas esperanças — ; e tal idéa derramou em seu coração todo esse fel, cujo amargôr só pôde sentir a alma de um pai : entrou apressado e tremulo no quarto do enfermo, e vendo-o prostrado no leito, como insensivel, como meio morto, exclamou com lagrimas nos olhos :

— Oh meu filho !... meu filho !... porque me queres matar ?...

Um brando favonio de vida passou pelo rosto de Augusto ; seus olhos se abrirão, um leve sorriso de gratidão lhe alisou os labios ; tambem duas lagrimas ficárão penduradas em suas palpebras, e elle, tomando e beijando a mão paterna, murmurou com voz sumida e terna :

— Meu pai... tão bom !...

Doces phrases, que retumbárão com mais doçura ainda no coração do velho !

— Querido louco !... ( disse elle ) tu me obrigas a fazer loucuras !

E sahiu do quarto, e logo depois de casa ; mas, voltando passadas algumas horas, entrou de novo na camara do doente, fez retirar todas as pessoas que ahi se achavão, e ficando-a sòs com elle, deu-lhe provavelmente algum elixir tão admiravel, que as melhoras começãrão a apparecer, como por encantamento, no mesmo instante. Que milagres não será capaz de fazer o amor dos pais !...

Novidades do mesmo genero perturbãvã a paz e os prazeres da ilha de... D. Carolina tambem padecia. Os nossos amantes acabãvã de chegar ao sentimental, e com seu sentimentalismo estavã azedando a vida dos que lhes querião bem. Os namorados são semelhantes às crianças : primeiro divertem-nos com suas momices, depois incommodão-nos choramingando.

A bella Moreninha tinha visto romper a aurora do domingo no rochedo da gruta, e tendo debalde esperado o seu estudante até alto dia, voltou para casa arrufada. No almoço não houve prato que não accusasse de mal temperado ; faltava-lhe o tempero do amor : o chá não se podia tomar, o dia estava frio de enregelar, toda a gente de sua casa a olhava com mãos olhos ; seu proprio irmão tinha um

defeito imperdoavel, era estudante, pertencia a uma classe cujos membros são, sem excepção, sem excepção nenhuma, (bradava ella, lindamente enraivecida) falsos, mãos, mentirosos, e até... feios. Á tarde sentiu-se incommodada, retirou-se, não ceou, e não dormiu.

Tudo n'este mundo é mais ou menos compensado; o amor não podia deixar de fazer parte da regra: elle, que de um nadazinho tira motivos para o prazer de dias inteiros, que de uma flôr já murcha engendra o mais vivo contentamento; que por um só cabello faz escarcêos taes que nem mesmo a sôrte grande os causaria; que por uma cartinha de cinco linhas põe os labios de um pobre amante em inflammação aguda com o estalar de tantos beijos; se não produzisse tambem agastados arrufos, ás vezes algumas colicas, outras amargôres de boca, palpitações, ataques de hypocondria, pruido de canellas, etc., seria tão completa felicidade cá em baixo, que a terra chegaria a lembrar-se de ser competidora do Céu.

Um exemplo d'essa regra está sendo a nossa cara menina. Coitadinha! vai passando uma semana de ciumes e amarguras: acordando-se ao primeiro trinar do canario, ella busca o rochedo, e, com os olhos embebidos no mar,

canta muitas vezes a balada de Ahy, repetindo com fogo a estróphe que tanto lhe condiz, por principiar assim :

« Eu tenho quinze annos,  
E sou morena e linda. »

E quando o sol começa a fazer-se quente, deixa o rochedo, para passar o dia inteiro no fundo do seu gabinete, ou ao lado de sua bôa avó, que mal pôde consolal-a ; porque, conhecendo já a causa da tristeza da querida neta, teme vê-la fugir vermelha de pejo, se não fingir com finura que ignora o estado de seu coração.

O dia de sexta feira trouxe ainda algumas novidades á ilha de... A Sra. D. Anna recebeu cartas que a tornárão talvez menos triste, mas sem duvida muito pensativa : a presença da linda neta parecia alentar mais essas reflexões, que se prolongárão até a tarde do dia seguinte, em que um velho e particular amigo de sua familia veio da côrte visital-a, e com a respeitavel senhora ficou duas horas conferenciando a sós.

Esse homem despediu-se emfim da Sra. D. Anna, deixando-a cheia de prazer ; e no momento, em que saltava dentro do seu batel,

vendo a interessante Moreninha, que tristemente passeava á bórda do mar, saudou-a com esta simples palavra, e apontando para o Céu :

— Esperança !

D. Carolina levantou a cabeça, e viu que já o batel, cortava as ondas ; mas, como para corresponder a tão animador cumprimento, ella por sua vez apontou tambem para o Céu, e pondo a outra mão no lugar do coração, disse :

— Esperarei.



## XXIII.

### A esmeralda e o camaféu.

---

D. Carolina passou uma noite cheia de pena e cuidados, porém já menos ciumenta e despeitada; a boa avó livrou-a d'esses tormentos: na hora do chá, fazendo com habilidade e destreza cahir a conversação sobre o estudante amado, disse:

— Aquelle interessante moço, Carolina, parece pagar-nos bem a amizade que lhe temos: não entendes assim?...

— Minha avó... eu não sei.

— Dize sempre: pensarás acaso de maneira diversa? A menina hesitou um instante, e depois respondeu:

— Se elle pagasse bem, teria vindo domingo.

— Eis uma injustiça, Carolina; desde sabba-do á noite que Augusto está na cama, prostrado por uma enfermidade cruel.

— Doente?! (exclamou a linda Moreninha extremamente commovida) doente?... em perigo?....

— Graças a Deos, ha dous dias ficou livre d'elle; hoje já pôde chegar á janella: assim me mandou dizer Fellippe.

— Oh !... pobre moço !... senão fosse isso, teria vindo ver-nos !...

E pois todos os antigos sentimentos de ciúme e temor da inconstancia do amante se trocarão por anciosas inquietações a respeito de sua molestia.

No dia seguinte, ao amanhecer, a amorosa menina despertou, e buscando o toucador, a uma semana esquecido, dividiu seus cabellos nas duas costumadas bellas tranças, que tanto gostava de fazer ondear pelas espadoas; vestiu o estimado vestido branco, e correu para o rochedo.

— Eu me alinhei ( pensava ella ) porque emfim... hoje é domingo, e talvez... como hontem já pôde chegar á janella, consiga com algum esforço vir vêr-me.

E quando o sol começou a reflectir seus raios sobre o liso espelho do mar, ella principiou tambem a cantar sua balada :

« Eu tenho quinze annos,  
E sou morena e linda. »

Mas, como por encantamento, no instante mesmo em que ella dizia no seu canto :

« Lá vem sua piroga  
Cortando leve os mares... »

um lindo batelão appareceu ao longe, voando com aza entumecida para a ilha. Com força e commoção desusadas bateu o coração a D. Carolina, que calou-se, para só empregar no batel que vinha attentas vistas, cheias de amor e de esperança. Ah ! era o batel suspirado.

Quando o ligeiro barquinho se aproximou sufficientemente, a bella Moreninha distinguiu dentro d'elle Augusto, sentado junto de um respeitavel ancião, a quem não pôde conhecer: então ella, vendo que chegavão á praia, fingiu não têl-os sentido, e continuou sua balada :

« Emfim abica á praia.  
Emfim salta apressado... »

Augusto com effeito saltava n'esse momento fóra do batel : depois deu a mão a seu pai para ajudal-o a desembarcar ; e D. Carolina, que ainda não mostrava dar fê d'elles, proseguiu seu canto, até que, quando dizia :

Quando ha de elle correr  
Sómente p'ra me vêr... »

sentiu que Augusto corria para ella. Prazer immenso inundava a alma da menina, para que

possa ser descripto : como todos prevem, a balada foi n'essa estróphe interrompida, e D. Carolina, aceitando o braço do estudante, desceu do rochedo, e foi complimentar o pai d'elle.

Ambos os amantes comprehendêrão o que queria dizer a pallidez de seus semblantes, e os vestigios de um padecer de oito dias : guardarão silencio ; não tiverão uma palavra para pronunciar ; tiveram só olhares para trocar, e suspiros a verter : e para que mais ?...

A Sra. D. Anna recebeu com sua costumada affabilidade o pai de Augusto, e abraçou a este com ternura. Ao servir-se o almoço ella lhe perguntou :

— Porque não veio meu neto ?

— Ficou para vir mais tarde com nossos dous amigos Leopoldo e Fabricio.

— Então teremos um excellente dia.

— Eu o espero.

Uma hora depois, o pai de Augusto e a Sra. D. Anna conferenciavão a sós ; e os dous namorados achavão-se defronte um do outro no vão de uma janella.

E elles continuavão no silencio ; mas olhavão-se com fôgo.

Augusto parecia querer communicar alguma cousa bem extraordinaria à sua interessante

amada ; porém sempre estremecia ao entreabrir os labios.

E D. Carolina, conscia já de sua fraqueza, e como lembrando-se dos pezares que tinha soffrido, não sabia mais servir-se de seus sorrisos com a malicia do tempo da liberdade, e mostrava-se esquecida de seu viver de alegrias e travessuras.

Alguma grande resolução obrigava o moço a estar silencioso, como tremendo pelo exito d'ella?...

No fim de muito tempo, elles havião conseguido dizer-se :

— O mar está bem manso.

— O dia está sereno.

Felizmente para elles, a Sra. D. Anna os convidou a entrar no gabinete ; Augusto para ahi se dirigiu tremendo, D. Carolina curiosa: quando elles se sentárão, o ancião fallou :

— Augusto, eu acabo de obter d'esta respeitavel senhora a honra de te julgar digno de pretendes a mão de sua linda neta ; agora resta que alcances o sim da interessante pessoa que amas. Falla.

Tanto D. Carolina, como o pobre estudante, ficarão còr de nacar ; houve bons cinco minutos de silencio : o pai de Augusto instou para que

elle fallasse, e o bom do rapaz não fez mais que olhar para a moça com ternura, abrir a boca, e fechal-a de novo, sem dizer palavra.

A Sra. D. Anna tomou então a palavra e disse sorrindo-se :

— Emfim, é necessario que os ajudemos: Carolina, o Sr. Augusto te ama, e te quer para sua esposa; tu que dizes?...

Nem palavra.

Foi preciso que se repetisse pela terceira vez a pergunta, para que a menina, sem levantar a cabeça, murmurasse apenas :

— Minha avó... eu não sei.

— Pois creio que ninguem melhor que tu o poderá saber. Desejas que eu responda em teu nome?...

A bella Moreninha pensou um momento... não pôde vencer-se, sorriu-se como se sorria d'antes, e, erguendo a cabeça, disse :

— Eu rogo que d'aqui a meia hora se vá receber a minha resposta na gruta do jardim.

— Quererás consultar a fonte? Pois bem iremos.

D. Carolina sahiu com ar meio acanhado e meio maligno. Passados alguns instantes, a Sra. D. Anna, como quem estava certa do resultado da meia hora de reflexao, e já por tal

podia gracejar com os noivos, disse a Augusto:

— O senhor não quer reflectir tambem no jardim ?

O estudante não esperou segundo conselho, e para logo dirigiu-se á gruta. D. Carolina estava sentada no banco de relva ; seu rosto, sem poder occultar a commoção e o pejo que lhe produzia o objecto de que se tratava, tinha comtudo retomado o antigo verniz do prazer e malicia ; vendo entrar o moço, disse :

— Eu creio que ainda se não passou meia hora.

— Ah ! podia eu esperar tanto tempo ?...

— Acaso veio perguntar-me alguma cousa ?..

— Não, minha senhora ; eu só venho ouvir a minha sentença.

— Então... pede-me para sua... esposa ?...

— A senhora o ouviu a pouco.

— Pois bem, Sr. Augusto ; veja como verificou-se o prognostico que fiz do seu futuro ! Não se lembra que aqui mesmo lhe disse « que não longe estava o dia em que o senhor havia de esquecer sua mulher ? »

— Oh ! isso é uma recommendação contra a sua constancia !...

— Mas eu nunca fui casado... ( murmurou o estudante. )

— E quem tem culpa de tudo, senhora?...

— Muito a tempo ainda me lança em rosto a parte que tenho na sua infidelidade; pois eu emendarei a mão agora. O senhor ha de cumprir a palavra que deu a sete annos!

Augusto recuou dous passos.

— O senhor é um moço honrado; (continuou a cruel Moreninha) e portanto cumprirá a palavra que deu, e só casará com sua desposada antiga.

— Oh!... agora já é impossível!!

— Ella deve ser uma bonita moça!... teria razão de queixar-se contra mim, se eu roubasse um coração que lhe pertence... até por direito de antiguidade: ora eu, apezar de ser travêssa, não sou má; e portanto o senhor só será esposo d'essa menina.

— Jámais!...

— Juro-lhe que ha de sêl-o.

— E quem me poderá obrigar?...

— Eu, pedindo.

— A senhora?...

— E a honra, mandando.

— Para que pois animou o amor que pela senhora sinto?...

— Para satisfazer a minha vaidade de moça; sómente para isso. Eu o ouvi gabar-se de que

nenhuma mulher seria capaz de conservá-lo em amoroso enleio por mais de tres dias, e desejei vingar a injuria feita a meu sexo : trabalhei, confesso que trabalhei por prendel-o; fiz talvez mais do que devia, só para ter a gloria de perguntar-lhe uma vez, como agora o faço: « Então, senhor, quem venceu, o homem ou a mulher?.. »

— Foi a belleza !

— Porém já passou o tempo do galanteio : e eu devo lembrar-lhe o dever, que com a paixão esquece. Escute : de idade de treze annos, o senhor amou uma linda e travêssa menina, que contava apenas sete.

— Já a senhora em outra occasião me disse isso mesmo.

— Junto ao leito de um moribundo jurou que havia de amal-a para sempre.

— Foi um juramento de criança.

— Embora, foi um juramento ; trocou com ella ahí mesmo prendas de amor : e quando a menina lhe apresentar a que recebeu, e lhe pedir a que lhe offereceu e o senhor aceitou?..

— Ah ! senhora !...

— Quando o velho moribundo, dando-lhe o breve de côr branca, disse — tomai este breve, cuja côr exprime a can lura da alma d'aquel-

la menina ; elle contém o vosso camafeu : se tendes bastante força para ser constante e amar para sempre aquelle bello anjo, dai-lh'o, para que ella o guarde com desvelo — porque deu o senhor o breve á menina ?...

— Porque eu era um louco !.. uma criança !..

— E nem ao menos se lembra de que o velho disse com voz inspirada : « Deus paga sempre a esmola que se dá ao pobre !... lá no futuro vós o sentireis ? » Não tem o senhor esperança de ver realizar-se essa bella prophecia ? não se lembra de ouvi-la ?... Pois ella souou bem docemente no meu coração, quando ás escondidas a escutei repetida n'esta gruta por seus labios.

— Oh ! mas porque Deus não me prendeu a essa menina nos laços indissolueis. antes que eu visse o lindo anjo d'esta ilha ?...

— E como, senhor, posso eu acreditar nos seus protestos de ternura e constancia, se já o vejo faltar á fé a outra !... Senhor ! senhor ! o que foi que prometteu a sete annos passados ?..

— Então eu não pensava no que fazia.

— E agora pensa no que quer fazer ?

— Penso que sou um desgraçado, um louco !.. penso que é uma barbaridade inqualificavel que, enquanto eu padeço e soffro mil torturas, deixe

a senhora brincar nos seus lábios o sorriso com que costuma encantar para matar ; penso...

— Acabe !

— Penso que devo fugir para sempre d'esta ilha fatal, deixar aquella cidade detestavel ; abandonar esta terra de minha patria, onde não posso ser outra vez feliz !... penso que a lembrança do meu passado faz a minha desgraça, que o presente me enlouquece e me mata, que o futuro... Oh ! já não haverá futuro para mim !... Adeos, senhora !...

— Então parte ?...

— E para sempre.

D. Carolina deixou cahir uma lagrima, e falou ainda, mas já com voz fraca e tremula :

— Sim, deve partir... vá... talvez encontre aquella a quem jurou amor eterno.... Ah ! senhor ! nunca lhe seja perjuro.

— Se eu a encontrasse !...

— Então ?... que faria ?...

— Atirar-me-hia a seus pés, abraçar-me-hia com elles, e lhe diria : « Perdoai-me, perdoai-me, senhora : eu já não posso ser vosso esposo ! tomai a prenda que me destes... »

E o infeliz amante arrancou debaixo da camisa um breve, que convulsivamente apertou na mão.

— O breve verde !... (exclamou D. Carolina)  
o breve que contém a esmeralda !...

— Eu lhe diria (continuou Augusto) « recebi este breve, que já não devo conservar; porque eu amo outra, que não sois vós, que é mais bella e mais cruel do que vós !...

A scena se estava tornando pathetica ; ambos choravão, e só passados alguns instantes a inexplicavel Moreninha pôde fallar, e responder ao triste estudante.

— Oh ! pois bem ; (disse) vá ter com sua antiga desposada, repita-lhe o que acaba de dizer ; e se ella ceder, se perdoar, volte, que eu serei sua... esposa.

— Sim... eu corro !... Mas, meu Deus, onde poderei achar essa moça, a quem não tornei a ver, nem poderei conhecer ?... onde, meu Deus ?... onde ?...

E tornou a deixar correr o pranto, por um momento suspendido.

— Espere ; (tornou D. Carolina) escute, senhor. Houve um dia, quando minha mãe era viva, em que eu tambem socorri um velho moribundo ; como o senhor e sua camarada, matei a fome de sua familia, e cobri a nudez de seus filhos ; em signal de reconhecimento, tambem esse velho me fez um presente, deu-me uma

reliquia milagrosa, que, asseverou-me elle, tem o podêr uma vez na vida de quem a possui, de dar o que se deseja : eû cosi essa reliquia dentro de um breve ; ainda não lhe pedi cousa alguma, mas trago-a sempre comigo ; eu lh'a cedo... tome o breve, descosa-o, tire a reliquia, e á mercê d'ella encontre sua antiga amada, obtenha o seu perdão, e me terá por esposa.

— Isto tudo me parece um sonho ; (respondeu Augusto) porém dê-me, dê-me esse breve!

A menina com effeito entregou o breve ao estudante, que começou a descosel-o precipitadamente. Aquella reliquia, que se dizia milagrosa, era sua ultima esperanza ; e, semelhante ao naufrago que no derradeiro extremo se agarra á mais leve taboa, elle se abraçava com ella. Só falta a derradeira capa do breve... eil-a que cede e se descose... salta uma pedra... e Augusto, enthusiasmado e como delirante, cahe aos pés de D. Carolina, exclamando :

— O meu camafeu !... o meu camafeu !...

A Sra. D. Anna e o pai de Augusto entrão n'esse instante na gruta, e encontrão o feliz fervoroso amante de joêlhos, e a dar mil beijos nos pés da linda menina, que tambem por sua parte chorava de prazer.





— Que loucura é esta ? ( perguntou a Sra. D. Anna ).

— Achei minha mulher !... ( bradava Augusto ) encontrei minha mulher !... encontrei minha mulher !...

— Que quer dizer isto, Carolina ?...

Ah ! minha boa avó ! ( respondeu a travessa Moreninha ingenuamente ) nós eramos conhecidos antigos.



## EPÍLOGO.

---

A chegada de Fellippe, Fabricio e Leopoldo veio dar ainda mais viveza ao prazer que reinava na gruta: o projecto de casamento de Augusto e D. Carolina não podia ser um mysterio para elles, tendo sido, como foi, elaborado por Fellippe, de accordo com o pai do noivo, que fizera a proposta, e com o velho amigo que ainda no dia antecedente viera concluir os ajustes com a Sra. D. Anna; e portanto, o tempo que se gastaria em explicações passou-se em abraços.

— Muito bem! muito bem! (disse por fim Fellippe) quem poz o fogo ao pé da polvora fui eu, que obriguei Augusto a vir passar o dia de Sanct'Anna connosco.

— Então estás arrependido?.

— Não, por certo, apesar de me roubares minha irmã: finalmente para este thesouro sempre teria de haver um ladrão: ainda bem que foste tu que o ganhaste.

— Mas, meu maninho, elle perdeu ganhando..

— Como?.

— Estamos no dia 20 de Agosto: um mez!

— É verdade!... um mez!... (exclamou Fellippe).

— Um mez!... ( gritarão Fabricio e Leopoldo).

— Eu não entendo isto! (disse a Sra. D. Anna).

— Minha bôa avó, (acudiu a noiva) isto quer dizer que finalmente está presa ã borboleta.

— Minha bôa avó, (exclamou Fellippe) isto quer dizer que Augusto deve-me um romance.

— Já está prompto ( respondeu o noivo )

— Como se intitula?

— A MORENINHA.

F I M



---

TYP. IMPARCIAL DE J. M. N. G. RUA DA CARIOCA N. 24.

---

# ROMANCES

DO

Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo

À VENDA

**Em casa de D. J. Gomes Brandão**

*Rua da Quitanda n. 70 e 124:*

**O MOÇO LOIRO**

Dous vol: brochados 3U500 : encadernados 4U500.

A

**NEBULOSA**

Poema=romance

DEDICADO

A S. M. O IMPERADOR.

UM VOLUME

*Brochado 3,000 ; encadernado 3,500.*

**A ROSA**

*Em dous vol: encadernados — 4U500.*

**OS DOIS ANJOS**

**Em dous vol : encadernados — 4U500.**











## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).